UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

VIVÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE ESTUDANTES SOBRE OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristiano Aparecido Constantino Pereira

BAURU – SP
2025

CRISTIANO APARECIDO CONSTANTINO PEREIRA

VIVÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE ESTUDANTES SOBRE OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, na Faculdade de Ciências – UNESP/Campus de Bauru, sob a orientação da Profª Drª Lílian Aparecida Ferreira.

BAURU – SP
2025

Pereira, Cristiano Aparecido Constantino.
Vivências e reflexões entre estudantes sobre os conflitos nas aulas de educação física / Cristiano Aparecido Constantino Pereira. – Bauru, 2025.
170 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru.
Orientadora: Lílian Aparecida Ferreira

1. Ensino. 2. Práticas Corporais. 3. Conflitos. 4. Interações. 5. Diálogo. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CRISTIANO APARECIDO CONSTANTINO PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 27 dias do mês de fevereiro do ano de 2025, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de CRISTIANO APARECIDO CONSTANTINO PEREIRA, intitulada **"VIVÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE ESTUDANTES SOBRE OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA." e produto educacional " JOGANDO LIMPO: COMO RESOLVER CONFLITOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Prof. Dr. MURILO EDUARDO DOS SANTOS NAZARIO (Participação Virtual) do(a) Educação Física / Unesp - Rio Claro, Profa. Dra. NILZA COQUEIRO PIRES DE SOUSA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências do Esporte / Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO.

Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

gov.br Documento assinado digitalmente
LILIAN APARECIDA FERREIRA
Data: 27/02/2025 11:16:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. LILIAN APARECIDA FERREIRA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor incondicional, pelos valores que me transmitiram e pelo apoio constante em cada etapa da minha jornada de estudos. Mesmo sem terem plena consciência da importância deste estudo para minha vida pessoal e profissional, sempre foram minha maior motivação para seguir em frente e sempre estudar. Meu desejo sempre foi que, ao olharem para mim, enxergassem a realização daquilo que almejaram, mas não tiveram a oportunidade de concluir, seus estudos. Sei que não é o mesmo que viver essa experiência pessoalmente, mas espero que, ao me verem, sintam orgulho e satisfação.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de uma jornada repleta de aprendizados, desafios e conquistas que só foi possível graças à colaboração, apoio e incentivo de muitas pessoas especiais.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela saúde, força e sabedoria em cada passo deste percurso.

À minha família, minha base e meu alicerce, por acreditar em mim, mesmo nos momentos em que duvidei das minhas próprias capacidades. Em especial, aos meus pais, José Maria Pereira e Clotilde Constantino Pereira, aos meus irmãos, Antonio e Juliano, e às minhas irmãs, Daniele e Graciele. Gratidão por fazerem parte das pessoas que mais importam em minha vida!

Não menos importante, agradeço imensamente a minha amada esposa Debora, minha companheira de vida, que esteve ao meu lado em cada passo desta jornada. Seu carinho, compreensão e paciência foram fundamentais, sempre me apoiando incondicionalmente, mesmo nos períodos de intensa dedicação a este trabalho e nas minhas ausências.

À minha orientadora, Profª. Drª. Lilian Aparecida Ferreira, esta ser humano incrível. Agradeço imensamente pelo aceite em me orientar, pela confiança depositada em mim, pela orientação cuidadosa e pelos valiosos ensinamentos transmitidos, que foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e profissional. Seu apoio e incentivo, especialmente nos momentos em que cogitei desistir, foram fundamentais para a continuidade e a concretização deste trabalho. Minha eterna gratidão!

Aos meus colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisa das Abordagens Táticas dos Esportes Coletivos (NEPATEC), agradeço pelas partilhas que sempre agregaram para o meu aprendizado e enriqueceram esta jornada com trocas de ideias, parcerias e apoio. Essa colaboração mostrou o quanto essa conexão é essencial e transformadora.

Ao Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da Unesp de Bauru, por me proporcionar um ambiente desafiador e inspirador, que estimulou o desenvolvimento do meu potencial e viabilizou a realização deste estudo.

Ao Prof. Dr. Murilo Eduardo dos Santos Nazário, por sua motivação e encorajamento para que eu seguisse nessa profissão, cheia de desafios, que é ser professor. Minha gratidão se estende, ainda mais, pelo aceite em compor a banca examinadora, ao lado da Profª. Drª. Nilza Coqueiro Pires de Sousa. As contribuições de vocês foram pontuais e muito valiosas, enriquecendo imensamente este trabalho. Sinto-me honrado por contar com a participação de ambos.

Agradeço ainda aos meus ex-alunos e ex-alunas que participaram dessa pesquisa, dentre os/as vários/as estudantes que tive o prazer de lecionar, apesar das dificuldades que enfrentamos, vocês sempre terão uma lembrança especial em minha memória.

Agradeço também a diretora da escola onde foi realizada a pesquisa, pela autorização concedida, pelo constante apoio e acolhimento, que sempre me motivaram. Meu agradecimento se estende também a todos/as os/as professores/as e funcionários/as dessa instituição, pelo acolhimento, paciência e disponibilidade durante esta jornada.

Por fim, agradeço a cada pessoa que, direta ou indiretamente, fez parte desta trajetória e contribuiu para a concretização deste trabalho. Levo comigo cada aprendizado e cada gesto de apoio como um incentivo para seguir adiante.

Muito obrigado!

PEREIRA, C. A. C. Vivências e reflexões entre estudantes sobre os conflitos nas aulas de Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Bauru, 2025.

RESUMO

No ambiente escolar é possível observar vários enfrentamentos, o que tende a ocasionar conflitos entre os/as estudantes. Estes conflitos, dentre outras questões, podem estar relacionados aos marcadores sociais, resultando em discussões, desentendimentos e, em casos mais graves, *bullying* e agressões físicas. Os marcadores sociais são características reconhecidas culturalmente, como gênero, raça, classe social, entre outros. Eles podem levar à discriminação e marginalização de certos grupos sociais, comprometendo seus direitos. Na Educação Física escolar, esses marcadores podem afetar a participação dos alunos e das alunas nas aulas, configurando processos de exclusão. O marcador gênero tem se destacado como um dos que mais alimenta conflitos nas interações entre os/as alunos/as nas práticas corporais. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa foi analisar uma proposta pedagógica, com atividades que envolveram a vivência de práticas corporais, para as reflexões dos/as estudantes sobre os conflitos identificados nas aulas de Educação Física. O estudo assentou-se na abordagem qualitativa de pesquisa caracterizado pela perspectiva da intervenção pedagógica, envolvendo uma ação ao longo de um semestre letivo. O professor da turma foi simultaneamente o docente e o pesquisador da investigação, sendo denominado professor-pesquisador. Os/as participantes do estudo foram 25 estudantes de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola do interior do estado de São Paulo. Para a coleta de dados, foram utilizados diários de aula elaborados pelo professor-pesquisador, rodas de conversa, entrevista, confecção de cartazes por parte dos/as alunos/as. A intervenção do professor-pesquisador mostrou-se fundamental para a realização do estudo, sendo evidenciada pelo reconhecimento por parte dos/as alunos/as. Os/as estudantes identificaram conflitos relacionados à competitividade excessiva e à exclusão entre os gêneros em determinadas atividades. Diante disso, as estratégias de ensino utilizadas propiciaram reflexões a partir das vivências, demonstrando a influência de aspectos sociais e culturais na interação durante as práticas corporais. Os/as estudantes, na confecção dos cartazes, identificaram conflitos nas aulas e apresentaram alternativas para minimizá-los, dando destaque ao diálogo entre os/as participantes. Além disso, parece ter sido despertado entre os/as estudantes a preocupação com a inclusão e com o respeito às diferenças, demonstrando uma mudança na percepção e nas atitudes dos/as alunos/as durante as aulas. Os resultados indicaram que uma abordagem pedagógica que valorize a reflexão e o diálogo pode contribuir para a ressignificação dos conflitos, promovendo um ambiente mais inclusivo e colaborativo nas aulas de Educação Física. Ainda assim, são necessárias mais pesquisas para cotejar dados e analisar, com mais tempo de duração, a influência dos marcadores sociais na manifestação dos conflitos nas interações entre os/as estudantes e as práticas corporais.

Palavras-chave: Ensino. Práticas Corporais. Conflitos. Interações. Diálogo.

ABSTRACT

In the school environment, it is possible to observe several confrontations, which tend to cause conflicts between students. These conflicts, among other issues, may be related to social markers, resulting in arguments, disagreements and, in more serious cases, bullying and physical aggression. Social markers are culturally recognized characteristics, such as gender, race, social class, among others. They can lead to discrimination and marginalization of certain social groups, compromising their rights. In school Physical Education, these markers can affect the participation of male and female students in classes, configuring processes of exclusion. The gender marker has stood out as one of the most fueling conflicts in interactions between students in physical practices. In this sense, the objective of this research was to analyze a pedagogical proposal, with activities that involved the experience of physical practices, for the reflections of students on the conflicts identified in Physical Education classes. The study was based on the qualitative research approach characterized by the perspective of pedagogical intervention, involving an action throughout a school semester. The teacher of the class was simultaneously the teacher and the researcher of the investigation, and was called the teacher-researcher. The study participants were 25 students from a 5th grade class of Elementary School in a school in the interior of the state of São Paulo. For data collection, class diaries prepared by the teacher-researcher, discussion groups, interviews, and posters made by the students were used. The intervention of the teacher-researcher proved to be fundamental for the study to be carried out, as evidenced by the recognition by the students. The students identified conflicts related to excessive competitiveness and exclusion between genders in certain activities. In view of this, the teaching strategies used provided reflections based on experiences, demonstrating the influence of social and cultural aspects on the interaction during physical activities. When making the posters, the students identified conflicts in the classes and presented alternatives to minimize them, highlighting the dialogue between the participants. Furthermore, concerns about inclusion and respect for differences seem to have been raised among students, demonstrating a change in their perception and attitudes during classes. The results indicated that a pedagogical approach that values reflection and dialogue can contribute to the redefinition of conflicts, promoting a more inclusive and collaborative environment in Physical Education classes. Even so, more research is needed to collate data and analyze, over a longer period of time, the influence of social markers on the manifestation of conflicts in interactions between students and physical practices.

Keywords: Teaching. Body Practices. Conflicts. Interactions. Dialogue.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Rampa de acesso dos/as alunos/as 40
Imagem 2. Corredor das salas de aula 40
Imagem 3. Rampa de acesso à quadra 40
Imagem 4. Tela para contenção de pombos 40
Imagem 5. Arquibancada 40
Imagem 6: Dejetos de pombos 40
Imagem 7. Quadra 41
Imagem 8. Bebedouro inativo da quadra 41
Imagem 9. Acesso aos vestiários e depósitos 41
Imagem 10. Depósito da Educação Física 41
Imagem 11: Vestiário masculino inativo 41
Imagem 12. Vestiário feminino inativo 41
Imagem 13. Cartaz Grupo I 69
Imagem 14. Cartaz Grupo II 69
Imagem 15. Cartaz Grupo III 69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos/as participantes do estudo 38
Quadro 2: Cronograma de atividades realizadas 42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

NEPATEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas nos Esportes Coletivos

PEB II – Professor de Educação Básica II

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14
CAPITULO 1: MARCADORES SOCIAIS NAS RELAÇÕES COM OS CONFLITOS..... 24
1.1 Relações entre marcadores sociais e os conflitos..... 24
1.2 Interações entre os/as estudantes nas práticas corporais nas aulas de Educação Física..... 28
CAPÍTULO 2: DIÁLOGO E ACOLHIMENTO NAS INTERAÇÕES ENTRE OS/AS ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... 31
2.1 Diálogo e acolhimento no ensino da Educação Física..... 31
CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA..... 36
3.1 Tipo de pesquisa..... 36
3.2 Participantes do estudo..... 37
3.3 Contexto da pesquisa: caracterização e ações propostas..... 39
3.4 Técnicas de coletas de dados..... 45
3.5 Análise dos dados..... 48
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO 50
4.1 As relações entre as ações docentes e os/as estudantes na vivência das práticas corporais e dos conflitos..... 50
4.2 Desafios do ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais..... 58
4.3 Possibilidades para o ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais..... 68
CONSIDERAÇÕES FINAIS 76
REFERÊNCIAS..... 80
APÊNDICES..... 85
Apêndice A - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido..... 85
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 86
Apêndice C - Carta de solicitação para realização de pesquisa..... 88
Apêndice D - Diários de aula..... 90
Apêndice E - Rodas de conversa..... 135
Apêndice F - Transcrições das entrevistas finais..... 143

ANEXOS..... 166
Anexo A - Aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética..... 166

INTRODUÇÃO

Para falar das motivações que contribuíram para a realização deste trabalho, torna-se necessário revisitar momentos fundamentais da minha infância e adolescência. A reflexão sobre a minha jornada educacional, abrangendo tanto o ensino básico quanto o superior, é reveladora do quanto essas experiências influenciaram a minha trajetória até o presente momento no qual atuo como docente na escola. Essa retrospectiva permite uma compreensão mais profunda das raízes e inspirações por trás deste estudo.

Desde muito tempo, fui apaixonado por esportes e sempre me destaquei por ser uma criança muito ativa fisicamente. O futebol, em particular, tem um lugar especial em minhas memórias. Isso se deve em grande parte ao meu pai, um entusiasta do futebol amador, cuja paixão pelo esporte teve um impacto significativo em mim e no meu irmão mais velho. Juntos, nós costumávamos improvisar partidas de futebol 1x1, usando objetos para marcar os golzinhos[1], uma necessidade nascida do fato de morarmos em uma área rural, longe de vizinhos que pudessem se juntar a nós.

Embora eu nunca tenha tido a oportunidade de ver meu pai jogar no futebol amador, as histórias contadas por meus tios e conhecidos que o viram em campo sempre me fascinaram. Eles relatavam que a habilidade do meu pai era notável, ao ponto de ele poder ter sido um jogador profissional se tivesse tido uma oportunidade. Essas narrativas, repletas de admiração e respeito, não apenas me enchem de orgulho de meu pai, mas também se somam a outros fatores que foram significativas para minha trajetória até a escolha para o curso de graduação.

Ao longo dos anos, com as mudanças que meus pais realizaram em busca de melhores oportunidades de trabalho, sempre em áreas rurais, começamos a ter vizinhos mais próximos. Essa proximidade permitiu que eles se juntassem a nós nos bate-bola aos finais das tardes e durante os finais de semana. Mais tarde, já na adolescência, formamos nossa própria equipe de futsal. Organizávamos partidas

[1] Metas do futebol improvisadas com tamanhos reduzidos e sem o travessão.

contra outros times formados por colegas da escola, puramente como *hobby*[2]. Inclusive, chegamos a participar de alguns campeonatos amadores organizados pelo município que residíamos.

Já no ambiente escolar, reconheço uma certa influência para minhas decisões futuras. Utilizo o termo “certa influência” devido ao fato de não ter sido oferecido o componente curricular Educação Física durante grande parte do meu ensino fundamental e uma parte do ensino médio. Na época que entrei na escola não era obrigatório ter cursado o ensino infantil, sendo assim, iniciei diretamente na antiga 1ª série. Por residir em zona rural, a escola também era num bairro rural, mas não tinha aulas específicas de Educação Física. Estudei nessa escola até a 3ª série do ensino fundamental. A partir da 4ª série, todos os alunos que estudavam nessa escola foram transferidos para uma escola na área urbana, devido ao encerramento da nossa antiga escola. Já na nova escola, era oferecida a tão esperada Educação Física, todavia, no contraturno das aulas regulares, sendo assim, para os alunos da zona rural que dependiam de transporte escolar, o que era o meu caso, ainda continuamos sem as aulas de Educação Física. Somente a partir da 6ª série tive a oportunidade de participar das aulas de Educação Física. Contudo, logo no meu primeiro ano do ensino médio, voltei a ficar sem as aulas de Educação Física, pois estudei no período noturno e o componente curricular em questão não era oferecido aos estudantes que estudavam à noite.

Durante os poucos anos em que tive aulas de Educação Física no ginásio, sempre houve uma divisão clara nas atividades: os meninos jogavam futsal, enquanto as meninas jogavam vôlei ou, em algumas ocasiões, permaneciam sentadas sem participar de nenhuma atividade.

A paixão pelo futebol que me acompanhou até aquele momento da minha vida, somada a frustação de não ter concretizado o meu sonho de ser um jogador de futebol profissional, me conduziu para cursar a graduação em Educação Física. Foram quatro anos perseverando em cursinhos pré-vestibulares até, finalmente, conquistar uma vaga na universidade dos meus sonhos, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a UNESP. Desistir nunca foi uma opção para mim.

Durante a minha graduação, desenvolvi uma forte afinidade pela área da saúde, participando ativamente de projetos e obtendo bolsas de estudo, com a

[2] Atividade exercida exclusivamente como forma de lazer, de distração; passatempo.

aspiração de seguir uma carreira acadêmica. Sempre deixei as disciplinas pedagógicas e relacionadas à Educação em segundo plano em minha graduação. A ideia de lecionar em escolas nunca me pareceu atraente, especialmente após ouvir diversos relatos e queixas de professores experientes na área.

Logo no primeiro semestre de aulas na faculdade, durante uma atividade em que era necessário assistir a uma aula de Educação Física, fui desencorajado pelos próprios professores a prosseguir na área escolar. Apesar desses relatos e minha falta de interesse pela área educacional, sempre em minhas reflexões questionava comigo mesmo: se a área escolar não era tão boa assim, por que havia tantos professores nas escolas? Mas, ao longo do tempo, essa interrogação acabou deixando de ser algo buscado por mim, ficando sem resposta.

Os meus anos na graduação foram se passando e, nos anos finais do curso, as disciplinas das áreas vinculadas à licenciatura ganharam mais relevo no currículo, as quais os estágios em escolas eram obrigatórios. Primeiro no ensino infantil, depois ensino fundamental I e II e, por fim, no ensino médio. Nestes estágios, tive a oportunidade de formar minhas próprias conclusões a respeito daquela interrogação inicial. Observei que o ambiente escolar e as aulas não eram tão desfavoráveis quanto os relatos que eu havia escutado de vários professores da área. A partir dessa experiência, passei a considerar a escola como uma possibilidade viável de atuação após concluir minha formação inicial.

Com a conclusão da graduação, enfrentei dificuldades para encontrar oportunidades profissionais fora do ambiente escolar. Diante disso, fiz a inscrição na Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo me colocando à disposição para ministrar aulas de Educação Física nas escolas públicas. Inicialmente, foi uma escolha por falta de opções, mas, com o tempo de atuação na docência, descobri uma verdadeira paixão em ensinar nas escolas.

Atualmente, continuo lecionando para o ensino infantil e anos iniciais do ensino fundamental, faixas etárias com as quais mais me identifico. Entretanto, ao longo dos anos de docência, percebi uma lacuna em minha formação. Sempre soube de que essa falha decorria de ter deixado de lado, ao longo de minha graduação, as disciplinas pedagógicas e da educação escolar. Com vistas a tentar minimizar essa lacuna, considerei a possibilidade de cursar um mestrado ligado ao campo educacional. Acreditava que essa experiência ampliaria significativamente meus

conhecimentos, enriquecendo o meu modo de ensinar e, consequentemente, beneficiando meus alunos.

Apesar da minha atração e forte interesse pelo futebol, uma grande paixão para mim, desenvolver esse conteúdo com meus alunos sempre representou um desafio significativo. Ensinar futebol e outros esportes no contexto de uma prática institucionalizada que, ao mesmo tempo, requer um processo de adaptação para proporcionar uma experiência inclusiva e enriquecedora aos/às estudantes, tem representado uma jornada de enfrentamentos constantes para mim.

Ainda na graduação, uma valiosa lição que aprendi foi a importância de não estimular estereótipos de gênero nas atividades esportivas, como o hábito de associar futebol aos meninos e voleibol às meninas. Percebi que essa abordagem não era apenas restritiva, mas também perpetuava estereótipos de gênero e negligenciava uma ampla variedade de interesses e possibilidades dos alunos e alunas. Compreendi então que era essencial fomentar a inclusão e o respeito pelas singularidades de cada pessoa, motivando todas as crianças a experimentarem um leque diversificado de práticas corporais[3], independente de gênero. Essa abordagem não apenas enriqueceria a experiência educacional delas, mas também promoveria um ambiente de aprendizagem com mais equidade e respeito.

Por esse motivo, as questões de conflitos relacionadas à participação dos diferentes gêneros nos esportes e jogos têm sido uma temática constante em minhas aulas. Destaco, em particular, a necessidade de desconstruir a percepção de superioridade que os meninos têm sobre as meninas. Este tema, logo que ingressei como docente na escola, sempre despertou meu interesse, embora eu não soubesse inicialmente como abordá-lo. Diante dessa realidade, percebi que o mestrado voltado para a educação escolar representaria uma oportunidade ideal para investigar estas particularidades vividas em minhas aulas. Assim, eu poderia experimentar e implementar junto com os/as estudantes práticas corporais com o objetivo de problematizar com eles e elas os conflitos relacionados aos estereótipos de gênero em nossas aulas de Educação Física.

A literatura sobre o tema sinaliza que no ambiente escolar é possível observar vários enfrentamentos (Altmann, 2015; Martins, 2022; Pereira, 2020; Souza Júnior,

[3] “São fenômenos que se mostram, prioritariamente, no plano corporal, constituindo-se em manifestações culturais de carácter lúdico, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras” (González; Fensterseifer, 2014, p. 526).

2022), o que tende a ocasionar conflitos entre os estudantes. Estes conflitos podem estar relacionados aos marcadores sociais, resultando em discussões, desentendimentos e, em casos mais graves, bullying e agressões físicas (Marques, 2019).

Segundo Altmann (2015), os conflitos envolvendo marcadores sociais na Educação Física escolar são uma realidade complexa e desafiadora que afeta tanto estudantes quanto professores/as. Marcadores sociais, como gênero, classe social, raça, orientação sexual e habilidades físicas, muitas vezes, desempenham um papel importante na maneira como as pessoas se relacionam com a Educação Física e como são percebidos/as pelos/as outros/as nesse contexto.

A classe social também desempenha um papel relevante na Educação Física escolar. Alunos de famílias de baixa renda podem enfrentar dificuldades para participar de atividades extracurriculares ou práticas corporais que exigem investimentos financeiros significativos. Isso pode criar desigualdades no acesso às oportunidades esportivas e no desenvolvimento de habilidades físicas (Sousa; Altmann, 1999).

Os aspectos étnicos igualmente assumem lugar de destaque nos conflitos na Educação Física. Para Corsino (2010), Crelier e Silva (2018), estereótipos e preconceitos raciais podem afetar a maneira como os estudantes são percebidos pelos colegas e professores, influenciando a inclusão e a oportunidade de participação igualitária em atividades esportivas.

A diversidade de habilidades físicas entre os estudantes também pode gerar conflitos. Alunos com habilidades atléticas superiores podem ser valorizados em detrimento daqueles com habilidades menos desenvolvidas. De acordo com Corsino, 2010), isso pode prejudicar a autoestima e a autoimagem de alguns estudantes.

Consequentemente, os conflitos envolvendo marcadores sociais na Educação Física escolar são uma realidade que precisa ser abordada de forma sensível e inclusiva. Ao criar um ambiente de respeito, igualdade e valorização da diversidade, educadores podem ajudar a transformar as aulas de Educação Física em processos educativos nos quais os enfrentamentos sejam problematizados, sensibilizando os estudantes a acessarem outros modos de pensar.

Marcadores sociais são características ou atributos que são amplamente reconhecidos em uma cultura como sendo importantes para a identidade de um

indivíduo e para as interações sociais (Souza, 2006). Todavia, podem ser usados para criar estereótipos e preconceitos, que podem levar à discriminação e à marginalização de certos grupos. Por outro lado, também podem ser fontes de orgulho e identidade para as pessoas que os representam.

No entanto, é importante lembrar que os marcadores sociais não são determinantes da identidade ou do comportamento de uma pessoa. Eles são apenas uma parte da identidade de uma pessoa e não definem completamente quem ela é. As pessoas têm a capacidade de se identificar de diferentes maneiras e de mudar isso ao longo do tempo (Souza Júnior, 2022).

A compreensão dos marcadores sociais pode ajudar a criar sociedades mais justas e comprometidas com a partilha de oportunidades para as diversidades, em que as diferenças são valorizadas e celebradas em vez de serem motivo de discriminação (Silva; Rigoni; Silva, 2021). Além disso, a conscientização dos marcadores sociais também pode ajudar as pessoas a entenderem suas próprias identidades e a se relacionarem melhor com as pessoas de diferentes origens. A compreensão da identidade individual e a interação com as diversidades se estende para além dos contextos sociais gerais, influenciando também ambientes específicos, como o da Educação Física escolar (Pereira, 2020).

Neste cenário, o reconhecimento e a conscientização sobre esses marcadores assumem um papel crucial. Ao serem identificados e compreendidos no contexto do ambiente escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, tais aspectos podem reconfigurar as interações e as experiências educacionais (Altmann, 2015). Isso acontece porque a Educação Física, frequentemente caracterizada por sua natureza prática e dinâmica, reflete e amplifica as dinâmicas sociais presentes entre os estudantes. Assim como foi observado por Marques (2019), a falta de compreensão desses marcadores sociais pode levar a tratamentos desiguais e, em certos casos, acentuar os conflitos em determinadas situações.

Com os estudos acerca dos conflitos relacionados aos marcadores sociais, comecei a perceber como os estereótipos de gênero influenciavam não apenas nas interações esportivas entre os/as estudantes, mas também no comportamento geral deles e delas na escola. Esta compreensão me levou a refletir sobre as dinâmicas de poder e as relações entre meninos e meninas no ambiente escolar. Com esta nova perspectiva, observei que as questões de conflitos articuladas com os gêneros não

estavam isoladas nas práticas corporais, mas se entrelaçavam com diversos aspectos da vida escolar, incluindo a socialização entre os estudantes.

Quando estes marcadores sociais remetem ao gênero, é importante reconhecer que o gênero tem um papel significativo na formação da identidade dos jovens. Nas escolas, as expressões de gênero são frequentemente enquadradas dentro de normas tradicionais, o que pode levar a discriminações e estereótipos (Pereira, 2020). Por exemplo, meninos podem ser encorajados a participar de atividades físicas que exigem força e agressividade, enquanto meninas são direcionadas para atividades mais graciosas e menos competitivas (Altmann, 2015).

Nas aulas de Educação Física as práticas corporais, tradicionalmente, têm sido associadas a estereótipos de masculinidade e feminilidade. De acordo com Pereira (2020), isso pode criar um ambiente de exclusão para alunos que não se encaixam nesses estereótipos, levando ao desinteresse e a sentimentos de exclusão.

As questões de gênero no ambiente escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, são temas complexos. Ainda assim, são cruciais para entender como as normas de gênero naturalizam as experiências dos estudantes em um ambiente educacional. Parece ser compreensível que as meninas sejam menos participativas que os meninos nas aulas de Educação Física, visto que o foco de tais aulas, muitas vezes, dá continuidade ao estereótipo no qual há esportes considerados "masculinos", tais como futebol e basquete (Martins; Vasquez; Mion, 2022).

Essas situações de naturalização dos papéis entre os gêneros se acentuam nas escolas, pois, frequentemente, as dinâmicas curriculares e as atividades são segregadas por gênero, refletindo e reforçando estereótipos. Para Altmann (2015), isso não só limita as oportunidades dos/as estudantes de experimentar uma gama mais ampla de atividades, mas também reforça noções padronizadas de masculinidade e feminilidade.

De acordo com Pereira (2020), as desigualdades de gênero não são apenas um resultado das aulas de Educação Física, mas sim de opressões estruturais que permeiam as normas da sociedade como um todo. Segundo Altmann (2015), essas opressões estruturais se manifestam em diversos aspectos da vida social, como no mercado de trabalho, na política, na família, na cultura, entre outros, e acabam por reforçar a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens.

Na Educação Física, essas desigualdades podem ser observadas tanto no acesso às práticas corporais de acordo com o gênero, quanto na perpetuação de estereótipos de gênero que limitam a participação e o desempenho das meninas e mulheres em determinados esportes ou práticas corporais diversas (Silva; Rigoni; Silva, 2021; Martins; Vasquez; Mion, 2022).

Segundo Martins, Vasquez e Mion (2022), a participação dos alunos e alunas nas aulas de Educação Física pode ser afetada não apenas por questões de gênero, mas também por outros marcadores sociais. Ainda ressalta que, a falta de representatividade e de sensibilidade por parte dos professores e das instituições de ensino em relação a essas questões pode contribuir para a perpetuação dessas desigualdades e para a exclusão de estudantes desses grupos das práticas corporais. Conforme observado por Souza (2006), esses enfrentamentos podem ser resultado de experiências de discriminação, exclusão e preconceito vivenciados por estudantes pertencentes a grupos minoritários ou em situação de vulnerabilidade.

Segundo Altmann (2015), para lidar com os marcadores sociais na Educação Física, é importante que professores e professoras sejam sensíveis e comprometidos com a inclusão em relação às diferenças individuais e culturais dos/as estudantes. O compromisso desse processo educativo deveria se dar com o envolvimento dos/as estudantes nas práticas corporais e promover um ambiente seguro e acolhedor. Além disso, é importante que os professores de Educação Física ofereçam uma variedade de práticas corporais que sejam acessíveis e desafiadoras para os/as estudantes, independentemente de seu marcador social.

A criação de um ambiente escolar no qual a participação coletiva dos/as alunos/as seja o ponto de partida e de chegada do processo de ensino, é essencial que os/as professores/as reconheçam, debatam e problematizem com os/as estudantes os marcadores sociais. Esse percurso envolve a promoção de práticas corporais que não sejam segregadas por aspectos socioculturais e que encorajem a participação dos/as educandos/as nas aulas, independentemente de quaisquer características pessoais ou representações de mundo.

Neste sentido, o ensino da Educação Física na escola teria o papel ativo na problematização das desigualdades socioculturais e históricas que afetam a participação dos alunos e das alunas nas práticas corporais, incluindo questões de identidade de gênero, cor, origem e condição econômica. Para tal, é necessário que

sejam adotadas práticas inclusivas que reconheçam e respeitem tais diferenças, de forma a contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

Ao criar um ambiente no qual as identidades diversas são conhecidas, problematizadas e respeitadas, as escolas podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento de uma sociedade mais diversa e compreensiva (Martins; Vasquez; Mion, 2022).

Nesse contexto, venho pensando em alternativas para desenvolver atividades que possam contribuir para desnaturalizar essas ações entre os/as estudantes nas aulas de Educação Física durante a realização das práticas corporais.

Estudos mostram que, nas aulas de Educação Física, os conflitos tendem a se intensificar nas práticas sociomotrizes de cooperação-oposição, caracterizadas pelas interações de oposição e cooperação simultâneas entre os/as participantes (Marques, 2019; Marques; Ramos; Ferreira, 2020). Por esse motivo, optei por desenvolver o presente estudo com foco nas práticas corporais que apresentam essa característica.

Com a expectativa de problematizar o ensino da Educação Física em prol da ampliação das oportunidades de acesso às experiências corporais por parte dos/as estudantes, elaborei a seguinte questão para investigar: Quais as implicações de um processo de vivência de práticas corporais para as reflexões dos/as estudantes sobre os conflitos identificados nas aulas de Educação Física?

Com isso o objetivo geral dessa pesquisa foi analisar uma proposta pedagógica, com atividades que envolveram vivência de práticas corporais, para as reflexões dos/as estudantes sobre os conflitos identificados nas aulas de Educação Física.

Os objetivos específicos foram:

- Descrever e analisar as reflexões dos/as estudantes acerca dos conflitos nas práticas corporais;
- Identificar as ações manifestadas pelos/as estudantes que buscavam minimizar os conflitos no decorrer desse processo;

Para facilitar a leitura, faremos a apresentação das partes que compuseram este nosso estudo:

No capítulo 1, intitulado “Marcadores sociais nas relações com os conflitos”, será discutida a influência desses elementos na dinâmica dos conflitos. Exploraremos o conceito e as diferentes perspectivas sobre o tema, fundamentadas na abordagem

teórica adotada nesta pesquisa, que analisa os conflitos a partir dessas referências sociais. Além disso, abordaremos as interações entre os/as estudantes durante as práticas corporais nas aulas de Educação Física, destacando como tais aspectos se manifestam nesse contexto.

Já no capítulo 2 “Diálogo e acolhimento nas interações entre os estudantes nas práticas corporais nas aulas de Educação Física”, explora a importância do diálogo e do acolhimento como estratégias pedagógicas para enriquecer a experiência educativa e promover um ambiente inclusivo e equitativo.

A trajetória metodológica foi apresentada no capítulo 3, trazendo para os leitores e as leitoras todas as etapas da pesquisa, oferecendo uma visão abrangente e minuciosa de todas as etapas envolvidas. São descritos o delineamento da pesquisa, o perfil dos/as participantes, as características e particularidades do contexto em que o estudo foi conduzido, as estratégias e instrumentos empregados na coleta de dados, bem como o processo de análise adotado para interpretar os resultados.

No capítulo 4, serão explorados os resultados e discussão da pesquisa, apresentando os dados obtidos a partir da análise realizada e das suas implicações. Será dividido em categorias que destacam os principais achados, comparando-os com a literatura existente. Além disso, serão incluídos os possíveis desdobramentos, fornecendo uma reflexão crítica sobre os resultados.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, as quais trarão uma síntese dos elementos gerais que marcaram o desenvolvimento do trabalho, destacando os principais pontos abordados, a correlação com os objetivos e a exposição das contribuições relevantes para a área de ensino da Educação Física na escola. Além disso, serão indicadas possíveis limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas relacionadas ao tema.

CAPÍTULO 1
MARCADORES SOCIAIS NAS RELAÇÕES COM OS CONFLITOS

Nas aulas de Educação Física na escola nos deparamos com diversos conflitos entre os/as estudantes. Muitas vezes, estão relacionados com algum marcador social. Estes marcadores sociais podem desempenhar um papel significativo nos conflitos que surgem, podendo afetar as percepções, expectativas e interações entre os alunos e as alunas (Marques, 2019). Diante disso, o presente capítulo visa explanar como os conflitos nas aulas de Educação Física escolar relacionam-se com os marcadores sociais.

No âmbito dos marcadores sociais parece haver uma revelação e exposição de como as pessoas são influenciadas pela sociedade e cultura através de interações discursivas. Nesse contexto, aspectos como gênero, classe social e raça, entre outros, não são visíveis como fatores isolados, mas sim como elementos que se entrelaçam. A diferenciação das pessoas ocorre através da formação de sistemas de classificação social e da construção de identidades coletivas. Essas construções sociais já existem desde o nascimento e influenciam a inclusão ou exclusão social, dependendo de como confrontam as identidades sociais predominantes (Aragão *et al.,* 2022).

1.1 Relações entre marcadores sociais e os conflitos

Os marcadores sociais são características físicas, culturais ou identitárias que são utilizadas para categorizar e classificar pessoas em grupos sociais distintos. Estes marcadores podem incluir características como raça, etnia, gênero, classe social, idade, orientação sexual, religião, nacionalidade, entre outros (Silva; Rigoni; Silva, 2021). Eles desempenham um papel importante na forma como as pessoas são percebidas, tratadas e até mesmo marginalizadas, tanto na sociedade em geral quanto nos espaços escolares (Altmann, 2015).

Os conflitos, que emergem nas interações entre pessoas e grupos em diversos contextos, incluindo a Educação escolar e as aulas de Educação Física, podem ser compreendidos à luz dos marcadores sociais, influenciando significativamente as dinâmicas de poder e as tensões nas relações sociais (Altmann, 2015). Ao explorar

diferentes abordagens teóricas e definições de conflitos, é essencial considerar como essas categorias sociais impactam e marcam as experiências e os enfrentamentos vividos por indivíduos e grupos, o que permitirá uma análise mais aprofundada e contextualizada em nossa pesquisa.

No cenário da educação escolar, os marcadores sociais influenciam na compreensão da diversidade e na promoção da equidade. Marcadores sociais, como gênero, raça, etnia, classe social, idade, orientação sexual e capacidade física, entre outros, moldam as experiências e oportunidades dos alunos e das alunas dentro do ambiente escolar (Altmann, 2015). Sendo assim, reconhecer e abordar esses marcadores sociais é essencial para criar um ambiente educacional inclusivo, no qual os/as estudantes tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e desenvolvimento pessoal.

Diante disso, Souza (2006), destaca que se torna imprescindível ressaltar a importância dos marcadores sociais na educação escolar, explicitando como eles influenciam as dinâmicas de poder, acesso a recursos e a construção de identidades dos alunos e das alunas.

No que diz respeito ao acesso e à equidade na educação escolar, é crucial reconhecer que fatores como socioculturais, frequentemente delineiam a disponibilidade de recursos educacionais de excelência para os/as estudantes. Os grupos marginalizados são frequentemente confrontados com obstáculos adicionais na busca por um ensino de qualidade, enfrentando disparidades no acesso ao financiamento, às instalações e aos materiais educacionais necessários (Silva Filho; Angeli, 2022).

Quando discutimos sobre desempenho acadêmico, o impacto dos marcadores sociais sobre os alunos e as alunas é significativo. De acordo com Santos (2022), os/as estudantes provenientes de famílias de baixa renda podem enfrentar obstáculos adicionais decorrentes de condições de vida estressantes ou da falta de acesso a recursos educacionais, além do ambiente escolar.

No que tange ao ambiente e clima escolar, os marcadores sociais exercem uma forte influência, configurando tanto o clima escolar quanto a dinâmica de poder dentro das instituições educacionais. A presença do *bullying* e da discriminação por exemplo, podem instaurar um ambiente hostil entre os/as estudantes que se tornam alvos

desses comportamentos, seja devido à sua identidade racial, étnica, de gênero ou qualquer outra característica (Albuquerque; Maciel, 2022).

O currículo e o material didático nas escolas também são frequentemente desenvolvidos e selecionados considerando o perfil social dos alunos e das alunas atendidos/as. Nesse contexto, os marcadores sociais desempenham um papel de formatação do currículo escolar, sobretudo, na definição da escolha dos recursos didáticos utilizados em sala de aula (Neira, 2018). Uma abordagem inclusiva e sensível à diversidade é fundamental para assegurar que todos os/as estudantes se sintam representados e envolvidos em seu processo de aprendizagem (Amorim; Baptista; Carvalho, 2020).

A temática dos conflitos relacionada aos marcadores sociais de gênero nas aulas de Educação Física é um assunto de extrema relevância e merece atenção e discussão por parte dos/as docentes das instituições escolares e da comunidade acadêmica. Cada vez mais, pesquisas vêm discutindo a relevância do papel da Educação Física no enfrentamento dos estereótipos e das desigualdades de gênero na sociedade (Silva; Rigoni; Silva, 2021; Marques, 2019; Marques; Ramos; Ferreira, 2020; Martins; Vasquez; Mion, 2022; Pereira, 2020; Souza, 2006; Souza Júnior, 2022).

Nesse contexto, a Educação Física, enquanto componente curricular, assume um relevante papel no processo educativo ligado à formação das pessoas na sociedade, tendo como objetivo o ensino das práticas corporais com seus entrecruzamentos caracterizados por hábitos culturais, relações de poder de um grupo sobre o outro, representações culturais, dentre outras (Araújo; Santos, 2009).

Sendo assim, a Educação Física pode contribuir para a desconstrução de valores culturalmente produzidos na sociedade e reproduzidos nas salas de aulas pelos/pelas estudantes e assim ir ao encontro do que é preconizado por Brasil (2018, p. 213):

> [...] as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permita ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade.

Segundo Manguinho (2017), atualmente é possível notar em ambientes educacionais a presença de garotas, jovens e mulheres que estão levantando questionamentos a respeito de certos valores e comportamentos que acabam consolidando e perpetuando as desigualdades de gênero. Essa reflexão é importante para a Educação Física escolar no ensino fundamental, já que esse pode ser um espaço de reprodução de estereótipos de gênero, como a ideia de que meninas são menos habilidosas ou menos interessadas nas práticas corporais reproduzidas nas aulas. Portanto, é fundamental que a Educação Física promova a equidade de gênero e combata estereótipos, criando um ambiente inclusivo, respeitoso e de diálogo para todos os/as estudantes.

De acordo com a perspectiva de Freire (2021), que considera a existência de um sistema opressor no qual determinados grupos exercem poder sobre outros, é possível estabelecer uma correlação entre os conflitos relacionados a gênero na Educação Física. Nesse sentido, a opressão de gênero não pode ser vista como um fenômeno isolado, mas sim como parte de um sistema mais amplo de desigualdades que afeta diferentes áreas da sociedade, inclusive a educação (Ramos, 2021).

Marques (2019) conduziu uma pesquisa que identificou conflitos relacionados ao gênero, entre outros aspectos, em relação às meninas nas aulas de Educação Física. Os resultados do estudo sugerem que tal componente curricular não pode deixar de promover o debate sobre a questão do gênero, considerando as diferentes formas de expressão corporal e as necessidades dos/as estudantes em relação ao seu corpo e à sua identidade de gênero.

Essa perspectiva reconhece que as pessoas têm diferentes experiências corporais e identidades de gênero que se revelam nas aulas de Educação Física (Souza Júnior, 2022). Portanto, é essencial que os profissionais de Educação Física estejam cientes das questões de gênero e trabalhem para criar um ambiente inclusivo que valorize e respeite as diversas manifestações corporais dos/as estudantes.

Problematizar, compreender, respeitar e refletir sobre as diferentes formas de expressão corporal e identidades de gênero é fundamental para garantir que a Educação Física esteja comprometida com um ensino democrático e justo.

1.2 Interações entre os/as estudantes nas práticas corporais nas aulas de Educação Física

As interações entre alunos e alunas nas aulas de Educação Física escolar podem ser bastante diversificadas, influenciadas por diversos fatores, incluindo os marcadores sociais. No entanto, alguns padrões comuns podem ser observados:

Em algumas escolas é comum que meninos e meninas sejam divididos em atividades distintas, o que pode limitar a interação entre os gêneros. Segundo Martins, Vasquez e Mion (2022), isso pode ocorrer, por exemplo, em esportes como futebol, nos quais, tradicionalmente, os meninos participam mais.

De acordo com Princival Junior *et al.* (2023), dependendo da atividade, ambos os gêneros podem competir entre si ou colaborar como parte da mesma equipe. Assim como foi observado por Moraes, Dias e Oliveira (2023), nas situações de competição mista, a interação pode ser marcada por diferenças de confiança, habilidade ou expectativas sociais, influenciando como eles se comportam e se relacionam.

A forma como os alunos e alunas interagem também pode ser influenciada pela inclusão ou exclusão social. Alunos/as que não se sentem competentes em determinadas atividades ou que não se encaixam em certos grupos podem experimentar sentimentos de exclusão (Souza; Costa, 2020). Em escolas que promovem uma cultura inclusiva e respeitosa, as interações tendem a ser mais positivas, com alunos e alunas apoiando-se mutuamente independentemente de gênero ou habilidade (Silva, 2022).

A cultura da escola em relação às questões de gênero pode contribuir para os modos como os/as estudantes interagem (Altmann, 2015). Em ambientes nos quais estereótipos de gênero são reforçados, as interações podem ser mais rígidas. Escolas que promovem ativamente a igualdade de gênero e o respeito mútuo tendem a ter interações mais equilibradas, com menos segregação e mais colaboração (Pereira, 2020).

Em esportes nos quais há interação entre adversários/as e companheiros/as, demandando uma maior necessidade de comunicação/contracomunicação e cooperação/oposição entre os alunos e as alunas, pode haver situações mais acentuadas de conflitos (Marques, 2019; Marques; Ramos; Ferreira, 2020). Ainda assim, existe espaço para refletir e pensar em outras possibilidades para a construção de interações dialógicas e de respeito (Freire, 2021).

De acordo com Rocha, Winterstein e Amaral (2009), as interações nas aulas de Educação Física são complexas, refletindo tanto as dinâmicas sociais mais amplas quanto as especificidades do ambiente escolar e da prática pedagógica.

Neste sentido, o professor ou a professora de Educação Física pode desempenhar um papel crucial na mediação das interações (Silva, 2022). Professores/as que incentivam a colaboração e respeitam as diferenças individuais tendem a promover interações mais saudáveis e equilibradas entre alunos e alunas (Rocha; Winterstein; Amaral, 2009). A forma como as atividades são organizadas – se são competitivas ou colaborativas, individuais ou em grupo – pode influenciar significativamente o tipo de interação entre os alunos e as alunas.

Outro fator relevante a ser considerado nas interações entre os estudantes nas práticas corporais é a influência da socialização esportiva. Desde a infância, meninos e meninas são frequentemente expostos a estímulos diferentes em relação às atividades físicas e esportivas, o que pode impactar suas interações no ambiente escolar. Estudos de Altmann (2015), Silva *et al.* (2021) e Sousa (2011), indicam que a socialização inicial em práticas corporais pode determinar o nível de interesse e engajamento de cada estudante, afetando as dinâmicas interpessoais na Educação Física.

Além disso, a forma como os grupos são compostos pode impactar diretamente a qualidade da interação. A pesquisa de Vieira, Moraes e Oliveira (2024) sugere que turmas mistas, quando bem conduzidas, promovem um ambiente mais inclusivo e colaborativo, permitindo que os/as estudantes desenvolvam habilidades sociais como empatia, comunicação e respeito às diferenças. No entanto, a ausência de uma mediação eficaz por parte do professor ou da professora pode resultar em interações assimétricas, nas quais alguns/mas alunos/as assumem papéis de liderança enquanto outros/as ficam marginalizados (Altmann, 2015).

Outro aspecto crucial está relacionado às normas implícitas que regulam as interações dentro das aulas de Educação Física. Segundo Altmann (2015), fatores como o prestígio social dentro da turma, a habilidade motora e o nível de experiência prévia com determinada prática corporal podem influenciar como os/as estudantes interagem entre si. Aqueles/as que apresentam maior destreza esportiva tendem a ser mais valorizados/as pelos/as colegas, enquanto os/as que possuem dificuldades motoras podem enfrentar exclusão ou desinteresse por parte do grupo.

A configuração das atividades propostas também pode determinar o tipo de interação promovida. Jogos cooperativos, por exemplo, tendem a incentivar a colaboração e o trabalho em equipe, enquanto modalidades altamente competitivas podem exacerbar rivalidades e hierarquias dentro do grupo (Cavalcante, 2021). Dessa forma, a escolha de estratégias pedagógicas adequadas pode minimizar possíveis tensões e ampliar as possibilidades de interação positiva entre os/as estudantes.

Outro ponto importante a ser destacado é a relação entre o ambiente escolar e as interações nas aulas de Educação Física. Escolas que valorizam uma abordagem mais inclusiva e que trabalham questões de gênero de forma crítica possibilitam interações mais igualitárias entre os/as alunos/as (Marques, 2014). Quando há um esforço institucional para problematizar desigualdades e estereótipos, os/as estudantes tendem a desenvolver uma postura mais reflexiva e respeitosa nas interações durante as práticas corporais.

Além do contexto institucional, a postura do/a professor/a também desempenha um papel fundamental na construção dessas interações. Segundo Altmann (2015), docentes que adotam práticas pedagógicas mais democráticas e participativas promovem um ambiente em que todos/as os/as estudantes se sentem valorizados/as, favorecendo uma maior integração entre os grupos. Em contrapartida, metodologias que reforçam a competitividade exacerbada podem gerar segregação e discriminação dentro da turma.

Por fim, vale ressaltar a importância da escuta ativa e do diálogo como possibilidades para a mediação de conflitos e o fortalecimento das interações. Segundo Freire (2021a) e Freire (2021), a construção de interações dialógicas permite que os/as estudantes compreendam melhor as dinâmicas do grupo e desenvolvam habilidades de resolução de conflitos de forma autônoma. Dessa maneira, as práticas corporais deixam de ser apenas um espaço de expressões corporais e passam a se tornar um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento social.

CAPÍTULO 2
DIÁLOGO E ACOLHIMENTO NAS INTERAÇÕES ENTRE OS/AS ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

No contexto das aulas de Educação Física, as práticas corporais desempenham um papel fundamental na promoção das interações sociais entre os/as estudantes. A carência do diálogo nessas interações sociais pode acentuar a vivência de conflitos e resultar em agressões verbais e físicas, consolidando um cenário de violência na escola.

As práticas corporais nas aulas de Educação Física oferecem um espaço privilegiado para a interação social, na qual os/as estudantes podem aprender a se comunicar, resolver conflitos e trabalhar em equipe (Freire, 2021). O diálogo, entendido como uma troca aberta e respeitosa de ideias, é crucial para o desenvolvimento dessas habilidades. Quando incentivado de forma adequada, ele pode fortalecer os vínculos entre os alunos e alunas, promover a empatia e aumentar o engajamento nas atividades propostas.

Por outro lado, o acolhimento, a capacidade de receber e integrar todos/as os/as estudantes, respeitando suas individualidades e diferenças, é igualmente essencial para criar um ambiente seguro e motivador. Em um cenário educacional no qual a diversidade é cada vez mais presente, acolher as particularidades de cada aluno e aluna torna-se um pilar para a construção de um espaço de aprendizado.

Ao longo deste capítulo, abordaremos o papel do diálogo e do acolhimento como estratégia educativa para que os alunos e alunas reflitam sobre seu potencial na resolução de conflitos e se sintam valorizados e envolvidos nas aulas de Educação Física.

2.1 Diálogo e acolhimento no ensino da Educação Física

Freire (2021) contrapõe o diálogo à "educação bancária", em que o conhecimento é simplesmente depositado nos alunos e nas alunas. Nesse modelo tradicional, o/a professor/a é visto como o/a detentor/a do saber, enquanto o/a aluno/a é passivo/a. Em vez disso, ele propõe uma educação dialógica, na qual o

conhecimento é construído de forma colaborativa entre professor/a e aluno/a. Nesse contexto, o diálogo é um ato de criação coletiva que envolve escuta ativa, empatia e reconhecimento das experiências dos oprimidos.

O acolhimento, na perspectiva de Freire, é parte essencial do processo dialógico. Acolher o outro significa reconhecê-lo como um ser histórico e culturalmente situado, com experiências, saberes e visões de mundo que são valiosos. Esse acolhimento não se limita ao espaço emocional, mas se estende à valorização das vivências e à promoção de um espaço seguro para que o oprimido possa expressar sua voz. O/a professor/a, nesse contexto, age como mediador, estimulando o diálogo e ajudando a criar um ambiente em que o oprimido se sinta à vontade para participar ativamente (Freire, 2021).

Além disso, o acolhimento tem uma dimensão política. Ao acolher o/a outro/a, Freire (2021) propõe uma prática de resistência contra a opressão. É através do acolhimento genuíno e do diálogo que os oprimidos se reconhecem como sujeitos históricos capazes de transformar a realidade. Esse processo de conscientização leva à ação transformadora, na qual os/as oprimidos/as passam a atuar como agentes de sua própria libertação. Contudo, acolhimento é o reconhecimento da dignidade do/a outro/a, um ato necessário para que o diálogo ocorra de forma autêntica. Ambos são fundamentais para o processo de conscientização e emancipação que Freire (2021) defende como núcleo de sua pedagogia.

Para Freire (2021a), o diálogo é uma atitude permanente do/a educador/a que se relaciona com seus alunos e suas alunas. Esse diálogo não é uma simples técnica ou método, mas uma forma de ser e de interagir. O/a educador/a que dialoga reconhece o/a estudante como sujeito/a ativo/a no processo educativo, respeitando sua individualidade, suas experiências e seus saberes. O diálogo para a autonomia é um instrumento de construção coletiva do conhecimento, e não de imposição de verdades (Freire, 2021a).

O acolhimento, na perspectiva de Pedagogia da Autonomia (Freire, 2021a), está profundamente relacionado à ética do cuidado e do respeito ao outro. Para Freire (2021a), o/a educador/a deve acolher o/a estudante em sua totalidade, considerando suas emoções, suas dificuldades, suas histórias de vida e suas condições sociais. Esse acolhimento vai além de meras boas-vindas; trata-se de criar um ambiente em

que o/a estudante se sinta seguro para expressar suas dúvidas, suas opiniões e, sobretudo, suas incertezas.

O acolhimento, tal como o diálogo, demonstra o compromisso do/a educador/a com uma educação que respeita a dignidade humana e rejeita métodos autoritários e opressores. Um/a educador/a que acolhe age com empatia e entende que a aprendizagem é um processo de humanização. Para Freire (2021a), isso implica reconhecer o/a estudante como uma pessoa singular, incentivando sua confiança e fortalecendo sua autonomia.

O acolhimento e o diálogo como base para a autonomia devem formar pessoas autônomas, capazes de pensar criticamente e agir de forma transformadora na sociedade. O diálogo e o acolhimento são condições essenciais para o desenvolvimento dessa autonomia. Segundo Freire (2021a), ao acolher o/a estudante e dialogar com ele/ela, o/a educador/a contribui para o fortalecimento da autoestima, para a construção de uma identidade crítica e para a formação de uma consciência ética.

Esses elementos são cruciais para que o/a aluno/a possa assumir a responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem, tornando-se protagonista na construção do seu saber. Em outras palavras, o/a educador/a, ao dialogar e acolher, contribui para que o/a estudante não apenas aprenda conteúdos, mas também se torne consciente de sua capacidade de transformar a realidade ao seu redor (Freire, 2021a).

A construção do conhecimento deve ser um processo colaborativo e participativo, no qual educadores/as e educandos/as se engajem em diálogos críticos e reflexivos, e não em uma transmissão passiva de informações (Freire, 2021). Dessa forma, a aprendizagem se torna um instrumento de libertação e transformação social, e não apenas um meio de reprodução de ideologias dominantes.

A abordagem educacional que prioriza a interação em detrimento da individualização vai ao encontro dos princípios de uma educação democrática e dialógica, assim como destaca Freire (2021, p. 95-96, destaques do autor):

> [...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Em oposição à educação opressora, é importante implementar alternativas educacionais destinadas à ampliação do diálogo com os/as estudantes, abrindo espaços verdadeiros para implementação de sua formação integral. Vemos que essas alternativas têm a possibilidade de seguir na contramão de uma pedagogia autoritária e opressora, citada por Freire (2021, p. 79):

> Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador, aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração.

Segundo Freire (2021), o diálogo não é apenas uma troca de palavras, mas um processo de criação conjunta de conhecimento e conscientização. Para ele, o diálogo só pode acontecer em um contexto de respeito mútuo, confiança e igualdade, em que todos/as os/as participantes são vistos/as como sujeitos/as ativos/as na construção do saber.

O diálogo e o acolhimento são pilares essenciais no ensino da Educação Física, uma vez que contribuem para a criação de um ambiente inclusivo, seguro e participativo. O diálogo é fundamental para estabelecer uma comunicação aberta e respeitosa entre professores/as e alunos/as.

Assim como na Pedagogia da Autonomia de Freire (2021a), que destaca a importância de uma pedagogia dialógica, Kunz (2004) também busca promover a autonomia por meio do movimento, dentro de uma abordagem Crítico-Emancipatória. O diálogo é uma das premissas fundamentais dessa concepção que procura atingir, por meio dos principais objetivos educacionais e das atividades relacionadas ao movimento humano, o desenvolvimento de habilidades como a autonomia, a competência social e a competência objetiva (Kunz, 2004).

Kunz (2004) ainda preconiza que a influência do mundo vivido dos/as alunos/as seja considerada e que o ensino se desenvolva num processo comunicativo. Essa perspectiva de pensar o processo de ensino e de aprendizagem na Educação Física escolar converge com o que foi sugerido por Hildebrandt e Laging (1986). Os autores defendem uma concepção aberta de ensino, na qual o/a aluno/a se torna um/a

sujeito/a de seu próprio processo de aprendizagem, agindo autonomamente de acordo com sua criatividade, comunicação e cooperação.

Ainda na proposta de Hildebrandt e Laging (1986), é possível observar uma democratização no processo de ensino-aprendizagem, pois a concepção aberta possibilita a inserção dos/as alunos/as no planejamento e na definição dos objetivos que almejam. Com isso, essa democratização nas aulas pode ser vislumbrada tanto no ambiente intraescolar quanto no extraescolar, não se restringindo apenas aos espaços internos da escola.

De acordo com Kunz (2004), com base na democratização e na abertura do processo de ensino e de aprendizagem, observamos que o envolvimento dos/as alunos/as no planejamento e na definição de objetivos não apenas amplia sua participação ativa, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos e autônomos.

Assim, ao proporcionar espaços nos quais a escuta dos alunos é valorizada e o processo educativo é construído coletivamente, a Educação Física pode se consolidar como um campo de formação integral e emancipatória, alinhada aos princípios de uma pedagogia crítica e democrática (Hildebrandt; Laging, 1986; Kunz, 2004).

CAPÍTULO 3
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Este capítulo explicita a caminhada metodológica construída para nosso estudo, detalhando o tipo de pesquisa utilizado, os/as participantes da pesquisa, as técnicas de coletas de dados, as análises dos dados, os processos e estratégias para investigar as interações entre os/as estudantes nas práticas corporais durante os conflitos nas aulas de Educação Física.

A abordagem metodológica escolhida foi a qualitativa, proporcionando uma análise abrangente e aprofundada do tema. Através de várias técnicas de coleta buscamos capturar momentos valiosos nas dinâmicas das interações entre os/as estudantes durante a realização das práticas corporais nas aulas de Educação Física.

Por isso, este percurso metodológico não só reflete a complexidade do campo de estudo, mas também busca validar seus achados em prol da construção de reflexões acerca da prática pedagógica na Educação Física.

3.1 Tipo de pesquisa

Este estudo se pautou pela abordagem de pesquisa qualitativa, visto que, esteve voltado em compreender o fenômeno estudado. A mesma é usada para acessar as experiências subjetivas dos/as participantes, bem como suas percepções, opiniões e sentimentos. É importante notar que a pesquisa qualitativa não tem o objetivo de generalizar os resultados, mas sim de obter uma compreensão mais profunda e complexa de uma experiência específica (Cardano, 2017).

Com base nos princípios da pesquisa qualitativa, o estudo foi inspirado na perspectiva da intervenção pedagógica. Segundo a concepção de Damiani *et al.* (2013, p. 58), intervenção pedagógica são:

> [...] investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências.

Em estudos de intervenção, o/a pesquisador/a é responsável por identificar o problema e determinar a abordagem para resolvê-lo. No entanto, podem permanecer abertos/as às críticas e sugestões dos/as participantes da intervenção, reconhecendo que suas contribuições podem aprimorar o trabalho (Damiani *et al.*, 2013).

Cumpre destacar que o professor de Educação Física da turma foi também o pesquisador do estudo, assumindo o duplo papel de professor-pesquisador.

3.2 Participantes do estudo

O estudo contou com a participação de 25 estudantes de uma turma de 5º ano do ensino fundamental, nas aulas de Educação Física, de uma escola pública municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Os critérios de inclusão dos/as participantes envolveram aqueles/aquelas que aceitaram participar da pesquisa, manifestando a autorização ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice A) e sendo autorizado/a pelos seus/suas responsáveis pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B). Nenhum aluno ou aluna rejeitou a participação na pesquisa, no entanto, foi ressaltado que aqueles/as que optassem por não participar do estudo, posteriormente, seriam automaticamente excluídos da pesquisa, sem que houvesse qualquer comprometimento para a participação nas aulas.

Para a realização do estudo, foram necessárias as autorizações dos/as envolvidos/as. A instituição escolar preencheu a Carta de Aceite (Apêndice C) para participar da pesquisa. Os pais, as mães ou responsáveis pelos/as estudantes fizeram essa autorização por meio da assinatura do TCLE. Já os/as alunos/as, manifestaram a autorização por meio da ciência ao TALE.

Além desses procedimentos, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, seguindo todas as orientações exigidas para sua realização e tendo sido aprovado sob o número 6.216.754 (Anexo A).

Os/as participantes do estudo são apresentados no Quadro 1 de modo a oportunizar uma caracterização mais específica do grupo.

Quadro 1: Caracterização dos/as participantes do estudo.

Nome fictício[4]	Idade	Gênero
Helena	10	Feminino
Rillary	10	Feminino
Lorena	10	Feminino
Levi	10	Masculino
Brenda	11	Feminino
Eric	10	Masculino
Eduarda	10	Feminino
Miguel	10	Masculino
Vitor	10	Masculino
Luna	10	Feminino
Alessandro	10	Masculino
Júlio	10	Masculino
Gustavo	10	Masculino
Bryan	11	Masculino
Beatriz	10	Feminino
Raquel	10	Feminino
Pedro	10	Masculino
Felipe	10	Masculino
Larissa	11	Feminino
Elisa	10	Feminino
Vitória	10	Feminino
Manuela	10	Feminino
Willian	10	Masculino
Matheus	10	Masculino
Maria Eduarda	10	Feminino

Fonte: Elaborado pelo autor

[4] Os alunos foram informados que seus nomes reais não seriam revelados no estudo. Por conseguinte, o professor-pesquisador sugeriu que escolhessem um nome alternativo pelo qual gostariam de ser chamados, valorizando o protagonismo na definição de como seriam referidos na pesquisa.

3.3 Contexto da pesquisa: caracterização e ações propostas

A escola onde foi realizada a pesquisa é uma das unidades de ensino pública municipal de uma cidade do interior paulista. Esta unidade é composta por ensino infantil e fundamental (anos iniciais). São atendidas oito turmas no período da manhã, oito no período da tarde e há também o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno, totalizando 17 turmas.

Esta escola está localizada na periferia da cidade e com a maioria dos alunos e alunas proveniente de famílias de baixa renda e que enfrentam condições de vida precárias. Essas dificuldades se refletem em problemas no ambiente escolar, que vão desde questões de saúde, como desnutrição decorrente da falta de alimentação adequada em casa, até situações de abuso e dependência química dos pais, que afetam diretamente as crianças. Muitos alunos e alunas faltam frequentemente, e vários vão à escola para se alimentar.

Além disso, os alunos e alunas apresentam carência afetiva, e essa necessidade é perceptível pelos professores e professoras. Devido ao contexto social desses/as estudantes, algumas características tornam-se mais evidentes, mas é importante destacar que cada pessoa possui sua história e deve ser tratada com respeito.

A escola enfrenta desafios significativos devido ao perfil socioeconômico dos alunos e alunas, contudo, os professores e professoras vêm a necessidade de criarem estratégias e ações que possam auxiliá-los a superar as dificuldades e a ter um desenvolvimento educacional adequado.

Além disso, a escola sofre com a falta de materiais, inclusive itens básicos como giz e produtos de higiene pessoal. Especificamente nas aulas de Educação Física, os materiais são ainda mais escassos. Sendo assim, em várias aulas os professores e professoras utilizam materiais recicláveis e recursos financeiros próprios para a aquisição de materiais, a fim de proporcionar uma aula mais atraente aos alunos e alunas.

A quadra da escola, onde ocorrem as aulas de Educação Física, tem uma boa estrutura em termos de tamanho, possui arquibancada e é uma das poucas escolas do município que possui depósito para os materiais, banheiro com acessibilidade e vestiários conjuntos. No entanto, os vestiários e banheiros não podem ser utilizados por falta de manutenção e devido a itens quebrados, assim como o bebedouro ao lado

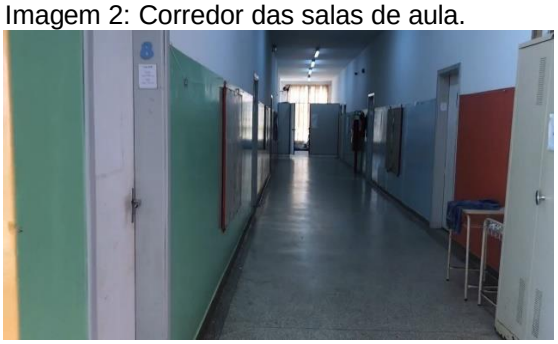
da arquibancada. Já a quadra, apesar de ter um espaço amplo, sofre com a presença de muitos pombos que se alojam na estrutura metálica onde as telhas são fixadas no alto da quadra e defecam por todos os espaços. Isso atrapalhava muito a realização das atividades práticas.

A seguir estão algumas fotos da escola onde foi realizada a pesquisa:

Imagem 1: Rampa de acesso dos/as alunos/as.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 2: Corredor das salas de aula.



Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 3: Rampa de acesso à quadra.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 4: Tela para contenção de pombos.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 5: Arquibancada.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 6: Dejetos de pombos.

Fonte: Registrada pelo autor

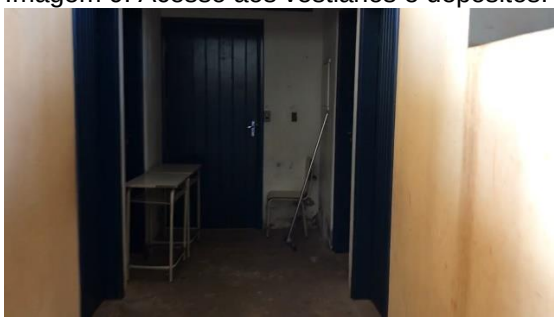
Imagem 7: Quadra.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 8: Bebedouro inativo da quadra.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 9: Acesso aos vestiários e depósitos.



Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 10: Depósito da Educação Física.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 11: Vestiário masculino inativo.

Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 12: Vestiário feminino inativo.

Fonte: Registrada pelo autor

As ações propostas para a intervenção do estudo tiveram como pano de fundo um conjunto de 10 aulas[5], apresentadas no Quadro 2.

[5] Participaram em cada aula: Aula 1 (13 alunas, 12 alunos); Aula 2 (13 alunas, 12 alunos); Aula 3 (10 alunas, 10 alunos); Aula 4 (6 alunas, 7 alunos); Aula 5 (13 alunas, 10 alunos); Aula 6 (11 alunas, 12 alunos); Aula 7 (11 alunas, 10 alunos); Aula 8 (13 alunas, 11 alunos); Aula 9 (10 alunas, 12 alunos); Aula 10 (11 alunas, 11 alunos).

Quadro 2: Cronograma de atividades realizadas.

CRONOGRAMA	
AULA 1 (17.08.2023)	
Atividade	Avaliação Diagnóstica
Materiais	Folha com as perguntas, elaboradas previamente
Objetivo	Verificar o que os alunos sabem a respeito dos gêneros nos esportes, jogos e lazer.
Desenvolvimento	Os alunos e as alunas foram orientados/as pelo professor-pesquisador de que, para iniciarem a pesquisa, deveriam responder a algumas perguntas, com o objetivo de reconhecer os conhecimentos prévios dos alunos e alunas acerca de assuntos e acontecimentos do dia a dia deles/as nas aulas de Educação Física e de observações do cotidiano que poderiam estar relacionadas aos esportes, jogos e outras atividades dos momentos de lazer.
AULA 2 (24.08.2023)	
Atividade	Jogo de futsal
Materiais	Bola de futsal e Coletes
Objetivo	Observar como os alunos e alunas se organizam e interagem para as práticas corporais
Desenvolvimento	1º Momento: Analisar como os alunos se organizam e jogam o futsal, sem interferência do professor. 2º Momento: intervenção do professor-pesquisador com uma roda de conversa para ajustes que surgiram, onde os alunos e alunas tiveram que propor estratégias. 3º Momento: jogar o futsal novamente e observar se as estratégias foram efetivas. 4º Momento: roda de conversa para os/as alunos/as exporem suas opiniões acerca da aula.
AULA 3 (31.08.2023)	
Atividade	Jogo de pique bandeira tradicional
Materiais	Coletes para dividir as equipes
Objetivo	Introduzir um jogo de cooperação-oposição de interesse dos/as alunos/as, que já vinham pedindo a algumas semanas.
Desenvolvimento	Sala de aula: Explicação da atividade na lousa. Didática visual para auxiliar os/as alunos/as no entendimento da atividade. Quadra: Os alunos e alunas foram orientados para que se organizem e escolhessem os times.

	Foram orientados para que conversassem entre si, para combinar as estratégias que iriam utilizar.
AULA 4 (14.09.2023)	
Atividade	Minijogos de futsal com turmas reduzidas
Materiais	Bolas; cones e coletes
Objetivo	Observar as interações dos alunos e das alunas em minijogos sociomotrizes de cooperação-oposição.
Desenvolvimento	1º Momento: didática visual na lousa sobre as atividades. Atividade 1 – Pega-pega bola: o pegador deverá tocar o/a colega com a bola, o qual virará o/a pegador/a. Não deverão sair do espaço de delimitação do futsal (será mostrado na quadra o espaço correto), caso contrário será o pegador. O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos visualizem e se familiarizem com o espaço do futsal. 2º Momento: os alunos e alunas foram orientados para que se dividissem em grupos de 3 cada. Cada lado da quadra de futsal foi utilizado por duas equipes, que disputavam a bola entre si, enquanto uma equipe de três ataca a outra defendia, a equipe que atacava deveria se infiltrar com a bola nos pés dentro da área adversária (área da quadra do futsal) para marcar ponto, a equipe da defesa deveria impedir esta infiltração, porém não poderiam entrar na área, podendo tentar retomar a bola, somente fora da área até o meio da quadra. Se a bola fosse interceptada pela defesa, esta equipe saia do jogo e a equipe atacante defendia enquanto outra equipe, que estava aguardando do lado de fora, entrava para atacar. O mesmo acontecia se a equipe que estava atacando marcasse algum ponto. O objetivo dessa atividade é visualizar a disposição de meninos e meninas nas equipes e familiarizar os alunos/as com as condutas de ataque e defesa no jogo do futsal. 3º Momento: o objetivo era o mesmo do minijogo anterior. As equipes ainda com 3 jogadores em cada time (duas equipes de cada lado da quadra). Uma equipe atacava enquanto a outra defendia, sendo que estes deveriam segurar um colete em suas mãos. Enquanto a equipe que estava com a posse da bola atacava, quando a equipe que defendia recuperasse a bola, deveriam soltar o colete no chão e a equipe que estava atacando, deveria pegar este colete para poder defender, sem o qual não poderiam. Eles deveriam marcar o gol em balizas menores (golzinhos) que estavam na linha de fundo, dentro das balizas maiores do futsal convencional. 4º Momento: roda de conversa. Objetivo ouvir os/as alunos/as acerca das atividades e ações que ocorreram.
AULA 5 (21.09.2023)	
Atividade	Produção de cartazes com regras e combinados para as aulas
Materiais	Cartolina e pincel atômico

Objetivo	Fazer com que os/as alunos/as tivessem consciência dos problemas que ocorriam e atrapalhavam as aulas de Educação Física, além de criarem regras para melhorar o andamento e a inclusão de todos.
Desenvolvimento	Com a orientação do professor-pesquisador, os alunos e alunas deveriam dividirem-se em 3 grupos. Após isso, tiveram que colocar no cartaz os problemas que verificavam durante as aulas de Educação Física e colocar sugestões para solucionar estes problemas levantados por eles/elas.
AULA 6 (28.09.2023)	
Atividade	Jogo de handebol por meio de minijogos
Materiais	Notebook para o vídeo; coletes; bolas e cones
Objetivo	Vivenciar o jogo de handebol por meio de minijogos e observar como se dão as relações de gêneros entre os alunos e as alunas.
Desenvolvimento	-Vídeo sobre o Handebol; -Orientação sobre o objetivo do jogo de Handebol; -Desenho do espaço onde ocorre o jogo (quadra); -Explicação de como acontece o jogo de Handebol; -Minijogos de Handebol; -Equipes com 3 alunos/as. Deveriam acertar os cones situados nas linhas do gol para pontuarem.
AULA 7 (26.10.2023)	
Atividade	Roda de conversa para retomar a discussão sobre os cartazes produzidos no dia 21/09; Jogo de queimada.
Materiais	Cartazes produzidos; bola de meia.
Objetivo	Retomar a discussão sobre os cartazes confeccionados e realizar uma atividade para descontrair após.
Desenvolvimento	Após a roda de conversa o professor-pesquisador sugeriu realizar o jogo da bandeirinha ou queimada, na qual a escolha da maioria seria a que fosse realizada. Com isso a queimada foi a escolhida.
AULA 8 (09.11.2023)	
Atividade	Jogo de pique bandeira.
Materiais	Coletes e cones
Objetivo	Observar se os alunos e alunas, irão conseguir se organizar para jogo, desde na escolha dos times até o desenvolvimento do jogo.

Desenvolvimento	Os alunos e alunas deveriam se organizarem, sem a intervenção do professor-pesquisador, para realizar o jogo. Desde a escolha dos times, como seria realizado e as regras que iriam seguir.
AULA 9 (16.11.2023)	
Atividade	Jogo do futebol generificado
Materiais	Bola de futsal; garrafas pets e coletes
Objetivo	Vivenciar, por meio de atividades práticas, injustiças vividas diariamente pelo gênero feminino nos esportes, jogos e atividades da vida diária na sociedade e debater sobre isso.
Desenvolvimento	Primeiramente, utilizando-se da didática visual, foi explicado na lousa na sala de aula a atividade que seria realizada. Após este momento, fomos para a quadra para escolha dos times e início da atividade prática. Todo este processo foi detalhado no diário de aula 9.
AULA 10 (23.11.2023)	
Atividade	Desenhar problemas vividos nas aulas e desenhar as soluções esses problemas.
Materiais	Folhas de sulfite; lápis de escrever; lápis de cor; canetas e canetinhas.
Objetivo	Ressignificar as vivências práticas realizadas durante o semestre por meio de desenhos e frases.
Desenvolvimento	O professor-pesquisador orientou os alunos e alunas que deveriam fazer um desenho na folha de sulfite expondo os problemas que haviam visualizado nas aulas durante o semestre e as soluções. Além disso, poderiam fazer anotações para explicar seus desenhos.

Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador.

3.4 Técnicas de coletas de dados

Para a coleta de dados, foram utilizados: diários de aula, rodas de conversa, cartazes confeccionados pelos/as alunos/as e entrevistas com os/as participantes.

Os diários de aula (Apêndice D) foram produzidos pelo professor-pesquisador de Educação Física da turma. Para Zabalza (2004), o diário de aula é um registro escrito que o professor utiliza para documentar as atividades e observações realizadas em sala de aula. Geralmente, o diário de aula é composto por um registro diário das atividades realizadas nas aulas, as metodologias utilizadas, as estratégias empregadas, as dificuldades encontradas e as observações sobre o comportamento dos estudantes.

O registro deve ser claro e objetivo, permitindo que o professor possa acessá-lo facilmente no futuro para fazer uma reflexão sobre a aula, avaliar seu próprio desempenho, identificar pontos de melhoria e planejar futuras atividades (Zabalza, 2004). Além disso, o diário de aula pode ser utilizado como um instrumento de avaliação dos/as alunos/as, permitindo que o professor faça anotações sobre o desenvolvimento de cada um ao longo do tempo. Isso pode ajudar a identificar problemas de aprendizagem e adaptar as estratégias de ensino para melhor atender às necessidades individuais dos/as estudantes (Zabalza, 2004).

Foram confeccionados 10 diários de aula, sendo que, nove foram retratados com o detalhamento de todos os acontecimentos das aulas, e um extra com revelações diversas. Nos registros desses diários de aula, foram documentadas a quantidade de alunos e alunas presentes em cada aula, as rotinas de cada dia de aula, as atividades realizadas, o desenvolvimento das atividades, o progresso alcançado, as interações e contribuições dos/as estudantes, além de suas condutas ao longo do tempo em que o professor-pesquisador os acompanhou. Também foram registrados outros eventos relevantes dentro do contexto escolar, enriquecendo a compreensão do contexto dos alunos e alunas para o estudo.

As rodas de conversa (Apêndice E) foram caracterizadas por atividades em formato de círculo. Neste era reunido todo o grupo participante do estudo junto com o professor-pesquisador para a concretização do diálogo entre as pessoas com base em questões diversas sobre a aula que traziam elementos correspondentes às interações entre eles/elas e a participação das pessoas nas atividades.

Tal recurso de coleta foi utilizado porque mobiliza a troca de ideias e experiências entre os/as estudantes e o/a professor/a, favorecendo a coleta de dados e o aprofundamento de temas relevantes para a pesquisa em questão. A utilização de rodas de conversa tende a oportunizar que as pessoas envolvidas tenham espaço de escuta para expressar suas opiniões e pontos de vista de forma mais livre e aberta, possibilitando uma participação efetiva e democrática no processo (Pinheiro, 2020).

As rodas de conversas foram gravadas em aparelho celular do professor-pesquisador, pois segundo Ludke e André (1986, p. 37), “[...] a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente [...]”. Elas foram realizadas nos finais das aulas para captar as impressões e percepções dos/as estudantes acerca das experiências vividas com as atividades das aulas.

Foram realizadas seis rodas de conversa ao longo da pesquisa, as quais sempre ocorriam nos minutos finais de cada aula. Em cada roda de conversa, eram discutidas e tematizadas questões que surgiram durante as aulas, tais como: problemas enfrentados durante as atividades práticas; conflitos e interferências extraescolares; visão dos alunos e alunas sobre os problemas nas aulas e a opinião deles/as para solucioná-los; reflexões acerca dos cartazes; reflexão sobre a eficácia dos cartazes, desigualdade de gênero no jogo e na vida cotidiana.

Como tentativa de recurso educativo para refletir sobre os conflitos durante as aulas, o professor-pesquisador adotou a confecção de cartazes. Os alunos e as alunas, divididos em grupos, deveriam identificar os causadores desses conflitos e propor algumas soluções possíveis, registrando-as nos cartazes.

Como encerramento da pesquisa e do bimestre, foram realizadas as entrevistas com alguns/mas alunos/as. A entrevista é considerada uma ferramenta essencial para coletar informações relevantes sobre o que os/as estudantes pensam e sentem. Assim, “[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (Ludke; André, 1986, p. 33).

> A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário. E pode também, o que a torna particularmente útil, atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal, para as quais a aplicação de um questionário escrito seria inviável (Ludke; André, 1986, p. 34).

Deste modo, podemos dizer que a entrevista é uma técnica versátil e poderosa de coleta de dados, capaz de fornecer informações valiosas sobre uma ampla variedade de assuntos e informantes, independentemente do nível de instrução formal ou da complexidade do tema em questão. Ela foi realizada com 12 estudantes (Apêndice F), sendo cinco meninos e sete meninas, que foram sorteados pelo professor-pesquisador com base no número de chamada do diário de classe da turma. O número de estudantes foi escolhido levando-se em consideração o tempo

disponível em aula, já que não seria possível entrevistar todos/as na mesma ocasião. Além disso, não havia possibilidade de realizar as entrevistas em outro momento, por se tratar do final do semestre. O tema da entrevista envolveu elementos correspondentes aos aspectos sobre conflitos identificados pelos estudantes nas atividades elaboradas e realizadas, bem como as correlações desses conflitos com os marcadores sociais identificados e vividos em nossa sociedade.

A entrevista foi realizada no dia 30 de novembro de 2023. Nesse dia, os alunos e as alunas foram informados de que estariam livres na quadra para brincarem daquilo que desejassem, sendo assim, foram disponibilizados alguns materiais[6] para as atividades. As entrevistas foram conduzidas no depósito de materiais de Educação Física, eles/elas foram chamados individualmente, seguindo a ordem do sorteio realizado no dia de aula anterior. No local, havia uma mesa, uma cadeira para o professor-pesquisador e outra para os/as entrevistados/as. Sobre a mesa, havia um tripé onde foi afixado o celular utilizado para a gravação das entrevistas. O professor-pesquisador informou a cada um dos/as alunos/as entrevistados/as que a entrevista seria gravada e perguntou se estavam de acordo. Não houve nenhuma recusa.

O professor-pesquisador elaborou previamente quatro perguntas para a entrevista:

- As atividades realizadas durante este semestre tiveram alguma importância para você? Por quê?

- Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre: as meninas; os meninos; entre os meninos e as meninas?

- Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhoria em relação às brigas, às discussões e aos desentendimentos?

- O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões?

3.5 Análise dos dados

Após a transcrição e leitura de todo o material coletado foi realizada a análise de conteúdo, pois esta “[...] é compreendida como um conjunto de técnicas de

[6] Uma bola de futsal; quatro bolas de basquete; cinco bolas de vôlei; quinze bambolês; quinze cordas trançadas; uma caminha elástica.

pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento" (Campos, 2004, p. 613).

> Para o investigador qualitativo, tal momento, reveste-se de suma importância, pois a desconsideração de um em detrimento do outro, pode colocá-lo frente à situação de negação completa da subjetividade humana ou por outro lado, a imposição de seus próprios valores em desconsideração a um pressuposto básico da pesquisa qualitativa, ou seja, os dados são analisados levando-se em consideração os significados atribuídos pelo seu sujeito de pesquisa (Campos, 2004, p. 613).

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que envolve procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo das comunicações. A análise de conteúdo envolve a utilização de técnicas de análise que buscam identificar categorias, com base em temas recorrentes nos dados coletados, com o objetivo de interpretar os significados subjacentes às mensagens coletadas (Bardin, 1977).

Para a análise, os dados coletados – extraídos dos diários de aula, rodas de conversa, questionários, cartazes confeccionados e entrevistas – foram organizados em quadros com os textos na íntegra que, posteriormente, foram identificados por cores. Em seguida, as cores que demonstravam semelhanças entre as ideias, permitiram que fosse realizado um agrupamento das respostas, as quais deram origem a três categorias de análise. Essa estruturação permitiu uma interpretação mais clara das informações.

As categorias identificadas foram:

1) As relações entre as ações docentes e os estudantes na vivência das práticas corporais e dos conflitos,
2) Desafios do ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais,
3) Possibilidades para o ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais.

Tais categorias serão aprofundadas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos a partir das análises dos dados coletados, organizados em categorias previamente definidas, possibilitando uma compreensão abrangente das principais questões investigadas.

Os dados coletados ao longo de toda a pesquisa, aliados aos registros feitos pelo professor-pesquisador em seus diários de aula durante a implementação do processo de ensino, oferecem uma compreensão aprofundada dos desdobramentos das intervenções no ambiente escolar.

Esse processo destaca a reflexão sobre os conflitos vivenciados e busca promover um espaço mais dialógico, inclusivo e colaborativo, propiciando assim um ambiente de relações saudáveis e propício ao desenvolvimento integral dos/as alunos/as.

4.1 As relações entre as ações docentes e os/as estudantes na vivência das práticas corporais e dos conflitos

As relações entre as ações docentes e os/as estudantes nas práticas corporais são a base para as dinâmicas das aulas de Educação Física. Dentre as particularidades que acontecem nas aulas, uma delas está relacionada aos conflitos que podem surgir nesse contexto. Esses conflitos, apesar de interromperem o andamento das aulas e, consequentemente, influenciar no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos e alunas, não são necessariamente negativos, ao contrário, podem ser oportunidades para ressignificar interações educativas que se pautem pelo diálogo.

Durante todo o semestre em que a pesquisa foi realizada, houve diversos momentos de intensa intervenção do professor-pesquisador. Tais elementos caracterizam a prática de uma pesquisa interventiva, ou seja, aquela na qual o professor não apenas observa, mas também participa ativamente do processo de ensino e de aprendizagem. Isso está em consonância com o argumento de Damiani

et al. (2013), de que o envolvimento direto do pesquisador é essencial para promover mudanças significativas no contexto educacional.

Em todas as aulas realizadas ao longo da pesquisa, a intervenção do professor-pesquisador foi indispensável (Damiani *et al*., 2013). Essas intervenções incluíram a explicação e orientação sobre as atividades práticas, a organização das equipes, o cuidado para tentar garantir o bom andamento das atividades, a condução das rodas de conversa e a tentativa de registrar todas as informações possíveis, aspectos evidenciados por Pinheiro (2020) ao valorizar as diversas interações nas aulas.

> [...] Como de costume em momentos como esse, vários alunos/as me pediram para que eles escolhessem os times, falei como eles fariam se eu não estivesse lá. Como percebi que não chegaram num acordo, perguntei se todos já havia escolhido ao menos uma vez e todos disseram que sim, sendo assim, perguntei a eles como faríamos para escolher alguém se todos/as já tinham escolhido, com isso, o Bryan propôs de começar novamente repetindo quem já havia escolhido. Com isso, a Eduarda propôs de escolher um menino e uma menina para escolher dessa vez, e assim fizemos, mas como não houve um consenso entre eles para escolherem os times, tive que intervir nesse momento e selecionar um aluno e uma aluna para escolherem. Sendo assim, ficou a Raquel e o Alessandro para escolherem cada time. Pedi então para proporem como fariam para ver quem iniciaria escolhendo os participantes de sua equipe e decidiram no par ou ímpar. Sendo assim, a Raquel ganhou e iniciou escolhendo [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).
>
> [...] Já na quadra, pedi para eles/elas próprios/as organizassem os times, como se eu não tivesse ali. Citei um exemplo: se fosse na rua da casa de vocês e eu não estivesse lá, como vocês fariam para escolher os times e organizar tudo? [...] intervi perguntando se naquele caso quem estaria sendo injustiçado eram os meninos ou as meninas? Nesse momento ninguém se pronunciou, então falei que estávamos em um empasse e perguntei para eles/elas como que eles iriam resolver isso, disse que não iria opinar e que eles/elas que teriam que dar as soluções [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 8).
>
> [...] Prosseguindo com a conversa, falei que alguns de seus/suas colegas não estavam pegando na bola e como poderíamos resolver isso, para que todos/todas participassem e pegassem na bola? Questionei também se os times não estavam com muitas pessoas jogando ao mesmo tempo? [...] (Professor-pesquisador, Roda de conversa 2).

Nesse contexto, os fragmentos apresentados ilustram a dimensão concreta dessa intervenção por parte do professor-pesquisador, destacando seu papel na promoção da reflexão e na mobilização de ações colaborativas entre os/as alunos/as, assim como é sugerido por Freire (2021) e Freire (2021a).

Esse cenário foi mostrando que as rodas de conversa, por si só, não eram suficientes para que pudéssemos compreender e atuar de modo mais alinhado com

as demandas dos/as estudantes. Por isso, tornou-se necessário realizar conversas individuais com algumas alunas[7] e um aluno[8], a fim de entender melhor o contexto social em que estavam inseridos e analisar se fatores extraescolares poderiam estar influenciando suas participações nas aulas.

Em uma conversa individual com a Helena e a Rillary, elas compartilharam pontos de vista relevantes que poderiam estar influenciando, de modo decisivo, nos conflitos que vinham ocorrendo durante as aulas.

> [...] o Matheus sempre começa, ela está quieta e ele passa e mostra o dedo do meio para os colegas, isso não é só comigo, mas com todos da sala [...] (Helena, Diário de aula 3).
>
> [...] Nesse momento, entendi o porquê de os/as alunos/as da sala não gostarem dele, e fez sentido para mim. Raramente via ele fazendo estes gestos, mas sempre estava envolvido em alguma intriga e sempre culpando os/as colegas/as, no entanto, acredito que seja ele que inicia todas as intrigas, diante de vários boatos que os/as próprios/as alunos/as já tinham me contado [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 3).
>
> [...] a Lorena vive me ameaçando fora da escola na rua, falando que vai me pegar, a professora já chamou a mãe da Lorena para conversar, mas ela sempre nega as ameaças e nada fica resolvido [...] (Rillary, Diário de aula 3).
>
> [...] A Rillary não disse, mas acredito que ela fica quieta por medo das ameaças [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 3).

Por conta disso, consideramos essencial realizar uma conversa individual com o Matheus, tendo como objetivo tentar compreender possíveis situações vividas por ele no cenário extraescolar e que pudessem estar influenciando seu comportamento na escola e nas aulas, bem como investigar a presença de algum marcador social, assim como orientam Silva, Rigoni e Silva, (2021).

Essa estratégia buscou identificar fatores externos, como questões familiares, sociais ou emocionais, que poderiam estar impactando sua interação com os/as colegas. De acordo com Freire (2021), o diálogo é essencial para a construção de um processo educacional que valorize a escuta ativa, permitindo que professores/as e alunos/as construam soluções para desafios enfrentados no cotidiano escolar.

> [...] chamei o Matheus para conversar no pátio. Sentamo-nos num banco no pátio e perguntei algumas coisas da vida dele, com quem ele morava, se tinha mais irmãos e por que xingava e falava palavrões para seus colegas [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).

---

[7] Conversa individual com a Lorena, Rillary e Helena.
[8] Conversa individual com o Matheus.

> [...] disse que morava na casa da sua tia, juntamente com seu outro irmão e sua mãe, que havia separado do seu pai, que ainda estava preso [...] (Matheus, Diário de aula 4).

> [...] Perguntei também se ao invés de ficar xingando e falando palavrões aos/as seus/suas colegas, se não seria melhor conversar para se entenderem, com isso ele sinalizou com a cabeça que sim. Então falei para ele que sempre que alguém falasse algo que ele não gostasse era só me avisar que tentaríamos conversar para resolver e assim tentar evitar mais conflitos [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).

Na conversa com Matheus, ficou evidente a desestruturação familiar, que influenciava de diversas maneiras em suas atitudes no ambiente escolar, inclusive durante as aulas de Educação Física. O professor-pesquisador identificou claramente a ausência de incentivo por parte dos pais em relação aos seus estudos, entre outros aspectos fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal. Essa situação parece estar diretamente relacionada ao fato de os pais terem passado um longo período presos por envolvimento com tráfico de drogas, privando o Matheus do suporte familiar necessário para sua formação. Tal narrativa parece se fazer bastante presente em comunidades periféricas, desassistidas das condições básicas de sobrevivência, nas quais o marcador de classe social torna-se evidente (Aragão *et al.,* 2022; Santos, 2022).

Essa ausência de suporte se reflete não apenas na falta de estímulo para o seu aprendizado, mas também na dificuldade do Matheus em estabelecer vínculos de aproximação e confiança com colegas e professores/as, além de apresentar resistência a seguir regras, ter um convívio harmonioso e engajar-se às rotinas escolares. De acordo com Farias (2020), o impacto dessa desestruturação familiar ultrapassa o âmbito educacional, interferindo no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, consequentemente, isso pode interferir na capacidade do/da aluno/a em lidar com os conflitos de um modo dialogado.

Além do Matheus, vários outros/as estudantes da turma manifestavam um comportamento agressivo, tendo sido observado, por exemplo, em uma das rodas de conversa, quando uma das alunas sugeriu a agressão como forma de resolver certos conflitos, afirmando: [...] “resolver na porrada” [...] (Clara, Diário de aula 5). Esse tipo de manifestação evidencia como a agressividade pode ser reflexo de vivências sociais e culturais dos/as estudantes, muitas vezes marcadas pela normalização da violência como estratégia de resolução de conflitos (Marques, 2019; Marques; Ramos; Ferreira,

2020). Corroborando com Freire (2021) e Freire (2021a), tal comportamento sugere a necessidade de espaços pedagógicos que promovam o diálogo, e a construção de alternativas respeitosas para lidar com divergências, ainda que igualmente seja relevante alertar para as condições inapropriadas em que muitos dos/as estudantes vivem em prol da conscientização pelos direitos de todo/a cidadão/ã.

No interior da análise das situações de conflito, somados aos desafios sociais já apresentados, a Praxiologia Motriz, proposta por Pierre Parlebas (2001), considera que o estudo das práticas e ações motrizes[9], a partir de uma análise científica fundamentada nas interações entre os participantes e no contexto em que essas práticas ocorrem, pode também alimentar ou minimizar as interações de conflitos entre os/as estudantes.

Os relatos apresentados podem estar relacionados à lógica externa, definida por Parlebas (2001) como os aspectos socioculturais, históricos e contextuais que atravessam as práticas educacionais em geral, incluindo a Educação Física. Ainda segundo Parlebas (2001), em contextos de práticas corporais, essas não ocorrem de maneira isolada, mas são influenciadas pelas interações sociais e pelos valores culturais que permeiam o ambiente e as histórias pessoais trazidas pelos/as estudantes.

Na sugestão da aluna de "resolver na porrada", a ação reflete não apenas uma atitude individual, mas também pode ser compreendida como uma manifestação de valores socioculturais ou padrões de comportamento internalizados por meio de vivências externas ao contexto escola, corroborando com os achados de Marques (2019). Essa perspectiva evidencia a relação entre a lógica externa, representada pelos aspectos sociais que moldam o ambiente escolar, assim como, influenciam as dinâmicas dentro da escola e durante as aulas (Parlebas, 2001).

Essa evidência ressaltou a necessidade de o professor-pesquisador intervir de forma educativa, promovendo reflexões críticas sobre formas saudáveis e colaborativas de resolução de conflitos, contrariando a agressividade que pode estar enraizada nas interações externas trazidas para o espaço escolar, assim como destaca (Marques, 2019; Marques; Ramos; Ferreira, 2020).

[9] A ação motriz, segundo Parlebas (2001), é toda ação corporal realizada em um contexto motor que envolve interação com o meio, com outros participantes e com as regras que estruturam a atividade.

Em uma das aulas, o professor-pesquisador iniciou com o uso de uma estratégia alternativa para lidar com os conflitos recorrentes durante as aulas, que foi a criação de cartazes pelos/as próprios/as alunos/as. Com base nos conflitos identificados entre eles/elas ao vivenciarem as práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar, o professor-pesquisador sugeriu que os estudantes fossem divididos em três grupos. Posteriormente, cada grupo foi incumbido de produzir um cartaz, utilizando cartolinas e pinceis atômicos, que identificassem os problemas que causavam os desentendimentos entre eles, além de apresentassem possíveis soluções para aquelas questões.

Ao término da aula, foi perceptível indícios de que essa atividade poderia ter gerado um impacto positivo entre os/as alunos/as, evidenciados pelas sugestões apresentadas por eles/elas:

> [...] sem cavalar, sem palavrões, sem brincadeiras e mão, sem humilhar, que as meninas pudessem fazer as atividades, fazer silêncio... reconhecer quando errar e se desculpar com o outro; assim ficaria resolvido na conversa [...] (Vitor, Diário de aula 5).
>
> [...] todos devem jogar, não fazer bagunça, conversar para chegar a um acordo e não brigarem à toa, que todos e todas devem participar e atividades atrativas, que todos/as gostem [...] (Bryan, Diário de aula 5).
>
> [...] seria possível conversar se a pessoa reconhecesse que errou, pedisse desculpa e conversar para não acontecer novamente [...] (Luna, Diário de aula 5).
>
> [...] foi um dia muito produtivo e rendeu muita conversa e reflexões sobre problemas importantes que aconteciam nas aulas. As soluções propostas serão aplicadas e testadas nas próximas aulas para ver se serão úteis e válidas para conter os conflitos corriqueiros durante as aulas e as atividades [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 5).

Essas sugestões demonstraram o envolvimento dos/as alunos/as com a proposta pedagógica e pareceram indicar que a atividade conseguiu promover reflexões e despertar o interesse do grupo, conforme evidenciado por Rocha, Winterstein e Amaral (2009). Além disso, o engajamento nas discussões e a iniciativa de propor ideias evidenciam a possibilidade de um impacto positivo no desenvolvimento de habilidades, como: colaboração, criatividade e senso crítico, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais participativo e acolhedor, assim como sugerido por Freire (2021) e Freire (2021a).

Não obstante, certas particularidades de alguns alunos e algumas alunas foram extremamente relevantes, pois desafiavam os/as professores/as a refletirem criticamente sobre suas práticas didáticas. Nem todos/as estudantes demonstravam interesse ou entusiasmo pelas atividades propostas, o que pode, em muitos casos, não estar relacionado apenas às preferências individuais, mas às questões de saúde ou limitações específicas. Um exemplo disso foi apresentado por uma aluna, que destacou como esses fatores podem impactar a sua participação nas aulas [...] “me incomoda as brigas, o barulho e, às vezes, a brincadeira” [...] (Luna, Diário de aula 6).

> [...] Esta resposta dela faz sentindo, visto que ela tem traços de autismo (sem laudo) e quando ela sai de alguma atividade, realmente há algum barulho intenso durante a vivência dos alunos e alunas [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 6).

Luna também expôs outra queixa em relação as atividades propostas pelo professor-pesquisador:

> [...] ela disse que não gostava porque não conseguia jogar, por não saber como jogar. Ainda disse, que se aprendesse a jogar talvez seria possível participar. A Luna continuou falando que se todos fossem justos seria possível que mais pessoas participassem [...] (Luna, Diário de aula 7).

Esse contexto mobilizou o professor-pesquisador a empenhar-se ao máximo em valorizar e acolher as propostas apresentadas pelos/as alunos/as durante as aulas, demonstrando abertura para integrar suas sugestões nas atividades (Freire, 2021; Hildebrandt; Laging, 1986; Kunz, 2004). Um exemplo inesperado dessa abordagem foi a contribuição da aluna Lorena, que sugeriu uma atividade específica, evidenciando o impacto positivo da escuta ativa no engajamento e na construção colaborativa do processo educativo (Freire, 2021a).

> [...] Lorena falou que tinha a ideia de uma brincadeira, então chamei todos e todas para sentarem-se no centro da quadra para a Lorena falar e explicar a brincadeira que estava pensando [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).

> [...] fazer um futsal sem os goleiros e juntar as equipes de colete em um único time e os sem coletes em outro time. Além disso, ela também sugeriu que, para validar os gols, todos/as da equipe teriam que pegar na bola [...] (Lorena, Diário de aula 4).

A atuação do professor-pesquisador na organização das equipes e no desenvolvimento das atividades foi indispensável em todas as etapas das ações, desde o início até o retorno da quadra para a sala de aula, assim como ressalta Silva (2022). Os alunos e alunas apresentavam dificuldades para se organizarem de forma autônoma, entretanto, o professor-pesquisador desempenhou um papel ativo nessa organização, mantendo seu suporte durante todo o período de realização da pesquisa, o que vai ao encontro do que é sugerido por Rocha, Winterstein e Amaral (2009).

Com o tempo, os/as alunos/as passaram a expressar elogios tanto às aulas quanto à forma como eram conduzidas pelo professor-pesquisador, além de compartilharem desabafos e discutirem assuntos pessoais e extraescolares que eram evidentes durante as práticas corporais nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, surgiram alguns discursos, tais como:

> [...] Para mim a Educação Física teve importância, por causa que alegra a gente, a gente gosta de brincar, a gente não gosta de só ficar na sala [...] (Felipe, Entrevista 1).
>
> [...] as brincadeiras que você estava dando para nós era legal [...] (Lorena, Entrevista 3).
>
> [...] uma coisa que também me ajudou muito, algumas atividades por eu ter feito e eu ter feito até muitos exercícios físicos também, não muito, mas eu fiz até que bastante, ajudou um pouco. Porque sempre tive um problema na minha perna direita, então conforme eu fui fazendo algumas atividades, isso melhorou um pouco [...] (Luna, Entrevista 12).
>
> [...] Tipo, algumas pessoas começaram a se entreter mais por Educação Física, como eu, por mais que eu não faça muitas atividades aqui, que às vezes eu não gosto, mas eu me entreti mais com a Educação Física e nas minhas aulas, e eu acredito que as outras pessoas também [...] (Luna, Entrevista 12).

As falas trouxeram diferentes perspectivas sobre a relevância da Educação Física no contexto escolar, evidenciando sua contribuição para o bem-estar e o desenvolvimento pessoal. Um dos relatos ressaltou o papel do componente curricular como um momento de descontração e alegria, contrastando com a monotonia da sala de aula, enquanto outro valoriza as brincadeiras propostas, que tornam a experiência mais envolvente e significativa (Freire, 1991).

Foi mencionada também a contribuição das práticas corporais para a saúde, com melhorias em uma condição física específica devido à prática de exercícios físicos, além de reconhecer que a Educação Física promoveria maior engajamento e

interesse, mesmo entre aqueles que inicialmente demonstravam menor afinidade com as atividades propostas. Essas percepções reforçaram a importância da Educação Física como um espaço que vai além do movimento, abrangendo diversos aspectos da vida humana (Freire, 2009).

As relações entre as ações docentes e os estudantes durante as práticas corporais nas aulas de Educação Física foram centrais para as dinâmicas pedagógicas e para a gestão de conflitos. Embora esses conflitos tenham se mostrado como um desafio para o andamento das aulas, eles também ofereceram oportunidades para promover reflexões e diálogos que ressignificaram as interações educativas. O professor-pesquisador desempenhou um papel ativo, intervindo de forma educativa e criando espaços como rodas de conversa e atividades colaborativas, buscando soluções para os desafios enfrentados, conforme sugerido por Freire (2021).

Conforme pudemos observar nos dados revelados, embora os conflitos possam atrapalhar o andamento das aulas, eles igualmente representam oportunidades para promover o diálogo e a reflexão crítica. O professor-pesquisador atuou ativamente, intervindo com rodas de conversa, atividades colaborativas e conversas individuais para compreender influências extraescolares, como desestruturação familiar e normalização da violência, que impactam o comportamento dos/as alunos/as (Parlebas, 2001). Essas ações, alinhadas às perspectivas de Freire (2021), valorizaram o diálogo e a escuta ativa, incentivando o desenvolvimento de ações colaborativas. Dessa forma, a Educação Física é destacada como um espaço que vai além do movimento, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social dos/as estudantes.

4. 2 Desafios do ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais

O ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão nas práticas corporais apresenta desafios que exigem reflexões profundas sobre os conflitos que emergem no ambiente escolar. Compreender como essas questões influenciam as relações e a participação nas atividades é essencial para promover uma Educação Física mais equitativa, acolhedora e transformadora. Tais questões carecem de dinâmicas pedagógicas que podem influenciar diretamente as interações entre os/as estudantes,

suas participações nas atividades e nos modos como lidam com os conflitos delas emergentes.

Conforme destaca Altmann (2015), o gênero atua como um marcador social significativo para evidenciar diferenças nas aulas de Educação Física. Nesse contexto, surgem diversos desafios relacionados ao gênero, especialmente quando a escola busca integrar meninos e meninas em atividades conjuntas, sendo a Educação Física um cenário propício para que essas questões se manifestem, causando assim diversos conflitos.

> Unir meninos e meninas em uma mesma aula de educação física não põe fim a nenhum conflito; ao contrário, em alguns casos, pode torná-los mais evidentes. A organização de turmas mistas, porém, sinaliza que não apenas diferenças sexuais são importantes para uma aula de educação física; as turmas mistas rompem com uma divisão polarizada e única entre o feminino e masculino, considerando variações de gênero e sexualidade, diluindo fronteiras e permitindo seu cruzamento (Altmann, 2015, p. 25).

Ao longo da pesquisa, foram identificadas diversas situações relacionadas ao gênero nas quais os conflitos se tornaram evidentes. No entanto, em uma avaliação diagnóstica, realizada com os/as alunos/as antes das atividades de ensino vinculadas à pesquisa de mestrado, conforme sugerido por Hoffmann (2001), o marcador gênero não foi explicitamente sinalizado como um fator que incomodava os/as estudantes. Quando questionados/as sobre a possibilidade de meninos e meninas jogarem juntos/as nas aulas de Educação Física, os/as estudantes não apresentaram restrições. Todos/as afirmaram que os jogos e esportes devem ser praticados por ambos os gêneros, destacando ainda que a interação mista torna as atividades mais divertidas e agradáveis, conforme pode ser observado em algumas respostas a seguir:

> Porque os dois são iguais e os esportes são importantes para os dois, todos se divertem. (Bryan, Diário de aula 1).
> Porque tantos os homens quanto as mulheres podem praticar vários esportes. (Vitória, Diário de aula 1).
> Os dois podem praticar todos os esportes juntos. (Pedro, Diário de aula 1).
> Por que ambos têm a mesma capacidade. (Elisa, Diário de aula 1).
> Todos podem jogar sem preconceito. (Levi, Diário de aula 1)
> Todo mundo tem direito de jogar, tanto meninas quanto meninos. (Lorena, Diário de aula 1).
> Todo mundo tem o direito de praticar os esportes que ela quiser praticar. (Felipe, Diário de aula 1).
> Porque se fosse os homens ou mulheres ia ser muito chato. (Manuela, Diário de aula 1).

Contudo, esses relatos não se refletiam na realização das práticas corporais durante as aulas de Educação Física, nas quais os meninos não incluíam as meninas de maneira participativa nas atividades propostas. A mesma situação foi identificada por Altmann (2015), demostrando uma incongruência entre o discurso e a ação dos/as estudantes. Por conta disso, esse cenário frequentemente se estabelecia como ponto de partida para diversas discussões entre os/as estudantes:

> [...] meninos culpando as meninas pela derrota em algum jogo; alunos pedindo para fazer jogos de meninos contra as meninas; os conflitos que ocorrem geralmente eram entre algum menino com menina ou entre as meninas. Entre os meninos não eram recorrentes os conflitos ou discussões, somente quando envolvia alguma menina. Estas atitudes, a meu ver, não estão de acordo com as respostas obtidas na Avaliação Diagnóstica que apliquei aos alunos e alunas [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 1).

Diante dos diversos conflitos que frequentemente surgiam durante as aulas, os cartazes confeccionados pelos/as alunos/as revelaram algumas das causas mais recorrentes desses problemas, o qual eles/elas mesmos/as observaram.

Os/as próprios/as estudantes se distribuíram nos grupos, resultando no "Grupo I" composto por 5 meninas, o "Grupo II" por 6 meninas e 4 meninos e o "Grupo III" por 7 meninos. O Grupo I destacou as situações de desmotivação de algumas alunas para as atividades, de agressividade nos jogos, do uso de palavrões e xingamentos. O Grupo II identificou enfrentamentos relacionados ao grande tumulto durante as aulas, às brigas, às discussões, à desmotivação de algumas alunas. O Grupo III ressaltou que a agressividade nos jogos, o uso de palavrões e xingamentos, as brincadeiras de mão, a exclusão das meninas e a desobediência às regras eram ações que contribuíam para a geração de conflitos entre eles/elas nas atividades de Educação Física.

Como é possível notar, a constituição dos grupos já pode explicitar algumas formas particulares de interação entre os meninos e as meninas na turma, uma vez que, dentre os três grupos formados, somente um se constituiu como misto.

Ainda analisando as sugestões dos/as alunos/as, trazidos na confecção dos cartazes, podemos sinalizar que a problemática particularizada do gênero feminino aparece nos problemas levantados pelos três grupos, indo da desmotivação até a exclusão das meninas nas atividades de aula.

Conforme destacado por Altmann (2015), é evidente que nas aulas de Educação Física ocorrem situações que refletem a influência do marcador gênero. De acordo com Martins (2022), com frequência, os currículos e as atividades são segregados por gênero, o que não apenas limita as oportunidades dos/as estudantes de experimentarem uma variedade mais ampla de atividades, mas também perpetuam estereótipos de masculinidade e feminilidade. Pereira (2020) corrobora com essas observações, evidenciando que essas ações costumam fragilizar o empoderamento feminino nas aulas de Educação Física.

As brigas entre os/as alunos/as eram frequentes durante as aulas, na maioria das vezes motivadas por diferenças de opinião, conflitos relacionados à convivência dentro ou fora da escola ou desavenças que ocorriam no decorrer das práticas corporais. Essas situações não apenas afetavam o clima da turma, mas também dificultavam o desenvolvimento das atividades. Os trechos a seguir ilustram alguns desses momentos de conflito, evidenciando os desafios enfrentados no contexto das aulas:

> [...] a aluna Helena que estava de fora e a aluna Beatriz tiveram um desentendimento, por algum motivo que não perguntei a causa, somente chamei a atenção e repreendi as duas, dizendo que não queria ver aquelas brigas nas aulas. Como isso, a Helena saiu de perto da Beatriz, fazendo um gesto obsceno e a Beatriz respondeu falando que a Helena iria ver na saída da escola [...] (Helena e Beatriz, Diário de aula 2).

> [...] inicialmente, pedi para os alunos/alunas da equipe 2 sem colete escolherem uma das meninas que tinham saído para compor a equipe deles, visto que estavam com uma pessoa a menos. Foi aí que escolheram a Eduarda, mas a Lorena e a Maria Eduarda não gostaram e queriam ser escolhidas e foram tirar satisfação com os meninos e até mesmo com a própria Eduarda, dando início a uma discussão novamente [...]. Lorena, por sua vez, não gostou e xingou o Felipe e falou que eu não tinha explicado. De pronto falei que ela tinha razão e falei que iria ensinar, mas o Felipe disse que não tinha o que ensinar, que era tirar 2 ou 1 e só [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 3).

> [...] a Lorena e o Matheus começaram a discutir, pois as meninas foram tomar água e o Matheus foi atrás, sem avisar ou pedir permissão, para ver o que as meninas estavam fazendo e vir fazer fofoca para mim. Dessa vez, questionei para saber a origem de fato da discussão, então a Lorena falou que começou na aula de Informática no dia anterior, a qual ela e o Matheus sentaram juntos para fazerem a atividade solicitada pela professora, e como o Matheus não estava sabendo realizar, ela disse que foi tentar ensiná-lo, mas ele ficou provocando e a insultando. Em um instante, o Bryan se intrometeu falando algo sobre a Lorena e ela retrucou, ambos xingaram um ao outro com palavrões. Tentei acalmar o ânimo dos alunos e das alunas, falando para o Matheus que a Lorena estava tentando ajudá-lo e questionei se ele achou que a atitude dele na Informática foi correta, ele somente balançou a cabeça para o lado, concordando que não. No entanto, neste momento não foi fácil,

> pois eles/elas, a todo momento, ficaram xingando e acusando um ao outro, até que a Eduarda e a Maria Eduarda, amigas da Lorena, pediram para ela pedir desculpa ao Matheus pelas ofensas. Muito relutante ela fez, mas ressaltou que o Matheus também devia se desculpar com ela, porém isso não ocorreu, pois os alunos e alunas me cobraram para escolher o time para começarem a atividade logo. Com isso, pedi que tirassem par ou ímpar e o Júlio iniciou a escolha. Como já era de costume, eles mesmos falaram que iriam escolher primeiro as meninas e depois os meninos [...] (Matheus; Lorena; Bryan; Eduarda; Maria Eduarda, Diário de aula 3).

A situação se desdobrou em um ciclo de provocações, insultos e falta de equilíbrio socioemocional de ambas as partes, evidenciando a dificuldade de lidar com frustrações e conflitos de maneira respeitosa. A origem do desentendimento, que começou na aula de Informática, revelou-se como um momento de interação problemática, já que a tentativa de ajuda de Lorena foi recebida com desdém e culminou em insultos mútuos. O envolvimento de Bryan intensificou ainda mais a tensão, expondo uma interação desordenada.

Este conflito entre a Lorena e o Matheus expõe uma série de situações e comportamentos que parecem ser recorrentes em ambientes escolares e que demandam uma atenção cuidadosa para promover um ambiente de respeito entre os/as estudantes, constatação igualmente verificada por Marques (2019).

Apesar dos esforços do professor-pesquisador para mediar o conflito e incentivar a reflexão sobre as atitudes deles/as, como ao questionar Matheus sobre seu comportamento e solicitar desculpas mútuas, o contexto não favoreceu um encaminhamento de acolhimento e confiança, pois a urgência dos demais alunos/as para iniciar a atividade desviou a atenção e deixou a reconciliação incompleta. Além disso, o processo de escolha dos times reforçou divisões de gênero que, embora costumeiras, podem perpetuar desigualdades e deixar explícito o marcador gênero, assim como verificado por Altmann (2015).

> [...] pedi para as equipes se juntarem para combinarem as estratégias que iriam usar no pique-bandeira [...] nesse momento percebi que a equipe da Brenda só os meninos se juntaram e ficaram combinando algo, excluindo assim as meninas que não se juntaram também [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 3).

> [...] O Gustavo sugeriu começar escolhendo os meninos primeiro dessa vez e depois as meninas já que nas aulas anteriores foram as meninas as primeiras escolhidas [...] todos e todas estavam de acordo e acharam justo [...] (Gustavo, Diário de aula 4).

> [...] Contudo, mesmo com regras para todos e todas participarem, não foi possível observar a inclusão efetiva das meninas [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).

> [...] a Lorena falou do Matheus, que ele não tocava a bola, até mesmo quando a bola estava com o time deles ele queria tomar bola e seguir em direção ao gol, ignorando todos e todas [...] A Beatriz, que também estava no time dele, também reclamou das mesmas coisas, nisso começou um bate-boca entre o Matheus, Beatriz e a Lorena [...] (Lorena; Matheus; Beatriz, Diário de aula 4).

> [...] Nesse dia sai da sala muito decepcionado com a aula, pois vi que mesmo com poucos alunos a aula não fluiu bem, diante do que relatei acima e isso me deixou muito abalado psicologicamente, sem saber como iria agir nas próximas aulas [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).

> [...] Em dado momento a Manuela e Larissa saíram do grupo [...] a Beatriz também saiu brava, dizendo que só os meninos queriam escrever e não estava deixando as meninas. Nesse momento, percebi o motivo da possível saída da Manuela e da Larissa, que pode ter sido por este motivo também, já que não tinham me falado motivo. Outro ponto, é que mesmo o grupo sendo misto os meninos se colocavam a frente das meninas, excluindo-as do processo de construção dos cartazes. Isso também se refletiu nos grupos só de meninos e só de meninas, onde também ficou evidente o desinteresse das meninas em participar do grupo dos meninos [...] (Confecção dos cartazes, Diário de aula 5).

Em momentos como estes, em que o marcador gênero se tornava evidente, frequentemente manifestados durante as vivências das práticas corporais, eram expostos estereótipos de gênero, revelados pelas ações, escolhas e interações entre os alunos e as alunas, como também foi observado por Pereira (2020), Marques (2019) e Altmann (2015).

Essas manifestações não apenas refletem valores sociais internalizados, mas também influenciam a forma como os/as estudantes interagem entre si e se expressam dentro do ambiente escolar, assim como, durante as atividades nas aulas de Educação Física, conforme salientam Souza Júnior (2022), Amorim, Baptista e Carvalho (2020) e Souza (2006).

Os conflitos também eram observados durante as rodas de conversa, nas quais o professor-pesquisador abria espaço para que os/as alunos/as se expressassem e expusessem seus pontos de vista e sentimento em relação às atividades ou a momentos específicos da aula. Alguns relatos estão expostos nos trechos a seguir:

> [...] Toda hora tinha que parar o jogo por causa das brigas nos dois times [...] (Luna, Roda de conversa 1).

> [...] Todas as aulas têm briga quando você chega e passa as atividades. Os alunos não sabem brincar direito ou alguém faz coisa errada sem motivo [...] (Eduarda, Roda de conversa 1).

> [...] Reconheço que faço "graça", mas só porque a Rillary fez primeiro [...] (Lorena, Roda de conversa 1).
>
> [...] Combinei com a Lorena de defender, mas ela parou no meio do jogo. Fiquei sobrecarregado e isso causou conflitos na equipe [...] (Júlio, Roda de conversa 1).
>
> [...] O Matheus não toca a bola. Quando a bola está com o time dele, ele quer tomar a bola e seguir em direção ao gol, ignorando todos e todas [...] (Lorena, Roda de conversa 2).
>
> [...] Não é verdade! Vocês não sabem jogar direito [...] (Matheus, Roda de conversa 2).
>
> [...] Não gosto de burburinhos. Isso faz com que eu me afaste e perca a vontade de participar das atividades [...] (Elisa, Roda de conversa 3).
>
> [...] a pessoa começa a perder e não aceita perder e como a pessoa não aceita perder, ela quer colocar a culpa toda na outra pessoa, ela quer descontar na pessoa [...] Tipo, eu outro dia, eu não aceitei perder e eu descontei na Brenda [...] (Lorena, Entrevista 3).

Esses acontecimentos durantes as aulas, tais como: errar durante o jogo, não realizar a ação combinada com o/a colega, querer resolver tudo sozinho, não saber perder, também eram motivos para incitar os conflitos. Estas situações parecem ter sido intensificadas pelas características das práticas sociomotrizes[10] de cooperação-oposição, marcadas pelas interações de oposição e cooperação simultâneas entre os/as participantes (Marques, 2019; Marques; Ramos; Ferreira, 2020).

Estas ações podem estar relacionadas à lógica interna, apontada por Parlebas (2001) como sendo as características específicas e relevantes de uma situação motriz[11], ou seja, os elementos que definem as condições em que a atividade ocorre (como espaço, regras, interações entre participantes e objetivos a serem alcançados), e as implicações diretas que essas condições geram nas ações motrizes precisam ser realizadas para se alinhar ao contexto e alcançar os objetivos da atividade.

Essa relação também foi amplamente explorada e evidenciada por Marques (2019) em sua dissertação de mestrado, que contribuiu significativamente para as reflexões realizadas em nosso estudo.

---

[10] De acordo com Parlebas (2001), práticas sociomotrizes são atividades motoras que envolvem interação entre os participantes, nas quais as ações de um indivíduo influenciam e são influenciadas pelas ações dos outros

[11] A situação motriz, segundo Parlebas (2001), é qualquer contexto em que os indivíduos realizam ações motrizes em resposta às regras, interações e condições específicas.

> Ao compreender que o conflito é relacionado com a lógica interna, o professor pode desenvolver uma pedagogia das condutas motrizes nas situações de conflito, como alterações e adaptações das regras e mediações dialógicas com os estudantes (Marques, 2019, p. 88-89).

Segundo Rodrigues, Darido e Paes (2013), os processos educativos relacionados à lógica interna são resultantes da compreensão das dinâmicas e das ações envolvidas no jogo, bem como de suas exigências táticas, técnicas e regras, ou seja, da perspectiva de saber jogar.

Segundo Ribas (2005), compreender a lógica interna do jogo ou esporte pelo/a aluno/a facilita a transferência da aprendizagem para outras atividades. Se considerarmos algumas modalidades esportivas como basquetebol, handebol e voleibol, elas exemplificam uma estrutura de jogo caracterizada pela existência de uma relação de cooperação entre os/as jogadores/as de uma mesma equipe e uma relação de oposição em relação aos/às jogadores/as da equipe adversária. No entanto, essas modalidades também apresentam particularidades bem próprias na forma como os/as participantes se envolvem e interagem durante as atividades.

Nas práticas corporais, realizadas durante as aulas, eram frequentes a observação de desorganização e desrespeito às regras, o que resultava em tumultos e comprometia o andamento das aulas, as quais foram observadas em jogos sociomotrizes de cooperação e oposição simultâneas (Marques, 2019). Algumas observações, referente a esses achados do professor-pesquisador, podem ser visualizadas nos trechos abaixo:

> [...] Antes de iniciar o jogo, dois meninos, um de cada time, se dispuseram a ir ao gol para suas equipes. Contudo, o jogo ficou muito tumultuado, pois todos/todas corriam em direção a bola e não estavam respeitando as linhas laterais e de fundo [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 1).
>
> [...] a aluna Helena saiu do jogo sem avisar, quando questionei sua saída ela não disse nada, simplesmente ficou sentada quieta na arquibancada, juntamente com a Luna. Contudo a Helena nunca fala nada, mesmo insistindo e tentando conversar a sós com ela [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 1).
>
> [...] não havia passe de bola para os colegas da mesma equipe, somente chutes sem direção [...] muitas meninas ficaram paradas conversando dentro da quadra e aparentando desinteresse pelo jogo, enquanto os meninos procuravam correr em direção a bola. Não houve nenhuma interação entre os/as colegas das equipes, deu a impressão de que cada um estava querendo ter um contato com a bola e não jogar pelo time, [...] as poucas meninas que estavam interessadas também não conseguiam pegar na bola, pois quando havia a possibilidade de um passe, sempre era algum aluno procurando por outro aluno, geralmente os mais habilidosos. [...] acredito que

> este seja um fator para o desinteresse por boa parte das alunas (Professor-pesquisador, Diário de aula 1).
>
> [...] Com o início da partida foi possível observar que nenhuma das equipes entendeu o que era para ser feito, já que todas estavam tentando fazer gol e não entrar na área adversária com a posse da bola [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).
>
> [...] Até mesmo quando alguma menina ou menino da equipe do Matheus pegava na bola ele ia para cima deles com a intenção de tomar a bola. Já na equipe de colete, percebi que estavam tentando passar a bola, mas ambas as equipes não conseguiam realizar os passes com precisão e ficava chute de um lado para o outro, na maioria das vezes, eram os meninos que realizavam estes chutes, sem direcionar o passe para alguém do seu time [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 4).

Eram recorrentes os tumultos e a desorganização, muitas vezes, provocados pela falta de comprometimento com as regras estabelecidas e pela dificuldade de os/as alunos/as trabalharem em equipe, ou seja, não estavam em consonância com a lógica interna dos jogos. Essa dinâmica não apenas prejudicava o andamento das atividades propostas, mas também criava um ambiente de conflito e dispersão, comprometendo a aprendizagem e o engajamento dos/as estudantes. O desrespeito às normas e a resistência em seguir orientações tornavam desafiadora a condução das aulas, demandando intervenções constantes para tentar reestabelecer a promoção de um ambiente mais colaborativo, indo ao encontro de observações semelhantes feitas por Marques (2019) e por Marques, Ramos e Ferreira (2020).

Seguindo as recomendações de Marques (2019), diversas estratégias foram implementadas pelo professor-pesquisador, incluindo modificações nas regras e adaptações das dinâmicas nas atividades, com o objetivo de promover a inclusão de todos/as os/as colegas e tornar as práticas mais participativas.

> [...] Após transcorrido 5 minutos de jogo apitei o fim, pois vi que o jogo estava muito tumultuado, como já esperava que fosse, e não estava fluindo, pois não havia passe de bola, todos/todas corriam em direção à bola e quando ela chegava até algum jogador ou jogadora eles/elas só chutavam para onde fosse possível, sem nenhuma direção, quanto menos, objetivando o gol defendido pelo adversário. Além disso, as poucas vezes que aconteceu algum passe, era sempre um dos meninos tocando para outro menino da sua equipe, excluindo as meninas da equipe [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 2).
>
> [...] em certo momento numa das atividades, alguns alunos sugeriram que para validar o gol, todos/as da equipe deveriam tocar na bola, ao menos uma vez, sendo assim, o professor permitiu que fosse [...], no entanto, percebi que isso não foi suficiente, já que após a bola passar pelos/as colegas, a bola retornava para o mais habilidoso, para tentar finalizar com gol [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 2).

> [...] Após o fim, fiz outra roda de conversas com os alunos/alunas e questionei se ficou melhor dessa forma, se todos participaram, a maioria respondeu que sim, mas a Beatriz e a Lorena responderam que não sentiram que tocaram a bola para elas, mas sim que a bola sobrou para elas. Finalizei dizendo que iríamos rever as regras para as próximas aulas e retornamos para a sala de aula [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 2).

> [...] Apitei para iniciarem o pique-bandeira, mas com poucos minutos vi que estavam fazendo tudo errado, não estavam respeitando as regras e não consegui visualizar todos os/as alunos/as, para corrigir as infrações. Inclusive a Helena já tinha saído da brincadeira e ido se sentar na arquibancada, sem avisar e ficou calada quando questionei o porquê de ter saído, como de costume para ela [...] (Professor-pesquisador, Diário de aula 3).

Caracterizado pela ausência de organização, exclusão das meninas, foco nos chutes sem direção, entre outros aspectos intrínsecos dos jogos, fica evidenciado como a lógica interna do jogo não foi compreendida ou aplicada pelos/as estudantes. Ademais, considerando, como aponta Parlebas (2001), qualquer pessoa quando vai joga uma prática motriz com outras pessoas se coloca numa condição de aceitação da dinâmica do jogo, ou seja, concorda com um contrato lúdico (ainda que tacitamente) para que o jogo aconteça.

A proposta de que todos/as os/as jogadores/as tocassem na bola antes de validar o gol foi uma tentativa de modificar a lógica interna do jogo para torná-lo mais inclusivo. No entanto, o retorno da bola ao jogador mais habilidoso demonstrava a influência das habilidades individuais sobre as dinâmicas coletivas, assim como o observado por Altmann (2015). Isso parece revelar como a lógica interna, mesmo adaptada para favorecer uma maior participação dos/as alunos/as, pode ser influenciada por fatores externos, diante do contexto em que os/as alunos/as estudados/as estavam inseridos (Parlebas, 2001). Esse cenário ilustra a necessidade de propor alternativas para incluir não apenas a participação real, mas também uma interação mais significativa entre todos/as os/as participantes na qual eles e elas sejam mobilizados a pensar sobre o que fazem e porquê o fazem.

O desrespeito às regras no jogo de pique-bandeira e a saída silenciosa de uma aluna da atividade destacam a falta de alinhamento entre a lógica interna esperada e o comportamento dos/as participantes. A ausência de engajamento, aponta para a importância de estruturar regras e interações que incentivem a participação ativa e o envolvimento dos/as alunos/as (Marques, 2019; Altmann, 2015) no compromisso com as atividades de aula. Para os/as estudantes seria interessante incentivar uma

reflexão na qual compreendessem o que nos alerta Parlebas (2001) o fato de quando jogamos, não estamos simplesmente no jogo, mas somos o próprio jogo.

Dessa forma, ao pensar sobre os desafios de trabalhar questões de gênero, inclusão e exclusão, percebemos que esses temas também estão ligados aos conflitos nas vivências das práticas corporais nas aulas de Educação Física (Altmann, 2015).

Frequentemente, como professores/as, em alguns momentos parece nos faltar a sensibilidade de ensinar não apenas as regras, mas também as estratégias e dinâmicas do jogo, de forma que os/as alunos/as desenvolvam um maior respeito mútuo, compreendendo com mais profundidade o funcionamento do jogo e o papel de cada participante dentro dele.

É importante, neste sentido, que os/as professores/as entendam a complexidade dessas situações e criem, junto com os/as estudantes, um ambiente que respeite as diferenças e promova uma ampliação da visão de mundo para além das narrativas estabelecidas e, muitas vezes, tidas como naturalizadas. Lidar com essas questões exige conhecimento e sensibilidade para entender como as normas sociais afetam as práticas corporais e as identidades dos/as alunos/as (Aragão *et al.,* 2022). Com práticas mais inclusivas e críticas, é possível transformar a escola em um espaço de aprendizado, de respeito e de valorização da diversidade.

4.3 Possibilidades para o ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais

As questões de gênero, inclusão e exclusão emergem como temas atuais nos ambientes educacionais, sinalizando sua relevância para a formação crítica e cidadã dos/as estudantes. No contexto escolar, essas temáticas se entrelaçam com as práticas corporais, espaço privilegiado de expressão e interação. O corpo, enquanto manifestação cultural e social, carrega significados e valores que são continuamente construídos e reproduzidos (Neira, 2022).

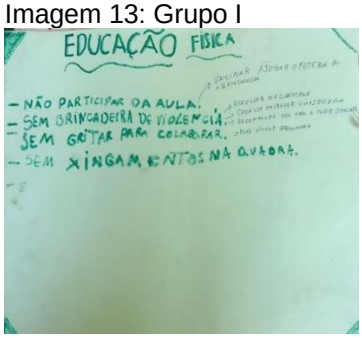
Esta categoria busca explorar as múltiplas possibilidades para o ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na interface com os conflitos e as práticas corporais. Propõe uma reflexão sobre ações pedagógicas que favoreçam a desconstrução de preconceitos, incentivem o diálogo e ampliem a compreensão dos/as estudantes acerca de si mesmos/as e do/da outro/a, assim como sugere Freire (2021).

Durante o desenvolvimento das aulas de Educação Física, as oportunidades de ensino se revelaram como respostas aos desafios específicos que emergiam em cada encontro. Cada situação desafiadora tornou-se uma chance de estimular a criatividade, promover a interação entre os/as alunos/as e adaptar as metodologias para atender às necessidades individuais e coletivas (Marques, 2019), o que reforça o papel da Educação Física como um espaço dinâmico e transformador no processo educativo (Altmann, 2015).

Desde o início da pesquisa, o professor-pesquisador esforçou-se para buscar possibilidades de fazer com que a lógica interna dos jogos fosse internalizada e compreendida pelos/as alunos/as, a fim de que as práticas corporais se dessem de maneira satisfatória e sem maiores dificuldades. No entanto, nas primeiras semanas da pesquisa, nem isso foi possível, dada à proporção dos constantes conflitos que ocorriam desde o início das aulas. Com a confecção dos cartazes, foram surgindo uma série de soluções, as quais os/as próprios/as alunos/as observaram, culminando em ações favoráveis para as futuras aulas, desde aquele momento.

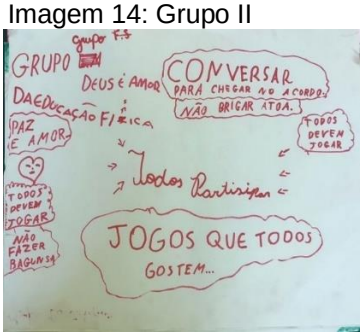
Na Imagem 13 estão expostas as fotos dos cartazes confeccionados pelos/as alunos/as:

Imagem 13: Grupo I



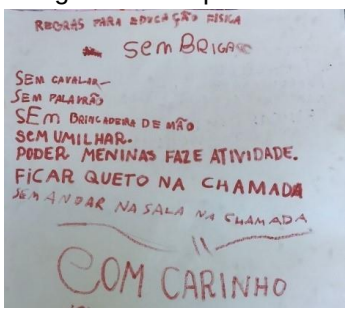
Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 14: Grupo II



Fonte: Registrada pelo autor

Imagem 15: Grupo III



Fonte: Registrada pelo autor

As sugestões apresentadas por eles/elas para sanar ou amenizar os problemas identificados e, desse modo, melhorar as interações de conflito, foram diversas. O grupo I, composto somente por meninas, sugeriu: conversar para resolver os conflitos, ensinar os jogos para evitar desinteresse, reconhecer erros, pedir desculpas, evitar brigas e discussões. Para o grupo II (com meninos e meninas), as maneiras que apresentaram para melhorar esse cenário foram: conversar para resolver os conflitos, evitar brigas e discussões, garantir a inclusão de todos e todas, evitar tumultos. As soluções apresentadas pelo grupo III (meninos), incluíram: conversar para resolver os

conflitos, não falar palavrões ou insultar colegas, garantir a inclusão das meninas nas atividades.

> [...] sem brincadeira de violência, sem gritar para colaborar e sem xingamentos na quadra [...]. (Grupo I, Diário de aula 5).
>
> [...] todos devem jogar, não fazer bagunça, conversar para chegar a um acordo e não brigarem à toa, todos devem participar das atividades que todos/as gostem [...] a conversa entre eles/elas propuseram soluções para alguns dos problemas que observaram em aulas anteriores [...]. (Grupo II, Diário de aula 5).
>
> [...] sem brincadeira de violência, resolver na conversa [...]. (Grupo III, Diário de aula 5).

Durante as rodas de conversa realizadas nessa aula, os/as alunos/as tiveram a oportunidade de compartilhar e discutir suas ideias e pensamentos de maneira aberta. Entre as contribuições apresentadas, destacamos a percepção de que o diálogo era uma estratégia eficaz e viável para a resolução de conflitos, sendo amplamente valorizado por eles/elas como ferramenta de entendimento. Essa perspectiva está evidenciada nos trechos que seguem, os quais ilustram a profundidade e a diversidade das reflexões dos/as estudantes:

> [...] na roda de conversa, Vitor iniciou dizendo e citando a Luna como exemplo, o qual diz que ela não gosta de jogar futebol por ela não saber jogar, e sugeriu ensiná-la para que ela possa participar [...] quando li o próximo item do cartaz “sem brincadeira de violência”, o Vitor respondeu de pronto, que fosse resolvido na conversa [...] que todos dessem ideias até que uma fosse aceita por todos/as [...]. (Vitor, Roda de conversa 4).
>
> [...] A Beatriz pediu para falar e também sugeriu que fosse resolvido na conversa [...]. (Beatriz, Roda de conversa 4).
>
> [...] Luna sugeriu que teriam que conversar de uma maneira com que todos concordassem [...] todos deveriam dar opiniões até todos concordassem com alguma das ideias expostas [...]. (Luna, Roda de conversa 4).

Na aula seguinte, no próximo encontro, após a confecção dos cartazes e a realização das rodas de conversa que foram utilizadas para discutir as propostas dos/as alunos/as, as atividades assumiram uma nova direção. As atitudes dos/as estudantes foram observadas desde o início da aula, durante o processo de formação das equipes, como é possível observar no fragmento abaixo:

> [...] Dando início as escolhas das equipes, percebi que os alunos iniciaram escolhendo as meninas antes dos meninos, sem que eu pedisse que fosse

> assim, e como isso já vinha acontecendo em algumas aulas anteriores também, acredito que tenha se tornado algo natural para os/as alunos/as, o qual vejo como um ponto positivo, para favorecer a inclusão e participação das meninas nas atividades [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).

Nesse mesmo dia, houve outro fato interessante e positivo,

> [...] percebi que a Lorena estava sentada do outro lado da arquibancada, isolada e de cara fechada (algo anormal para ela), pedi que parassem de escolher um instante para ver o que estava acontecendo com ela. Fui até ela perguntei se ela estava doente ou o que tinha acontecido [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).
>
> [...] ela falou que não estava doente e estava daquele jeito porque algumas meninas falaram que não eram mais amigas dela (Eduarda, Rillary, Elisa e a Beatriz), por conta de um desentendimento que tiveram no dia anterior [...]. (Lorena, Diário de aula 7).
>
> [...] segundo a Rillary, falou que a Eduarda fez uma brincadeira dizendo que não era amiga da Lorena, e ela não entendeu a brincadeira e começou todo o conflito [...]. (Rillary, Diário de aula 7).
>
> [...] Diante disso, voltei para os alunos/as e falei: “olha pessoal temos um caso aqui que discutimos hoje, em que todos devem participar e vocês deram as soluções, temos que usar agora, vocês disseram que resolveriam na conversa, então temos que seguir o que foi combinado, só vamos retomar a escolha dos times depois que resolvermos isso, para a Lorena participar também” [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).
>
> [...] Naquele momento, a Eduarda falou: “está bom professor eu desculpo a Lorena”, foi até ela e deu um abraço. Com essa iniciativa da Eduarda, a Rillary, Elisa e a Beatriz também fizeram o mesmo, se desculparam com a Lorena e deram um abraço nela. Naquele momento, a Lorena se sentiu acolhida pelas amigas e voltou junto aos demais colegas para retomarem a escolha dos times [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).
>
> [...] Outro ponto positivo que percebi durante o jogo, foi que eles/elas próprios/as, em ambas as equipes, estavam passando a bola para quem ainda não havia jogado dentro de suas equipes, algo que era muito difícil de conseguir em outras partidas de queimada que já havia realizado com eles/elas. Em várias ocasiões eu tinha que parar o jogo, e falar para passarem a bola aos/as demais colegas que não tinham arremessado a bola ainda, mas nessa foi algo comum e sem esforço algum [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).
>
> [...] Faltando cinco minutos para o final da aula, pedi a bola e chamei rapidinho para centro e que ficassem em círculo e em pé mesmo, e falei dos pontos positivos que havia percebido no jogo e de como o cartaz havia nos ajudado a resolver os conflitos naquela aula e retornamos para sala de aula [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 7).

Nas aulas subsequentes, foi possível observar novas situações em que o diálogo desempenhou um papel fundamental na resolução e contenção dos conflitos.

A conversa mostrou-se eficaz ao criar um espaço de escuta ativa e mediação, promovendo a cooperação e evitando os conflitos:

> [...] Teve um momento que a Rillary e a Luna, que estavam na equipe de colete azul saíram do jogo, porque falaram que o Júlio da equipe sem colete estava partindo para cima delas, sem motivo, simplesmente porque a equipe da Rillary e da Luna estavam ganhando da equipe dele [...]. Com isso, chamei todos/as dessas equipes e relembrei que eles mesmos tinham combinado de resolver aquelas intrigas na conversa e que para continuarem o jogo, teriam que cumprir, caso contrário teríamos que rever os cartazes para combinarmos outras regras para resolver este tipo de intrigas [...]. Naquele momento, a Beatriz que estava no time sem colete, falou que não iria precisar e que iriam resolver na conversa, como tinham combinado, sendo assim, ela chamou a atenção dos colegas da sua equipe e da equipe adversária para irem conversar com a Rillary e Luna, para que voltassem ao jogo. Para meu espanto e alegria, deu certo e voltaram rápido para atividade [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 8).

> [...] Nas equipes de coletes amarelo e vermelho também teve um momento de desentendimento entre a Brenda de colete amarelo e a Lorena de colete vermelho, uma discussão por conta de empurrão que a Lorena teria dado na Brenda ao tentar pegá-la [...]. Intervi também falando o mesmo que tinha dito para as outras equipes, que se não fosse resolvido na conversa, teríamos que rever o que tinham colocado nos cartazes [...]. Naquele instante, ambas as equipes se mobilizaram rapidamente para resolver este conflito e continuarem a atividade. Mais uma vez uma se desculpou com a outra e continuaram a atividade rapidamente. Vale exaltar mais uma vez, o quanto os cartazes estão sendo importante na resolução dos problemas que costumavam ter durante as aulas. O que antes demorava um tempo extenso para acalmar os ânimos dos alunos e alunas nessas intrigas, após os cartazes está sendo resolvido muito rápido [...]. (Professor-pesquisador, Diário de aula 8).

No decorrer das aulas seguintes, emergiram outras ações exitosas por parte dos/as alunos/as, incluindo a adoção de práticas que promoveram a democratização na formação das equipes para as práticas corporais. Uma dessas iniciativas consistiu em implementar um rodízio que alternava entre meninos e meninas na responsabilidade de iniciar as escolhas, além de estabelecer critérios que garantissem a inclusão de ambos os gêneros como prioridade nas escolhas iniciais. Essa estratégia, utilizada pelo professor-pesquisador nas aulas anteriores à pesquisa, ressurgiu de forma espontânea como uma sugestão dos/as próprios/as alunos/as, demonstrando o impacto e a assimilação desse modelo como um recurso de equidade e participação ativa, assim como é possível observar a seguir.

> [...] De início o Felipe queria que os meninos escolhessem dessa vez, já o Vitor queria que as meninas escolhessem os times [...] foi quando o Bryan sugeriu fazer uma votação para ver quem iria escolher os meninos ou as meninas, como todos/as concordaram fizemos assim. Os meninos foram a

> maioria, mas surgiu outro impasse, quem seria os primeiros/as a serem escolhidos as meninas ou os meninos? Nisso o Vitor sugeriu fazer outra votação, sendo assim, iniciamos escolhendo os meninos também. Num consenso entre eles próprios, Pedro e Júlio foram os indicados para escolherem os times [...]. (Felipe; Vitor; Bryan; Pedro; Júlio, Diário de aula 9).

Essa se mostrou ser uma prática essencial para promover a igualdade de oportunidades entre os/as alunos/as, desconstruindo estereótipos de gênero frequentemente associados ao desempenho esportivo e às habilidades físicas predominantes no gênero masculino (Altmann, 2015). Ao adotar estratégias que incentivam a participação ativa de todos/as os/as estudantes, como votação, rodízios ou a construção conjunta de critérios para a formação das equipes, cria-se um ambiente inclusivo que valoriza as habilidades individuais e a diversidade. Essa abordagem não apenas fortalece o respeito mútuo, mas também fomenta um senso de pertencimento e colaboração, contribuindo para o desenvolvimento integral dos/as alunos/as.

Ao final da pesquisa, as entrevistas trouxeram respostas bastante associadas ao respeito à inclusão de diferentes gêneros e à valorização de práticas que promovam uma convivência respeitosa e colaborativa. Os participantes evidenciaram perspectivas que demonstraram entendimento na mobilização de ações voltadas para a igualdade e o respeito mútuo, tais como:

> [...] misturar meninos com meninas eu acho legal, uma coisa bem certa por causa que é injusto meninas só com meninas e meninos só com meninos, tem que misturar colocar meninas no meio [...] tem menina que gosta de jogar, tem menina que não gosta [...] eu acabei de entrar na escola e se colocar menino com menina eu vou me enturmar mais com as pessoas daqui, é melhor assim [...]. (Felipe, Entrevista 1).

> [...] agora ninguém está brigando, tipo, nas outras aulas só estava tendo brigas e agora está melhorando aos poucos, quando a gente vai conversando [...]. (Raquel, Entrevista 2).

> [...] todo mundo precisa parar de brigar, fazer amizades e conversar [...] eu acho que a Educação Física ajudou a parar de briga, todo mundo parar e conversar [...]. (Matheus, Entrevista 5).

> [...] antes era pior, mas agora está dando uma melhorada, depois que a gente começou a fazer os cartazes, que a gente começou a resolver os assuntos na conversa, está dando certo [...] a gente aprendeu que não se deve resolver na violência, e sim na conversa [...] e se não der certo, a gente tenta de uma maneira que não seja com violência também [...]. (Beatriz, Entrevista7).

> [...] a conversa é sempre bom para as pessoas saberem o que tem que fazer, não tipo ir no murro a murro assim, na conversa você pode resolver [...]. (Pedro, Entrevista 8).

> [...] O Cartaz fez um pouquinho de diferença, antes brigava muito [...]. (Rillary, Entrevista 9).

Em uma análise geral, em todos os grupos, o diálogo foi destacado como algo significativo para melhorar as interações entre os estudantes e minimizar as situações de conflitos por eles vivenciadas.

Essa unanimidade em relação às conversas entre os/as estudantes como uma alternativa para encaminhar as situações de conflito está em consonância com a pedagogia dialógica (Freire, 2021). A estratégia proposta de fato se tornou presente ao longo de todo o semestre, após a confecção dos cartazes, uma vez que sempre que ocorria algum tumulto, o professor-pesquisador lembrava os/as estudantes das sugestões que eles/elas próprios/as haviam feito, sendo logo iniciada uma conversa entre eles/elas, o que rapidamente os/as ajudavam no encaminhamento do conflito identificado.

Os resultados apresentados corroboram com os argumentos de Freire (2021), os quais destacam que a construção do conhecimento deve ser um processo colaborativo e participativo, no qual educadores/as e educandos se engajem em diálogos críticos e reflexivos, ao invés de uma mera transmissão passiva de informações. Assim sendo, a educação se configura como um instrumento de libertação e transformação social, não apenas como um meio de reprodução de ideologias dominantes, indo ao encontro das concepções encontradas por Hildebrandt e Laging (1986) e Kunz (2004).

Conforme Araújo e Santos (2009), a Educação Física, enquanto componente curricular, desempenha um papel significativo no processo educativo, contribuindo para a formação do indivíduo na sociedade. Seu objetivo articula a vivência das práticas corporais com os aspectos críticos, sociais e culturais.

No contexto das aulas, ao lidar com os desafios que surgiam em torno dos conflitos, foi possível identificar também aspectos que contribuíram para o processo educativo. Esses aspectos incluíram o fortalecimento das habilidades de resolução de problemas, a promoção do diálogo entre os/as alunos/as, o desenvolvimento da empatia e a valorização das diferenças (Freire, 2021). Tais elementos demonstraram que, quando bem gerenciados, os conflitos podem atuar como catalisadores para aprendizagens significativas, enriquecendo as dinâmicas nas aulas e favorecendo o crescimento individual e coletivo (Marques, 2019).

Ao tratar dessas temáticas, a escola pode assumir um papel transformador, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária (Altmann, 2015). Compreender as dinâmicas de inclusão e exclusão presentes nas práticas corporais escolares requer uma análise atenta às relações de poder, normas de gênero e estigmas que moldam comportamentos e limitam ou expandem as possibilidades de participação dos indivíduos (Freire, 2021).

Os conflitos costumam emergir quando as expectativas sociais divergem das vivências pessoais, gerando tensões que, se adequadamente trabalhadas, podem se converter em momentos de aprendizado e crescimento. Nesse sentido, a escola, enquanto uma estrutura viva que envolve comunidades de aprendizagem, carrega a responsabilidade de problematizar essas questões, promovendo um ambiente de respeito, equidade e valorização das diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, vamos retomar o objetivo da pesquisa fazendo articulações com os resultados que encontramos e reflexões sobre o estudo. O objetivo geral deste estudo foi analisar uma proposta pedagógica, com atividades que envolveram vivência de práticas corporais, para as reflexões dos/as estudantes sobre os conflitos identificados nas aulas de Educação Física.

A pesquisa foi realizada com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, durante as aulas regulares de Educação Física do segundo semestre de 2023, em uma escola da rede municipal do interior de São Paulo.

Os resultados foram organizados em três categorias de análise, sendo a primeira: “As relações entre as ações docentes e os estudantes na vivência das práticas corporais e dos conflitos”, na qual foram abordadas as intervenções, observações e reflexões do professor-pesquisador, inspirado pela perspectiva da intervenção pedagógica, proposta por Damiani *et al.* (2013). Além disso, foram analisados comentários individuais, particularidades de alguns/mas alunos/as, interferências de fatores extraescolares e elogios direcionados ao professor pelas atividades realizadas ao longo do período da pesquisa.

Ainda no âmbito da primeira categoria, o estudo destacou como as intervenções, observações e reflexões realizadas, revelou-se essencial para compreender como as práticas corporais podem se tornar um espaço pedagógico estratégico para abordar conflitos e promover reflexões críticas entre os/as estudantes. A análise incluiu tanto os comentários individuais e as particularidades de alguns/mas alunos/as, quanto às influências de fatores extraescolares que impactavam o ambiente escolar. A valorização das atividades por meio de elogios, direcionados ao professor-pesquisador, reforçou o sucesso da proposta pedagógica ao engajá-los/as em vivências significativas. Assim, essa abordagem pedagógica não apenas estimulou a elaboração de práticas corporais, mas também fomentou reflexões sobre os conflitos presentes nas aulas de Educação Física, alinhando-se aos objetivos da pesquisa.

A segunda categoria: “Desafios do ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais”, aborda os obstáculos enfrentados ao longo do período da pesquisa. Nessa categoria, destacaram-se os desafios relacionados às dinâmicas pedagógicas, que revelaram os conflitos emergentes a partir dos marcadores sociais presentes no contexto das aulas, evidenciando as tensões e desigualdades que permeiam as práticas corporais, trazendo à tona questões cruciais sobre inclusão, exclusão e a necessidade de um ensino mais sensível às diferenças.

Os obstáculos enfrentados ao longo do período da pesquisa, especialmente no que diz respeito às dinâmicas pedagógicas, destacou a complexidade de lidar com os conflitos emergentes dos marcadores sociais presentes nas aulas de Educação Física. Esses marcadores, que expõem tensões e desigualdades estruturais, apontaram para os desafios relacionados à inclusão, exclusão e à necessidade de um ensino mais responsivo às diferenças.

Por fim, na terceira categoria: “Possibilidades para o ensino das questões de gênero, inclusão e exclusão na relação com os conflitos e as práticas corporais”, foram analisadas as percepções dos/as estudantes sobre os marcadores sociais que permeavam no ambiente das aulas e práticas corporais. Essas discussões expuseram questões que impactavam as dinâmicas nas aulas e os relacionamentos interpessoais no contexto escolar, especialmente nas vivências das aulas de Educação Física. A partir dessas reflexões, os/as próprios/as alunos/as contribuíram ativamente com sugestões para amenizar os desafios identificados, apresentando propostas para superar os obstáculos que dificultavam a realização das práticas corporais, promovendo um ambiente mais dialógico, inclusivo e participativo.

Essa categoria se conectou diretamente ao objetivo proposto do estudo, evidenciando como as dinâmicas pedagógicas podem servir de ponto de partida para reflexões mais profundas por parte dos/as estudantes. Nesse sentido, a proposta analisada buscou transcender as práticas corporais ao criar um espaço de reflexão crítico, no qual os/as estudantes pudessem compreender os conflitos emergentes e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades para propor soluções que fomentassem o diálogo, a inclusão, a empatia e a valorização da diversidade no ambiente escolar e nas aulas. Assim, o estudo reafirma a importância de um ensino sensível às

diferenças, que contribua para a formação de pessoas críticas e engajadas na construção de relações mais justas e equitativas.

Nesse contexto, o objetivo de analisar uma proposta pedagógica fundamentada na elaboração e vivência de práticas corporais ganha relevância, pois essas atividades não apenas criaram oportunidades para que os/as estudantes identificassem e refletissem sobre os conflitos existentes, mas também proporcionaram um ambiente propício ao desenvolvimento de uma consciência crítica. A proposta permitiu explorar as relações entre práticas corporais, questões de gênero e inclusão, promovendo uma abordagem que ultrapassou a mera execução de práticas corporais, transformando-as em ferramentas de diálogo, empatia e transformação social no ambiente escolar, favorecendo assim ao desenvolvimento integral dos/as alunos/as.

A pesquisa desenvolvida trouxe contribuições significativas para a compreensão e mediação dos conflitos que surgiram nas aulas de Educação Física. Um dos principais avanços foi a promoção da reflexão crítica, incentivando a problematização das dinâmicas escolares e oferecendo subsídios para que professores/as compreendam os conflitos não como obstáculos, mas como oportunidades para o desenvolvimento de competências socioemocionais nos/as estudantes. Além disso, a pesquisa permitiu o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que auxiliam na gestão dessas situações, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade dentro das práticas corporais.

Outro aspecto relevante foi a ampliação do diálogo e da mediação nas aulas, valorizando a importância de estratégias que favoreçam uma comunicação mais compreensiva entre estudantes e professores/as, minimizando confrontos e fortalecendo a cooperação durante as atividades. A pesquisa também ressaltou a necessidade de maior atenção às questões de gênero e inclusão, uma vez que muitos conflitos estão ligados a estereótipos que influenciam a participação dos/as alunos/as nas aulas. Com isso, foram propostas intervenções dialógicas que mobilizaram a realização de práticas mais equitativas, garantindo maior envolvimento de todos/as.

Apesar das contribuições, a pesquisa também revelou lacunas que demandam novas investigações, especialmente em níveis de mestrado e doutorado, para aprofundar a atuação dos/as professores/as de Educação Física na mediação de conflitos relacionados aos marcadores sociais de maneira mais ampla. Entre os temas

que ainda precisam ser explorados, destacam-se a necessidade de investigar o impacto das emoções dos/as estudantes nos conflitos escolares e compreender como professores/as podem intervir para garantir um ambiente emocionalmente seguro e tranquilo. Além disso, a inclusão de entrevistas mais aprofundadas com os/as estudantes poderia fornecer uma perspectiva ainda mais rica sobre as experiências e percepções deles/as em relação aos conflitos e às estratégias refletidas e adotadas.

Outra possibilidade, para uma abordagem futura, poderia considerar também os desafios enfrentados pelos/as professores/as na mediação dessas situações e o impacto emocional que esses conflitos geram nos/as próprios/as docentes.

Por fim, uma ampliação do tempo da pesquisa, acompanhando os efeitos das estratégias sugeridas ao longo de um período maior, poderia trazer reflexões mais consistentes sobre os desdobramentos das propostas. Sendo assim, o estudo poderia oferecer uma visão ainda mais abrangente sobre os conflitos nas aulas de Educação Física, possibilitando a construção de estratégias mais efetivas e contextualizadas para os desafios enfrentados pelos/as docentes e estudantes.

Ao longo do mestrado, para um professor que o iniciou com suas aulas na escola sem saber como conduzir uma roda de conversa, passei por uma transformação significativa como pessoa, professor e pesquisador. No início, eu tinha muitas incertezas, mas, com o tempo, fui desenvolvendo uma maior sensibilidade para entender os desafios como oportunidades de aprendizado, tornando minha prática profissional mais dialógica e inclusiva. Como pesquisador, fui aprimorando minha capacidade crítica e reflexiva, adquirindo, a cada dia, mais autonomia na análise dos dados e na construção de escrita científica. Hoje, sou um profissional mais preparado, um professor mais empático e um pesquisador mais questionador, consciente de que a educação exige um aprendizado contínuo.

Aos/às professores/as que acessarem a minha dissertação, desejo que este estudo inspire reflexões e contribua para a construção de práticas mais inclusivas e dialógicas na Educação Física. Que os/as ajudem a enxergar os conflitos como oportunidades de aprendizado e a transformar suas aulas em espaços mais acolhedores e participativos, sobretudo, que sigamos motivados/as a buscar alternativa em prol de uma Educação Física que traga mais humanidade as nossas relações com as pessoas e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Amanda Pereira de; MACIEL, Sílvia. Bullying escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Contexto & Educação**, v. 37, n. 117, p. 186-198, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359836591_BULLYING_ESCOLAR_UMA_REVISAO_SISTEMATICA_DA_LITERATURA. Acesso em: 20 mai. 2024.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar:** relações de gênero em jogo. São Paulo - Cortez Editora, v.11, 2015.

AMORIM, Camilla Ferreira; BAPTISTA, Geilsa Costa Santos; CARVALHO, Graça Simões de. Abordagens para sensibilização à diversidade cultural no currículo de formação de professores de ciências: um estudo de caso. **Revista Teias**, v. 21, n. 61, p. 258-273, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.12957/teias.2020.28442. Acesso em: 20 mai. 2024.

ARAGÃO, Herifrania Tourinho *et al.* Impactos da Covid-19 à luz dos marcadores sociais de diferença: raça, gênero e classe social. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 338-347, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-11042022E123. Acesso em: 05 jun. 2024.

ARAÚJO, Larissa Cardoso; SANTOS, Victor Carneiro dos. **A importância da educação física escolar na formação social dos alunos da educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro. 2009. Boletimef. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd147/educacao-fisica-na-formacao-moral-do-aluno.htm. Acesso em: 04 mai. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 21 jan. 2025.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de enfermagem** – Brasília – DF, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019. Acesso em: 23 mai. 2025.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa.** A contribuição da teoria da argumentação. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

CAVALCANTE, Alana Suyanne Ferreira Freitas. **A utilização de jogos cooperativos como processo de mediação com intervenção lúdica de sociabilização e inclusão.** Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64061. Acesso em: 12 nov. 2024.

CORSINO, Luciano Nascimento. Relações de gênero na educação física: a construção dos corpos de meninas e meninos nas “misturas” e nas separações da escola. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-7, 2010. Disponível em: https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277856811_ARQUIVO_RelacoesdegeneroFG9.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024.

CRELIER, Cátia Malaquias; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. Africanidade e afrobrasilidade em educação física escolar. **Movimento**, v. 24, n. 4, p. 1307-1320, out./dez. de 2018. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.81656. Acesso em: 05 jun. 2024.

DAMIANI, Magda Floriana *et al*. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de educação**, n. 45, p. 57-67, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822. Acesso em: 23 mai. 2023.

FARIAS, Maria da Conceição. Desestruturação familiar que influenciam no processo de ensino aprendizagem da escola municipal albertina fiorotti moreira em Porto Seguro–Bahia-Brasil. **Repositorio de Tesis y Trabajos Finales UAA**, 2020. Disponível em: https://revistacientifica.uaa.edu.py/index.php/repositorio/article/view/875. Acesso em: 05 jun. 2024.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. Scipione, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 71ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 80ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. 3ª edição. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Ao Livro Técnico, 1986.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001, p.11, 18, 47, 73, 77, 110.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª ed. Unijuí, 2004.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo. EPU, 1986.

MANGUINHO, Julyana Vilar de França. Protagonismo feminino no contexto escolar: entre negociações, enfrentamentos e tensões. **Anais...** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498853886_ARQUIVO_fazendogenero.pdf. Acesso em: 23 mai. 2023.

MARQUES, Clarice Gonçalves Pires. Questões de gênero na Educação Física escolar. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 03, p. 994-996, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300019. Acesso em: 01 dez. 2024.

MARQUES, Rodrigo Gonçalves Vieira. **Conflitos nas aulas de Educação Física escolar:** reflexões assentadas na pesquisa-ação e na praxiologia motriz. Dissertação (Mestrado em Ensino), Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, Bauru-SP, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/183091. Acesso em: 01 mai. 2023.

MARQUES, Rodrigo Gonçalves Vieira; RAMOS, Glauco Nunes Souto; FERREIRA, Lilian Aparecida. Conflitos em jogos de futsal e de handebol: reflexões praxiológicas. **Conexões**, v. 18, p. e020018-e020018, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.20396/conex.v19i0.8659303. Acesso em: 01 mai. 2023.

MARTINS, Mariana Zuaneti; VASQUEZ, Vitor Lacerda; MION, Maria Paula Louzada. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 27, p. 1-8, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.12820/rbafs.27e0285. Acesso em: 20 mai. 2024.

MORAES, Bruna Caroline Soares Lopes; DIAS, Juliana Rocha Adelino; OLIVEIRA, Rogério Cruz De. As narrativas de gênero na educação física escolar: scoping review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde. **Educação em Revista**, v. 39, p. e39104, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-469839104. Acesso em: 01 jun. 2024.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 1, p. 4-28, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p4-28. Acesso em: 01 jun. 2024.

NEIRA, Marcos Garcia; FERRARI, Mario Luiz. **Pedagogia da cultura corporal:** crítica e alternativas. Phorte Editora, 2022.

PARLEBAS, Pierre. **Juego deporte y sociedad:** léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel. **Ensaios de uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva nas aulas de Educação Física:** impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas. Dissertação de Mestrado (Área de Concentração em Educação Física Escolar), Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) – Universidade Federal de São Carlos. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12988. Acesso em: 07 abr. 2023.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, p. e20190041, 2020. https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041. Acesso em: 01 mai. 2023.

PRINCIVAL JUNIOR, Nelson *et al*. Gênero no contexto da educação física escolar: Uma revisão de literatura. **Revista Espacios.** Disponível em: http://www.revistaespacios.com/a18v39n40/a18v39n40p01.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

RAMOS, Leni Rodrigues. **A Interseccionalidade na Educação Inclusiva:** marcadores sociais da diferença. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Gênero e Diversidade na Educação). 2021. Disponível em: https://dspace.unila.edu.br/items/0f4de5c1-2bc1-40ff-9f25-8e145d3193ba. Acesso em: 01 mai. 2023.

RIBAS, João Franciso Magno. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 113-120, maio/ago. Disponível em: https://doi.org/10.5016/169. Acesso em: 10 jan. 2025.

ROCHA, Braulio; WINTERSTEIN, Pedro José; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Interação social em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte,** v. 23, n. 03, p. 235-245, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/rbefe/v23n03/v23n03a05.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.

RODRIGUES, Heitor de; DARIDO, Suraya Cristina; PAES, Roberto Rodrigues. O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: contribuições a partir do referencial técnico-tático e sócio-educativo. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 2, p. 323339, abr./jun. 2013. Disponível em: https://doi.org/10.5216/rpp.v16i2.16770. Acesso em: 01 dez. 2024.

SANTOS, Diego Vinícius Brito dos. A desigualdade social, marcadores sociais e a meritocracia: um estudo sobre o fracasso escolar. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, v. 1, n. 14, p. 275-293, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.47456/krkr.v1i14.39074. Acesso em: 23 mai. 2023.

SILVA FILHO, Penildon Silva; ANGELI, Thaína Rodrigues Gava. Desigualdade no acesso e permanência na educação: estudo de caso no instituto federal do espírito santo. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 37, n. 2, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.33148/CES(2132). Acesso em: 01 jun. 2024.

SILVA, Cinthia Lopes da; RIGONI, Ana Carolina Capellini; SILVA, Luciene Ferreira da. O lazer como fenômeno cultural e suas relações com alguns marcadores sociais. **Corpoconsciência**, v. 25, n. 1, p. 90-104, jan./ abr., 2021. Disponível em: 10.51283/rc.v25i1.11995. Acesso em: 23 mai. 2023.

SILVA, Kelly Samara et al. Educação física escolar: guia de atividade física para a população brasileira. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 26, p. 1-18, 2021. Disponível em: https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14556. Acesso em: 01 dez. 2024.

SILVA, Thauanny Cordeiro da *et al*. A importância das aulas de Educação Física na socialização e interação das crianças na escola em relação ao tempo em sala de aula e intervalo. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 27, p. 1-5, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.12820/rbafs.27e0288. Acesso em: 20 nov. 2024.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 52-68, 1999. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100004. Acesso em: 01 dez. 2024.

SOUSA, Nilza Coqueiro Pires de; CARAMASCHI, Sandro. Contato corporal entre adolescentes através da dança de salão na escola. **Motriz**, Rio Claro v. 618-629, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1980-65742011000400006. Acesso em: 09 mar. 2025.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Futebol Generificado: da conscientização ao empoderamento de meninas pelo jogo. In: LEITÃO, Arnaldo S.; PEREIRA, Mateus C. (orgs.). **Educações Físicas**: temas emergentes para mundos (im)possíveis. Curitiba: CRV, 2022, p. 191-209.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu**, p. 169-199, v. 26. jan./jun., 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100008. Acesso em: 20 mai. 2023.

SOUZA, Hadamo Fernandes de; COSTA, Jonatas Maia da. A exclusão (normativa) em aulas de Educação Física: enfrentando a indisciplina por meio do modelo de ensino sport education. **Motrivivência,** v. 32, n. 63, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020.e73650. Acesso em: 20 mai. 2023.

VIEIRA, Isabella Gaspar; MORAES, Bruna Caroline Soares Lopes; OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Percepção de gênero para professores de Educação Física. Sua influência no planejamento de aulas mistas. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 29, n. 313, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.46642/efd.v29i313.7478. Acesso em: 12 nov. 2024.

ZABALZA, Miguel Antoni. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução: Hernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TALE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

Faculdade de Ciências

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2023.

Olá meu/minha querido/as aluno/a, como já sabe, sou o professor Cristiano de Educação Física e convido você a participar de uma atividade que acontecerá em nossas aulas de Educação Física.

Essa atividade irá ocorrer por meio de jogos variados e bem divertidos. Tudo que a gente fizer aqui nestes jogos eu vou registrar por escrito. Vocês terão um espaço para falar sobre suas impressões e seus comportamentos nestes jogos tanto nas rodas de conversa, que ocorrerão no final de algumas aulas, quanto na entrevista final que será feita individualmente com alguns/algumas de vocês, após sorteio. Nesta entrevista você será perguntado/a sobre o que percebeu nas interações entre meninos e meninas nas atividades realizadas

Alguns jogos também serão filmados para que possamos ver juntos/as em algum outro momento da aula. Ressalto que os seus rostos não ficarão visíveis, para garantir o anonimato de cada um/a.

Todas estas atividades poderão ajudar você e seus/suas colegas a conviver melhor nas aulas de Educação Física, no cotidiano escolar e no dia a dia fora da escola também. Você não é obrigado/a a participar. Se não quiser não tem problema algum. Você também poderá começar a participar da pesquisa e, se sentir necessidade, poderá deixar de participar. Nas duas situações você continuará fazendo as atividades das aulas de Educação Física normalmente.

Caso você fique com vergonha ou se machuque em algumas destas atividades, vou estar aqui para ajudá-lo/a e para prestar todo o auxílio necessário, como já acontece em nossas aulas de Educação Física.

Ao longo destas atividades, caso você não entenda alguma coisa ou não goste de qualquer situação, pode me falar que irei lhe ouvir, lhe explicar e, se for o caso, pensaremos em uma alternativa para que a situação desagradável deixe de existir.

Entendi claramente o que o professor Cristiano explicou, por isso manifesto o interesse em

( ) participar do estudo

( ) não participar do estudo

Nome completo do/a aluno/a:_____

Você poderá tirar suas dúvidas comigo na escola mesmo, mas caso você queira saber mais coisas sobre o estudo o meu contato é xxxxxxxxxx.

APÊNDICE B – TCLE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as/os responsáveis pelo/a menor

Bauru, _____ de _____ de 2023.

Olá, estamos convidando o/a menor sob sua responsabilidade para participar da pesquisa intitulada **VIVÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE ESTUDANTES SOBRE OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

O objetivo da pesquisa é analisar uma proposta pedagógica com atividades que envolverão elaboração e vivência de práticas corporais, construídas com base nos conflitos identificados em aulas de Educação Física, para as reflexões de uma turma de estudantes do 5º ano do ensino fundamental. Tal estudo será realizado por mim, Cristiano Aparecido Constantino Pereira, pesquisador, pós-graduando do Programa de Mestrado em Docência para a Educação Básica, sob orientação da Profª Drª Lílian Aparecida Ferreira do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru. Cumpre destacar que eu atuarei como pesquisador e professor da turma no estudo, assumindo o papel de professor/pesquisador.

A pesquisa será desenvolvida no segundo semestre do ano de 2023, durante as aulas de Educação Física. As coletas de dados serão feitas por meio de diários de aulas, rodas de conversas, entrevistas e filmagens das aulas. Os diários serão elaborados pelo pesquisador/professor, durante as aulas, nos quais serão registrados todos os acontecimentos relacionados ao tema da pesquisa. As rodas de conversas serão realizadas com toda a turma ao final de cada aula, estabelecendo um diálogo entre os/as estudantes sobre suas impressões sobre as atividades das aulas. A entrevista será feita individualmente com alunos/as da turma, sorteados aleatoriamente, em local seguro e silencioso com a presença do pesquisador/professor, envolvendo um conjunto de perguntas sobre elementos correspondentes ao gênero identificados pelos estudantes nos jogos elaborados e realizados e a correlação destes com os enfrentamentos vividos pelas mulheres em nossa sociedade. Esta será gravada em aparelho celular para depois ser transcrita para análise. A entrevista será agendada em dia e horário combinado com o/a aluno/a e o pesquisador/professor. Em relação às filmagens e fotos, estas são coletadas para captar mais informações que possam escapar das rodas de conversa e da entrevista. Tais registros serão utilizados somente para fins acadêmico-científicos e os rostos dos/as participantes não serão expostos, para resguardar o anonimato dos/as alunos/as envolvidos na pesquisa.

Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para expor ideias e reflexões nas rodas de conversa ou na entrevista, bem como, de ser observado/a nas aulas. No caso das aulas, outros riscos se relacionam às possíveis ocorrências em relação às práticas dos jogos como quedas, escoriações, trombadas, eventos comuns à prática corporal em grupo. Em caso destas ocorrências, o

professor/pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário ao/à aluno/a, indo desde o acolhimento e auxílios imediatos, assim como, acesso à direção da escola e equipes médicas de saúde. Para além destes riscos, cumpre destacar que, nos comprometemos a assegurar a guarda de todo e qualquer registro de gravações, filmagens e imagens, zelando pelo seu arquivamento em local seguro, acessando seu uso somente para fins acadêmico-científicos.

Enquanto benefício, essa pesquisa poderá trazer contribuições para melhor compreendermos a relação interpessoal entre meninas e meninos durante as práticas corporais nas aulas de Educação Física, bem como construirmos interações com atitudes mais respeitosas e solidárias entre eles/elas.

Os/as alunos/as não serão obrigados/as a participar da pesquisa, é um direito deles/delas. Também não terá nenhum problema desistir depois de ter iniciado sua participação. Caso seja esse o caso, deverá formalizar sua desistência via e-mail xxxxxxxxxxxxxxxxx ou telefone xxxxxxxxxxxx para retirada do consentimento. Nesta situação, enviaremos para seu contato a explicitação da retirada do consentimento para a participação no estudo.

Caso você tenha alguma dúvida, não goste de qualquer situação que identificar correspondente às aulas ou aos instrumentos de coleta da pesquisa, você pode me contatar pelos meios já citados ou pessoalmente na escola para que possamos conversar a respeito.

Não haverá qualquer auxílio financeiro para participar da pesquisa. Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, devidamente comprovados, a indenização será garantida.

Você receberá uma cópia deste Termo e a original permanecerá com o professor/pesquisador, sendo guardada em local seguro.

Os seus direitos e os do/a menor, sob sua responsabilidade, serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu_____ (nome completo) manifesto o aceite em participar da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Outro contato que poderá ser feito para o esclarecimento acerca desta pesquisa é:

Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru
Coordenador: xxxxxxxxxxxx
Fone: xxxxxxxxxxxx
E-mail: xxxxxxxxxxxxxxxx

APÊNDICE C

CARTA DE SOLICITAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Bauru, 24 de maio de 2023.

Prezados/as senhores e senhoras

Meu nome é Cristiano Aparecido Constantino Pereira, sou professor efetivo de Educação Física – PEB II numa rede Municipal de XXXXXX-SP e em março de 2023 ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica da Unesp de Bauru, orientado pela Profª Drª Lílian Aparecida Ferreira do Departamento de Educação Física.

As inquietações que resultaram na pesquisa que estou propondo surgiram do meu contexto de trabalho e da necessidade dos alunos/as em participar das práticas corporais, durante as aulas de Educação Física, sem conflitos em relação ao marcador gênero.

Pretendo propor situações de ensino que articulem as expectativas de aprendizagem dos/as alunos/as com a estrutura de jogos modificados.

Com base nisso, surgiu a ideia da pesquisa que pretendo desenvolver, a qual se intitula VIVÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE ESTUDANTES SOBRE OS CONFLITOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

O objetivo da pesquisa é analisar uma proposta pedagógica, com atividades que envolveram elaboração e vivência de práticas corporais, para as reflexões dos/as estudantes sobre os conflitos identificados nas aulas de Educação Física. Ao longo deste processo investigativo, também será elaborado um e-book com jogos relacionados com o marcador gênero, contribuindo para que os/as professores/as de Educação Física desta e demais redes de ensino possam acessar e utilizar este material em suas aulas.

A pesquisa será realizada com a turma do 5º ano A do Ensino Fundamental da escola xxxxxxxxxxx. As aulas acontecerão durante o período letivo e no horário designado às aulas de Educação Física. A previsão é que a pesquisa, após aprovação do Comitê de Ética da Universidade envolvida, possa ser iniciada no segundo semestre letivo de 2023.

As ações estão organizadas da seguinte forma: reunião com os alunos/as e seus responsáveis para explicação da pesquisa; assinatura dos termos de assentimento (alunos/as) e consentimento (responsáveis); caracterização/seleção e estruturação dos jogos com base nas orientações didático-pedagógicas para a educação escolar do município; desenvolvimento e a realização de jogos modificados referentes ao marcador de gênero.

Como instrumento de coleta de dados utilizaremos: 1. Diários de aulas feito pelo professor/pesquisador, descrição das situações que ocorrem nas aulas e que se relacionarem com o objetivo da pesquisa pelo professor/pesquisador; 2. Rodas de conversa: dinâmica realizada no final da aula e em círculo para ouvir os/as alunos/as da turma sobre questionamentos, impressões e reflexões deles sobre as atividades realizadas; 3. Entrevista com os/as alunos/as, após sorteio aleatório, para captar suas análises das vivências realizadas, bem como, esclarecer aspectos que possam ter

sido observados ou manifestados nas rodas de conversa; 4. Filmagem de alguns jogos realizados pelos/as alunos/as para posterior análise do professor/pesquisador.

A expectativa da pesquisa é que o processo de elaboração e vivência de jogos nas aulas de Educação Física possa mobilizar reflexões entre os/as alunos/as, de maneira que fortaleça as interações de convivência com base no respeito e na solidariedade entre eles/elas, minimizando os conflitos.

Neste sentido, encaminho o presente ofício, solicitando, por gentileza, a manifestação da instituição sobre o desenvolvimento desta pesquisa.

Sem mais para o momento, apresento protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

_____

Cristiano Aparecido Constantino Pereira

Ilmo. Sra.
XXXXXXXXXXXXXX
XXXXXXXXXXXXXX

APÊNDICE D
DIÁRIOS DE AULA

DIÁRIO DE AULA 1 – 17.08.2023

Esta turma do 5º ano A é composta por 13 alunas e 12 alunos, totalizando 25 estudantes, no entanto, neste dia vieram 11 alunos e 13 alunas.

Hoje foi o primeiro dia da pesquisa e para iniciar apliquei uma Avaliação Diagnóstica em sala de aula. Já tinha explicado aos alunos e alunas, no início do ano, que existem dois tipos de aula de Educação Física (teórica e prática), então repeti neste momento. Ainda falei que nesse dia iríamos responder a um questionário na sala de aula (utilizei este termo para não assustar os alunos com o termo “avaliação” e assim ter uma possível interferência em sua realização) e que em seguida iríamos para a quadra. Frisei que isso seria necessário por conta da pesquisa que estava realizando com eles/elas e que, sempre que necessário, iríamos fazer assim, um tempo em sala de aula e o restante do tempo na quadra, visto que nós encontramos 1 vez por semana, mas é uma aula dupla (1h40min) com tempo hábil para o desenvolvimento de ambos os processos de ensino-aprendizagem.

A avaliação conteve 6 perguntas com múltiplas escolhas e trechos onde deveriam escrever, tal como segue abaixo:

NOME: _____ 5ºA

QUESTIONÁRIO

1- Em sua opinião há esportes que devem ser praticados somente por homens?

( ) Sim ( ) Não

2- Quais são esses esportes?

A – Handebol
B – Futebol
C – Vôlei
D – Basquete
E – Tanto os homens quanto as mulheres podem praticar todos os esportes.

3- Em sua opinião quem pode praticar os esportes e jogos?

A – Só as mulheres
B – Só os homens
C – Os dois

Por quê?

4- Em sua opinião os meninos e as meninas podem jogar nas aulas de Educação Física?

( ) Sim ( ) Não

A – Só os meninos
B – Só as meninas
C – Todos juntos
D – Nenhum deles podem jogar

Por quê?

5- Na sua opinião as aulas de Educação Física são mais divertidas:

A – Sozinho
B – Só com as meninas
C – Só com os meninos
D – Meninos e meninas juntos

6- Gostaria de escrever algo que não foi falado acima?

Li as perguntas com os alunos/alunas e dei um tempo para responderem a cada pergunta. Quando a pergunta era de múltipla escolha os alunos e alunas falavam em voz alta a resposta após a minha leitura, contudo, precisei intervir dizendo que não era necessário falar em voz alta, mas sim responder na folha. Alguns alunos e alunas responderam a todas as perguntas antes dos demais, sem esperar eu ler com eles. Um dos alunos não sabe escrever e nem ler, então tive que ler para ele e escrever sua resposta na folha.

Segue abaixo um quadro das respostas dos/as estudantes.

Nas questões que pedia o “por quê” os alunos e alunas justificaram suas respostas da seguinte forma:

Questão 3 (corrigi os erros de ortografia e gramática)

QUESTIONÁRIOS		
PERGUNTAS	**RESPOSTAS**	**ANÁLISE**
AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA - DIÁRIO DE AULA 1 - 17.08.23		
1- Em sua opinião há esportes que devem ser praticados somente por homens?	Não	Foi unânime a visão que não existe esporte somente para os homens.
2- Quais são esses esportes?	Maioria dos alunos/as (12 meninas; 9 meninos): Tanto os homens quanto as mulheres podem praticar todos os esportes. Willian: Futebol Brenda: Basquete Vitor: não respondeu	A maioria reconhece que ambos os gêneros podem praticar todos os esportes.
3- Em sua opinião quem pode praticar os esportes e jogos? Por quê?	Os dois (unânime) Bryan: Porque os dois são iguais e são importantes para os dois, todos se divertem. Willian: As mulheres são boas também. Larissa: Porque as mulheres não são diferentes dos homens, são todos iguais. Os dois podem praticar esportes juntos. Vitória: Tanto os homens quanto as mulheres podem praticar vários esportes. Alessandro: Porque querendo ou não, todos são seres humanos. Júlio: Porque as mulheres também podem praticar esportes. Pedro: Os dois podem praticar todos os esportes juntos.	Nesta pergunta também foi unânime a percepção dos alunos/as que ambos podem praticar todos os esportes. Pelas respostas deles/as todos/as visualizaram o direito que todos/as de

	Manuela: Porque se fossem só os homens ou só as mulheres iria ser muito chato. Elisa: Porque ambos têm as mesmas capacidades. Luna: Porque os dois são humanos. Felipe: Todos têm o direito de praticar os esportes. Clara: Tem jogo de meninos e meninas, mas o futebol as meninas podem jogar. Maria Eduarda: Porque os dois podem jogar. Levi: Todos podem jogar sem preconceito. Helena: Porque todos têm o direito de participar. Beatriz: Porque todos o direito de participar. Miguel: Porque não importa o gênero. Eric: Porque os dois é errado (inconclusivo). Eduarda: Porque os dois podem participar. Rillary: Porque todos podem jogar todos juntos, se fosse só um dos gêneros, seria injusto. Lorena: Porque todos têm o direto de jogar. Matheus: Porque as mulheres também jogam os esportes. Vitor: Porque os dois têm direitos iguais. Brenda: Porque que sim.	praticar qualquer esporte ou jogo. Durante as aulas do primeiro semestre foi abordado, na maioria das aulas, essas questões da inclusão de ambos os gêneros nas aulas nos esportes e jogos. Com isso, ficou nítido que eles/elas absorveram este aprendizado, na teoria.
4- Em sua opinião os meninos e as meninas podem jogar nas aulas de Educação	Todos juntos. Bryan: Porque os dois são iguais e são importa se o time perder, o importante é participar. Willian: Porque é melhor. Larissa: Porque se divertem juntos. Vitória: Porque ninguém é diferente e todos podem jogar.	Mais uma vez a percepção de que todos/as devem participar juntos/as.

Física? Por quê?	Alessandro: Porque meninos e meninas são seres humanos. Júlio: Porque os dois são seres humanos. Pedro: É melhor todos juntos do que sozinhos. Manuela: Porque se for só os meninos que jogam, as meninas ficam bravas. Elisa: Porque não importa se é menina ou menino, todos podem participar igualmente. Luna: Porque os dois são seres humanos. Felipe: Todos têm o direito de brincar. Clara: Porque os dois precisam participar. Maria Eduarda: Porque não importa o gênero, o que importa é a felicidade. Levi: Porque sim. Helena: Porque todos têm o direito de participar da aula de Educação Física. Beatriz: Porque todos são iguais, só muda o gênero. Miguel: Porque não importa o gênero, mas sim a felicidade. Eric: Porque se divertem mais. Eduarda: Porque n]ao importa o gênero, mas sim a felicidade. Rillary: Para não haver preconceito. Lorena: Juntos é mais legal. Matheus: Porque as mulheres também jogam bola. Vitor: Porque as meninas também têm direito. Brenda: Porque se fossem só os meninos ou só as meninas, não teria graça. Então é mais legal todos juntos.	Que todos/as têm direitos iguais. Todos/as merecem se divertirem.
5- Na sua opinião as	Com exceção de uma aluna, os/as demais responderam: meninos e meninas juntos.	A grande maioria

aulas de Educação Física são mais divertidas: sozinho, só com as meninas, só com os meninos ou meninos e meninas juntos?	Luna: só com as meninas	reconhece a necessidade de incluírem todos/as nas atividades.
6- Gostaria de escrever algo que não foi falado acima?	Vitória: Todos podem jogar o que quiserem, não tem essa de meninos ou meninas. Pedro: O professor é legal e sabe dar aula. Luna: Não, os dois têm o direito de jogar. Clara: Não respondeu. Maria Eduarda: Não respondeu. Helena: Não respondeu. Lorena: Se as meninas saírem, os meninos não se divertem. Matheus: Eu gosto de jogar bola. Vitor: Esse professor dá aulas legais e divertidas. Brenda: Não respondeu.	Alguns elogiaram a aula do professor. Outros/as reafirmaram a necessidade e importância da participação de todos/as.

Bryan: “Porque os dois são iguais e os esportes são importantes para os dois, todos se divertem”.

Willian: “As mulheres são boas também”.

Larissa: “Porque as mulheres não são diferentes dos homens e somos todos iguais e os dois podem criar esportes juntos”.

Vitória: “Porque tantos os homens quanto as mulheres podem praticar vários esportes”.
Alessandro: “Porque, querendo ou não, todos são seres humanos”.
Júlio: “Porque as mulheres também podem jogar esse esporte”.
Pedro: “Os dois podem praticar todos os esportes juntos”.
Manuela: “Porque se fosse os homens ou mulheres ia ser muito chato”.
Elisa: “Por que ambos têm a mesma capacidade”.
Luna: “Porque os dois são humanos”.
Felipe: “Todo mundo tem o direito de praticar os esportes que ela quiser praticar”.
Clara: “Tem jogo de meninos e meninas, tipo futebol as meninas podem jogar”.
Maria Eduarda: “Porque os dois”.
Levi: “Todos podem jogar sem preconceito”.
Helena: “Porque todos têm o direito de participar”.
Beatriz: “Porque todos têm o direito de praticar”.
Miguel: “Porque não importa o gênero”.
Éric: “Porque os dois são errados”.
Eduarda: “Porque os dois”.
Rillary: “Porque os dois podem jogar todos os esportes juntos, porque se fosse só um deles iria ser injustiça”.
Lorena: “Todo mundo tem direito de jogar, tanto meninas quanto meninos”.
Matheus: “Porque as mulheres também praticam esportes”.
Vitor: “Os dois, porque eles têm direitos iguais”.
Brenda: “Por que sim”.

Questão 4 (corrigi os erros de ortografia e gramática)
Bryan: “Porque os dois são iguais e não importa se algum dia de educação física o seu time perder, o importante é participar”.
Willian: “Porque é melhor”.
Larissa: “Porque todos se divertem juntos”.
Vitória: “Porque nenhum deles são diferentes e todos podem jogar na educação física”.
Alessandro: “Porque meninos e meninas são humanos”.
Júlio: “Porque os dois são humanos!”.

Pedro: “É melhor todos juntos do que sozinhos”.
Manuela: “Porque quando jogam só os meninos, as meninas ficam bravas”.
Elisa: “Por que não importa se é menina ou menino, todos podem jogar igualmente”.
Luna: “Porque os dois são seres humanos”.
Felipe: “Se não deixar, isso é uma pessoa machista, e elas tem o direito de brincar”.
Clara: “Tem que jogar os dois”.
Maria Eduarda: “Porque não importa o gênero, importa a felicidade”.
Levi: “Porque sim oxe”.
Helena: “Porque todos tem o direito de participar da aula de física e outros jogos também”.
Beatriz: “Porque todos são iguais, o que muda é o gênero”.
Miguel: Porque não importa o gênero e sim a felicidade”.
Eric: “Porque se diverte mais”.
Eduarda: “Porque não importa o gênero, só a felicidade”.
Rillary: “Porque sim e sem preconceito”.
Lorena: “Juntos é mais legal”.
Matheus: “Porque as meninas também jogam bola”.
Vitor: “Porque as mulheres e os homens têm direito”.
Brenda: “Porque só os meninos ou só as meninas não teriam graça, então é mais legal tudo junto.

Questão 6 (corrigi os erros de ortografia e gramática)
Vitória: “Sim. Que todos podem jogar o que quiserem e não tem isso de meninos ou meninas”.
Pedro: “Sim. Porque o professor é legal e sabe dar aula”.
Luna: Não, os dois tem direito de jogar”.
Lorena: “Porque sem as meninas e os meninos não têm divertimento”.
Matheus: “Eu gosto de jogar bola”.
Vitor: “Sim. Que esse professor dá aulas legais e divertidas”.

Verifiquei que todos e todas responderam aquilo que esperava deles/delas ao final da pesquisa. Acredito que isso se deve ao fato de sempre estar conversando com eles/elas sobre estas questões relacionadas aos gêneros no esporte, lazer e jogos.

Diante disso, surgiu-me uma reflexão, que talvez estas questões não tenham sido eficazes para essa avaliação inicial. No entanto, as respostas deles/delas não são condizentes com o que venho verificando nas aulas práticas, como: meninos culpando as meninas pela derrota em algum jogo, alunos pedindo para fazer jogos de meninos contra as meninas, conflitos que geralmente é entre algum aluno e aluna ou aluna com aluna. Entre alunos não ouve conflitos ou discussões, somente quando envolve alguma aluna. Estas atitudes, a meu ver, não estão de acordo com as respostas obtidas na Avaliação Diagnóstica que apliquei aos alunos e alunas.

Após essa parte inicial, fui com os alunos para a quadra, mas devido ao tempo utilizado para a realização da Avaliação Diagnóstica, não foi possível realizar o futsal, como havia planejado, com isso, irei realizar na próxima aula, pois haverá tempo hábil para a realização de todas as etapas. No entanto, organizei, a pedido dos alunos/alunas, dois times para jogarem o futsal na quadra toda. Então escolhi aleatoriamente duas meninas para escolherem os times, na qual uma delas, de cada vez, escolhia um para seu time. Pedi para começarem escolhendo as meninas e em seguida os meninos. Ficou 6 alunas e 5 alunos em um time e 6 alunas e 6 alunos na outra equipe. Um time ficou com um aluno a mais, visto que a aluna Luna disse que estava com cólicas e que não iria participar, então ficou sentada assistindo, e o jogo prosseguiu assim.

Antes de iniciar o jogo, dois meninos, um de cada time, se dispuseram a ir ao gol para suas equipes. Contudo, o jogo ficou muito tumultuado, pois todos/todas corriam em direção a bola e não estavam respeitando as linhas laterais e de fundo. Com isso, intervi, mostrando as linhas laterais e de fundo e expliquei que quando a bola ultrapassasse as devidas linhas era lateral ou tiro de canto ao fundo (escanteio na fala dos alunos e alunas).

Logo de início, a aluna Helena saiu do jogo sem avisar, quando questionei sua saída ela não disse nada, simplesmente ficou sentada quieta na arquibancada, juntamente com a Luna. Contudo a Helena nunca fala nada, mesmo insistindo e tentando conversar a sós com ela.

O jogo prosseguiu dessa forma por cerca de 10 minutos, não havia passe de bola para os colegas da mesma equipe, somente chutes sem direção. Como estavam muitos alunos e alunas jogando, muitas meninas ficaram paradas conversando dentro da quadra e aparentando desinteresse pelo jogo, enquanto os meninos procuravam

correr em direção a bola. Não houve nenhuma interação entre os colegas da equipe, deu a impressão de que cada um estava querendo ter um contato com a bola e não jogar pelo time, inclusive as poucas meninas que estavam interessadas também não conseguiam pegar na bola, pois quando havia a possibilidade de um passe, sempre era algum aluno procurando por outro aluno, geralmente os mais habilidosos. Sendo assim, acredito que este seja um fator para o desinteresse por boa parte das alunas. Dessa forma, o jogo não fluiu como deveria ser. No entanto, percebi que devido ao número alto de jogadores nas equipes atrapalhou o andamento do jogo. Até que restou apenas 5 minutos para o fim da aula e apitei, dando fim à partida para irem ao banheiro e tomarem água, antes de voltarmos para a sala de aula.

DIÁRIO DE AULA 2 – 24.08.2023

Fiz a chamada em sala de aula e pedi para os/as alunos/alunas levarem um lápis ou estojo na quadra, pois iríamos precisar e fomos para a quadra. Pedi para os alunos/alunas organizarem os times para um jogo de futsal. O aluno Vitor perguntou se eu iria escolher alguém para escolher os times, mas disse para eles se organizassem da maneira que achassem melhor. Como estava esperando, alguns alunos mais habilidosos tomaram a frente, o próprio Vitor se prontificou para escolher um time e pediu para que o aluno Eric escolhesse outro. Por fim, ficaram 2 times mistos, sendo 12 em cada time.

Nesse dia vieram todos os 25 alunos e alunas da turma, sendo 13 meninas e 12 meninos, porém não deixei o aluno Matheus participar, pois estava de chinelo e já tinha avisado ele e todos/todas dessa turma, em aulas anteriores, que se acontecesse isso eles não iriam poder participar das aulas práticas, devido ao risco de se machucarem.

De início os alunos que escolheram o time tiraram par ou ímpar para ver qual time começava com a bola. Com o início da partida, após alguns segundos, a aluna Luna saiu da partida tentando se esconder atrás de um pilar no fundo da quadra, a aluna Elisa foi junto com a Luna e ficaram conversando. Nesse momento, percebi também que, ambos os times, tinham duas meninas de mãos dadas em determinados espaços da quadra. Fiquei com a impressão de que não estavam com vontade de

jogar e correr atrás da bola como os demais colegas de seus times. Além disso, a aluna Helena saiu do jogo e foi se sentar na arquibancada sem dar satisfação.

Após transcorrido 5 minutos de jogo apitei o fim, pois vi que o jogo estava muito tumultuado, como já esperava que fosse, e não estava fluindo, pois não havia passe de bola, todos/todas corriam em direção à bola e quando ela chegava até algum jogador ou jogadora eles e elas só chutavam para onde fosse possível, sem nenhuma direção, quanto menos, objetivando o gol defendido pelo adversário. Além disso, as poucas vezes que aconteceu algum passe, era sempre um dos meninos tocando para outro menino da sua equipe, excluindo as meninas da equipe. Pedi que todos/todas se sentassem ao centro para uma roda de conversa para possíveis ajustes, na qual questionei sobre diversos acontecimentos durante o jogo, inclusive o aluno Matheus que estava assistindo da arquibancada, para não o excluir totalmente. Primeiro perguntei se estava legal, todos/todas responderam que sim. Em seguida, falei para levantar a mão quem não tinha pegado na bola, as alunas Elisa, Lorena, Helena e Levi (três meninas e um menino) levantaram a mão. Questionei a Helena qual foi o motivo que fez ela sair do jogo, mas ficou calada, mesmo diante da minha insistência para falar algo. Então perguntei se a causa foi por ninguém passar bola a ela e pedi então que falasse sim ou não, daí ela balançou a cabeça para o lado, demonstrando que não. Já a aluna Lorena é a que mais fala da turma, se deixar só ela quer falar a todo o momento, não deixando os demais alunos/alunas falarem também, contudo demonstrou insatisfação com os/as colegas por não passarem a bola a ela. Posteriormente, questionei a Luna sobre o porquê de ela ter saído do jogo também, ela respondeu que não gosta de jogo com bola. Com essa fala da Luna, pensei em sugerir a eles, no próximo encontro, jogos sem bola, como o pique-bandeira e observar suas posturas nesse jogo.

Prosseguindo com a conversa, falei que alguns de seus/suas colegas não estavam pegando na bola e como poderíamos resolver isso, para que todos/todas participassem e pegassem na bola, questionei também se os times não estavam com muitas pessoas jogando ao mesmo tempo. Com isso, o aluno Matheus falou de separar os times e, enquanto uns jogavam, os outros ficariam sentados esperando a vez deles para jogar. O aluno Eric, sugeriu fazer 4 times e fazer como o Matheus tinha falado. Já o aluno Vitor, sugeriu dar um tempo de 5 minutos para as equipes jogarem e depois jogaria as outras equipes.

Decidido como faríamos, ainda precisava dividir os times. O aluno Vitor queria escolher os times novamente, junto com o Eric e outros dois meninos, mas intervi, falando se eles achavam justo ter escolhido no início e naquele momento de novo, nesse instante se calaram e as meninas falaram, deixa as meninas agora professor, e assim fizemos. Porém, várias meninas estavam querendo escolher e como não houve consenso, escolhi 4 meninas (Vitória, Eduarda, Lorena e Maria Eduarda), aleatórias para escolherem os times e pedi para começarem a escolher na ordem que estavam, lado a lado, da esquerda para a direita. A Vitória iniciou e escolheu o Vitor (aluno mais habilidoso da turma), que participa de um time de futebol da cidade. Contudo, intervi novamente pedindo que escolhessem de maneira mais justa para todos/todas, com isso, vários alunos e alunas sugeriram escolherem todas as meninas primeiro e depois os meninos. No entanto, essa estratégia não foi deles, já que em várias ocasiões em aulas anteriores eu fazia dessa forma, eles só reproduziram o que já fazíamos. Isto, no meu ponto de vista, pode ser visto como positivo, já que interiorizaram uma maneira mais inclusiva.

Com as equipes divididas, dei coletes de cores diferentes para 3 equipes e uma ficou sem. Ficaram 2 equipes com 6 jogadores e 2 equipes com 5 jogadores cada, totalizando 22 jogadores. A Luna e a Helena não quiseram jogar novamente e o Matheus também não participou.

Inicialmente entraram a equipe de colete amarelo e a sem colete, 6 jogadores em cada equipe, cada uma das equipes escolheu 2 jogadores que foram para o gol. Após isso, 2 jogadores de cada equipe tiraram um par ou ímpar para ver quem começaria com a bola. Nesse momento, intervi perguntando como faria para que todos pegassem na bola, e num consenso entre eles, falaram que só valeria o gol se todos tivessem pegado na bola antes.

Para as outras 2 equipes que ficaram de fora, apliquei um questionário, pedindo que assistissem ao jogo e respondessem. Abaixo segue o questionário aplicado:

NOME: _____ 5º Ano A

QUESTIONÁRIO

1- No seu ponto de vista todos estão demonstrando interesse em participar?

( )Sim ( )Não

2- No seu ponto de vista tem alguém que NÃO está com vontade de participar?

( )Sim ( )Não

Quem?

_____

3- Todos os seus colegas estão participando?

( )Sim ( )Não

4- As meninas estão participando como os meninos, elas estão pegando na bola?

( )Sim ( )Não

5- Na sua opinião o jogo está sendo justo?

( )Sim ( )Não

Por quê?

_____

Passaram os 5 minutos apitei o final do jogo para as equipes que estavam jogando. Recolhi o questionário das equipes que estavam de fora e pedi para entrarem, que seria a vez deles. Como em uma das equipes ninguém estava querendo ir ao gol, pedi para tirarem dois ou um e quem saísse diferente iria no gol, e haveria revezamento a cada gol, assim o Gustavo foi no gol e tiraram par ou ímpar também para quem começaria com a bola. Estas equipes também seguiram a mesma estratégia para poder validar o gol, ou seja, todos teriam que pegar/tocar na bola para valer. Enquanto isso, orientei as equipes que ficaram de fora para fazer o mesmo, assistir ao jogo e responder as perguntas do questionário.

O jogo dessa forma ficou melhor para visualizar o desenvolvimento da partida, houve mais passes devido a regra que eles reproduziram de outras partidas que já havíamos utilizado (para poder validar o gol, teria que passar a bola a todos e todas da equipe. No entanto, percebi que isso não foi suficiente, já que após a bola passar pelos/as colegas, a bola retornava para o mais habilidoso, para tentar finalizar com gol. Não houve nenhum conflito durante o jogo.

Nesse momento, a aluna Helena que estava de fora e a aluna Beatriz tiveram um desentendimento, por algum motivo que não perguntei a causa, somente chamei

a atenção e repreendi as duas, dizendo que não queria ver essas brigas nas aulas. Como isso, a Helena saiu de perto da Beatriz, mostrando o dedo do meio e a Beatriz respondeu falando que a Helena iria ver na saída da escola.

No total, deu tempo de as equipes jogarem duas vezes com o tempo de 5 minutos. Em certo momento o aluno Eric sugeriu que fizéssemos um jogo com os vencedores de cada equipe, nesse momento o questionei se isso favorecia a participação de todos/todas, ele ficou em silêncio por um instante e respondeu que “não” e sem insistir, foi com a sua equipe.

Após o fim, fiz outra roda de conversas com os alunos/alunas e questionei se ficou melhor dessa forma, se todos participaram, a maioria respondeu que sim, mas a Beatriz e a Lorena responderam que não sentiram que tocaram a bola para elas, mas sim que a bola sobrou para elas. Finalizei dizendo que iríamos rever as regras para as próximas aulas e retornamos para a sala de aula.

Ao analisar os questionários que os/as alunos/alunas responderam, consegui fazer algumas observações:

		RESPOSTAS	
PERGUNTAS	**GÊNEROS**	**SIM**	**NÃO**
1. No seu ponto de vista todos estão demonstrando interesse em participar?	Masculino	8	3
	Feminino	4	8
2. No seu ponto de vista tem alguém que NÃO está com vontade de participar?	Masculino	11	0
	Feminino	10	2
3. Todos os seus colegas estão participando?	Masculino	3	8
	Feminino	1	11
4. As meninas estão participando como os meninos, elas estão pegando na bola?	Masculino	10	1
	Feminino	5	7
5. Na sua opinião o jogo está sendo justo?	Masculino	8	3
	Feminino	3	8

Pergunta 1

No seu ponto de vista todos estão demonstrando interesse em participar?

Nessa questão ficou explícito que enquanto a maioria dos meninos (8) achou que estavam havendo o interesse de todos e todas na atividade, o mesmo número de meninas (8) achou que não. Com isso, foi possível verificar que houve divergências nas respostas, a qual pode estar relacionado ao desinteresse de algumas meninas pela atividade, ou seja, talvez tenham levado em consideração as alunas que ficaram de fora e não levaram em consideração somente os alunos/alunas que estavam jogando. Demonstrando assim que estão atentas ao que está acontecendo na atividade, não só na atividade em si, mas o que está acontecendo fora dela também.

Pergunta 2

No seu ponto de vista tem alguém que NÃO está com vontade de participar?

Nessa questão houve 21 respostas para o “sim”, destas 11 foram dos meninos e 10 das meninas, evidenciando o que foi verificado na questão anterior, ou seja, estão atentos às alunas que ficaram de fora.

Entre as respostas, 11 meninos escreveram que a Luna não estava com vontade, 2 citaram a Helena e 1 citou o Matheus. Já as meninas 6 colocaram a Luna, 2 a Helena e o aluno Matheus não foi citado por elas. Três meninas não citaram nomes, deixaram em branco.

A própria Luna escreveu da seguinte forma: “Muitas, inclusive eu”.

Pergunta 3

Todos os seus colegas estão participando?

Nessa questão 8 meninos colocaram que não e 3 que sim. Das meninas 11 colocaram que não e 1 que sim. Mas uma vez deixando claro que eles estão atentos quanto a participação dos/as alunos/as. Isso se deve ao explicitado na questão anterior, onde a maioria dos/as alunos/as observou que a Luna como não participante.

Pergunta 4

As meninas estão participando como os meninos, elas estão pegando na bola?

Dez meninos responderam que sim e 1 que não. Das meninas 5 responderam sim e 7 não. O que mostra uma divisão de opiniões por parte das meninas, o que

podem terem respondido por sua vivência na atividade e não o que observaram na equipe assistida.

Pergunta 5

Na sua opinião o jogo está sendo justo?

Nessa questão foi verificado divergência entre os meninos e meninas. Os meninos colocaram 8 sim e 3 não, já as meninas 3 sim e 8 não. Talvez essa oposição nas respostas tenha a ver com o descontentamento das meninas nas atividades, o qual elas podem ter percebido uma certa exclusão durante a atividade proposta.

Com esta primeira atividade prática, pude observar que algumas estratégias sugeridas por eles, foram copiadas de outras aulas anteriores, mas ainda tem muito a ser trabalhado para um aprendizado no qual a questão do gênero nas aulas não seja um motivo para exclusão das meninas.

Algumas particularidades de alguns alunos

O Matheus é um aluno que não sabe ler e nem escrever. Seu pai é presidiário e sua mãe usa tornozeleira eletrônica. Na escola, já teve diversos casos dele roubar objetos de outros alunos, inclusive já mexeu na bolsa da professora da sala. Acontecem casos de seus colegas pedirem para ele pegar algo de alguém e ele obedece. Além disso, é um aluno que sempre está mexendo ou provocando quem está quieto e nenhum dos colegas gosta de ficar perto dele, inclusive nas aulas práticas de Educação Física.

A Luna é outra garota que temos suspeitas de ser autista, pois demonstra algumas características durante as aulas. Na Educação Física percebi que ela é um pouco descoordenada e corre nas pontas dos pés. Além disso, tem pavor de barulho, inclusive falou para mim certo dia que o motivo dela sair as vezes das atividades é por conta do barulho durante os conflitos. A professora da sala já tentou orientar os pais, mas eles não aceitam e nem vão atrás para desvendar essa questão. Contudo, a mãe dela veio conversar comigo na escola um dia, falando dessas particularidades que observei e da nossa suspeita de autista da filha dela. Orientei que procurasse por um médico e que pedisse por um teste. Mais ao final do ano ela me procurou novamente

e disse que fez o que sugeri, mas com as férias escolares não tive mais contato para saber do resultado.

A Helena é uma aluna muito quieta e sempre na dela nas aulas de Educação Física, não é muito sociável também. Até estranhei quando ela teve um desentendimento com a Beatriz, que por sua vez, é muito “esquentada” e bate boca por qualquer coisa.

DIÁRIO DE AULA 3 – 31.08.2023

Hoje cheguei na sala fiz a chamada, em seguida, desenhei na lousa e expliquei aos alunos e alunas a atividade “Pique Bandeira” que eles iriam realizar na quadra. Alguns alunos falaram que já sabiam, contudo, falei que iria explicar para quem ainda não sabia e para quem já sabia, iria relembrar algumas regras. Após a explicação por meio da didática visual na lousa, fomos para a quadra.

De início, dei uma atividade de “Pega-Pega Feiticeiro/Bruxo” como aquecimento, visto que estava muito frio. A Brenda ficou sentada e enquanto os demais estavam realizando o pega-pega, fui até ela e questionei por que não estava participando, ela disse que estava com cólica, então falei que não tinha problema, mas se estivesse se sentindo bem e quisesse participar em algum momento era só avisar.

Em seguida, falei que iríamos dividir os times, os quais vários alunos e alunas ficaram pedindo para escolher. Diante disso, falei que seria mais justo dar oportunidade para quem nunca tinha escolhido ainda e assim fizemos. Selecionei o Felipe e o Júlio para escolherem os times. Neste momento, A Lorena e o Matheus começaram a discutir, pois as meninas foram tomar água e o Matheus foi atrás, sem avisar ou pedir permissão, para ver o que as meninas estavam fazendo e vir fazer fofoca para mim. Dessa vez, questionei para saber a origem de fato da discussão, então a Lorena falou que começou na aula de Informática no dia anterior, a qual ela e o Matheus sentaram juntos para fazerem a atividade solicitada pela professora, e como o Matheus não estava sabendo realizar, ela disse que foi tentar ensinar a ele, mas ele ficou provocando e a insultando. Em um instante, o Bryan se intrometeu falando algo sobre a Lorena e ela retrucou, ambos xingaram um ao outro com palavrões. Tentei acalmar o ânimo dos alunos e das alunas, falando para o Matheus que a Lorena estava tentando ajudá-lo e questionei se ele achou que a atitude dele

na informática foi correta, ele somente balançou a cabeça para o lado, concordando que não. No entanto, neste momento não foi fácil, pois eles a todo momento ficaram xingando e acusando um ao outro, até que a Eduarda e a Maria Eduarda, amigas da Lorena, pediram para ela pedir desculpa ao Matheus pelas ofensas, muito relutante ela fez, mas ressaltou que o Matheus também devia se desculpar com ela, porém isso não ocorreu, pois os alunos e alunas me cobraram para escolher o time para começarem a atividade logo. Com isso, pedi que tirassem par ou ímpar e o Júlio iniciou a escolha. Como já era de costume, eles mesmos falaram que iriam escolher primeiro as meninas e depois os meninos.

Nesse dia vieram 10 alunos e 10 alunas, totalizando 20 alunos/as. Com isso ficou um time com 10 jogadores e outro com 9, já que a Brenda não estava participando.

Pedi para uma equipe colocar colete e a outra ficar sem, para distinguir os times. Já tinha explicado na sala, mas chamei os alunos e alunas para verificarem as bases (área do goleiro do futsal), onde não poderiam pegar seus adversários.

Apitei para iniciarem o pique-bandeira, mas com poucos minutos vi que estavam fazendo tudo errado, não estavam respeitando as regras e não consegui visualizar todos os/as alunos/as, para corrigir as infrações. Inclusive a Helena já tinha saído da brincadeira e ido se sentar na arquibancada, sem avisar e ficou calada quando questionei o porquê de ter saído, como de costume para ela.

Devido a confusão que estava, apitei para pararem que iria organizar as equipes. Falei que iria dividir cada equipe em duas e que ficaria como no futsal da nossa aula anterior, enquanto uma equipe jogava a outra assistia, mas falei que iria deixar um tempo menor, para que a equipe que estava fora não ficasse muito tempo parada. Então os alunos e alunas, sugeriram 2 ou 3 minutos e com uma votação rápida, pedi para levantar a mão que quisesse 2 ou 3 minutos, então ficou 3 minutos cada partida.

Aleatoriamente, separei as equipes onde 3 equipes ficaram com 5 jogadores e uma com 4. As equipes ficaram da seguinte forma: equipe de colete 1 (3 meninas e 2 meninos; equipe de colete 2 (2 meninas e 3 meninos); equipe sem colete 1 (3 meninas e 2 meninos), equipe sem colete 2 (3 meninos e 1 menina). Iniciaram então a equipe 1 de colete e sem colete. Ficou melhor para visualizar o jogo, mas ainda assim, muitos não estavam respeitando as regras e tive que intervir várias vezes para corrigir. Neste

momento, dei um tempo e falei para se reunirem e montar as suas estratégias e reiniciei a atividade. Quando deu 3 minutos, pedi para as equipes saírem e para as outras entrarem.

Neste momento, inicialmente, pedi para os alunos/alunas da equipe 2 sem colete escolherem uma das meninas que tinham saído para compor a equipe deles, visto que estavam com uma pessoa a menos. Foi aí que escolheram a Eduarda, mas a Lorena e a Maria Eduarda não gostaram e queriam ser escolhidas e foram tirar satisfação com os meninos e até mesmo com a própria Eduarda, dando início a uma discussão novamente. Intervi dizendo que iriam tirar 2 ou 1 para ver quem iria ficar, foi quando a Lorena colocou 5 dedos e o Felipe a insultou. Lorena, por sua vez, não gostou e xingou o Felipe e falou que eu não tinha explicado, de pronto falei que ela tinha razão e falei que iria ensinar, mas o Felipe disse que não tinha o que ensinar, que era tirar 2 ou 1 só. Novamente disse que iria explicar por que eu também não sabia que alguém não soubesse. Com isso, a Eduarda e a Maria Eduarda tiraram 1 e a Lorena 2, então a Lorena entrou para completar a equipe, pois tínhamos combinado que quem saísse diferente entraria. Neste instante, a Brenda me chamou falando que queria participar, então falei para a Lorena deixar que a Brenda completaria a equipe. Nesse momento ninguém contrariou e as meninas saíram para a Brenda entrar sem nenhum comentário e sem desentendimento. Acredito que isso se deva pelo fato de as meninas acharem justo a Brenda entrar no jogo.

Antes deles iniciarem, falei para se reunirem para combinar suas estratégias. Neste momento percebi que a equipe da Brenda só os meninos se juntaram e ficaram combinando algo, excluindo assim as meninas que não se juntaram também, em seguida, apitei para iniciarem a partida. Neste momento não intervi para incluir as meninas do time na discussão das estratégias, para não atrasar ainda mais a partida, mas serviu como aviso para observar as partidas seguintes e assim poder intervir para essa inclusão. Enquanto estas equipes estavam jogando, pedi para as equipes que estavam de fora irem combinando estratégias.

Em certo momento a Rillary, que estava de fora, me chamou dizendo que o Vitor estava insultando-a por ter perdido a partida para o time dele, tive que intervir e disse a José se era isso que o treinador dele ensinava para ele nos jogos que ele disputava, se quando ganhavam tinham que insultar a outra equipe? Ele abaixou a cabeça calado, num gesto de consentimento que estava agindo errado.

As equipes disputaram várias vezes e faltando 20 minutos para acabar a aula chamei os alunos e alunas para sentarem-se em círculo no centro da quadra, pois queria ouvi-los. Neste momento, a Helena e a Rillary ficaram sentadas na arquibancada e não vieram com os demais, mesmo diante da minha insistência. Com isso, comecei sem elas mesmo e perguntei quem queria falar algo sobre a atividade. A Luna é uma aluna que sempre fala e é sincera, disse que toda hora tinha que ficar parando o jogo por conta de brigas nos dois times. Alguns alunos e alunas acusaram a Lorena e quando questionei por que ela, o Vitor disse que ela ficava sempre ficava fazendo “graça”, mas não especificou qual era essa “graça”. Em seguida deixei a Eduarda falar e ela disse que todas as aulas têm briga quando eu chego e passo as atividades, segundo ela, porque os alunos e alunas não sabem brincar direito ou porque um está fazendo coisa errada, sendo que não tinha o porquê de fazer. Lorena retrucou dizendo que reconhece que fica com “graça”, mas disse que se a Rillary não tivesse ficado com “graça”, ela também não teria. A Luna retomou sua fala dizendo que o outro time ficou mais forte e essa divisão ficou injusta, então eu disse que teríamos que pensar sobre isso. O Júlio também quis falar e disse que combinou com a Lorena de defender, mas em certo momento ela não quis mais defender e ficou sobrecarregado sozinho, e isso gerou alguns conflitos na equipe também. Quando o Júlio estava falando, o Matheus, a Eduarda e a Maria Eduarda já não estavam mais no círculo, pois foram brincar pulando no degrau da arquibancada.

Assim encerrei a roda de conversa para retornarmos à sala de aula e quando estávamos chegando vi o Matheus mostrando o dedo do meio para a Helena, fui questioná-la sobre o que tinha acontecido, mas ela não disse nada, sempre fica quieta quando pergunto sobre algo que aconteceu. Já o Matheus disse que ela tinha começado. Nisso a Lorena e a Rillary começaram a discutir também, no final da aula, já dentro da sala. Questionei a Rillary sobre o que estava acontecendo e ela não quis falar nada também.

Como a professora da sala chegou naquele instante, falei a ela que iria chamar a Rillary e a Helena para conversar com elas fora da sala. Assim me sentei com elas em uma mesa no pátio e perguntei a elas por que essas intrigas, a Helena disse que o Matheus sempre começa, ela está quieta e ele passa e mostra o dedo do meio para os colegas, ainda disse que isso não é só com ela, mas com todos da sala. Nesse momento, entendi o porquê de os alunos da sala não gostarem dele, e fez sentido

para mim. Já que raramente via ele fazendo estes gestos, mas sempre estava envolvido em alguma intriga e sempre culpando os colegas, no entanto, acredito que seja ele que inicia todas as intrigas, diante de vários boatos que os próprios alunos já tinham me contado.

Já a Rillary disse que a Lorena vive ameaçando-a fora da escola na rua, falando que vai pegar ela. Disse também que a professora já chamou a mãe da Lorena para conversar, mas ela sempre nega as ameaças e nada fica resolvido. A Rillary não disse, mas acredito que ela fica quieta por medo das ameaças.

DIÁRIO DE AULA 4 – 14.09.2023

Nesse dia vieram 13 alunos/alunas, 7 meninos e 6 meninas. Estava um dia chuvoso e muito frio, então vieram poucos alunos/alunas, como de costume nesses dias. Porém a Beatriz me disse que a professora da sala falou a eles que não iria vir e não seria marcado falta para quem não viesse, contudo, acredito que isso foi um diferencial para ausência de vários alunos e alunas, já que sempre vêm no dia de aula de Educação Física como um estímulo, então normalmente vêm todos/todas ou a maioria. Nesse dia também iniciou uma aluna nova a Raquel, que se mudou de uma cidade vizinha para esta.

Fiz a chamada e ainda na sala de aula expliquei na lousa as atividades que realizaríamos da quadra. Falei do pega-pega bola como aquecimento, depois expliquei, mais de uma vez, as duas atividades de ataque e defesa que também iríamos realizar na quadra e respondi algumas perguntas de dúvidas sobre essas atividades.

Já na quadra inicie com o pega-pega. O Matheus iniciou como pegador a pedido dele mesmo. Após 10 minutos nessa atividade apitei para beberem água, quem quisesse, para mudarmos para a próxima atividade.

Matheus, juntamente com a Lorena e a Eduarda, pediram para deixá-lo/las tirarem time, contudo, questionei por que só eles queriam tirar time e se alguém teria outra solução, então a Beatriz sugeriu deixar quem ainda não tinha escolhido, mas o Matheus continuou insistindo, nisso questionei-o por que queria escolher e por que não poderia ser outros colegas/colegas, então somente respondeu que não sabia “não sei”.

Como não houve mais nenhuma divergência, aderi ao palpite da Beatriz e perguntei quem ainda não havia escolhido time nenhuma vez e pedi para escolherem. Como vierem poucos alunos/alunas foi fácil identificar quem ainda não tinha escolhido, com isso, ficou a Brenda, o Alessandro, o Gustavo e a Beatriz para escolherem os times. A Beatriz até fez um comentário “assim quando todos já tiverem escolhido alguma vez, pode começar tudo de novo” sugerindo repetir seus colegas para escolherem em aulas futuras.

Para iniciarem a escolha pedi sugestões de como sugeriam que começassem as escolhas, então Beatriz sugeriu que começassem na ordem que estavam da esquerda para a direita (Brenda, Alessandro, Gustavo e Beatriz). O Gustavo sugeriu começar escolhendo os meninos primeiro dessa vez e depois as meninas já que nas aulas anteriores foram as meninas as primeiras escolhidas, então perguntei se todos e todas estavam de acordo e acharam justo.

Sendo assim formaram 4 equipes distribuídas da seguinte forma: 1 equipe com 3 meninas e um menino, totalizando a única equipe com 4 colegas; 2 equipes com 2 meninos e uma menina, totalizando 3 colegas cada equipe e 1 equipe com 2 meninas e 1 menino.

Pedi para a equipe da Beatriz ficarem de colete vermelho e a equipe do Alessandro de colete amarelo. Cada equipe de colete iria jogar de um lado da quadra com outra sem colete.

Para iniciar a atividade, fiz uma demonstração, para visualizarem como seria. E expliquei também que seria um jogo de ataque e defesa, o qual quem estivesse com a posse de bola iria atacar e a outra defender, a equipe atacante deveria adentrar na área da baliza do futsal para marcarem ponto e a equipe que estava defendendo deveria impedir e se interceptassem a bola eles que deveriam atacar. Com isso, cada responsável por sua equipe tirou par ou ímpar para ver quem começaria com a bola e iniciamos. A equipe da Brenda ficou com 4 colegas em sua equipe, no entanto a equipe adversária aceitou jogarem com um a menos.

Com o início da partida foi possível observar que nenhuma das equipes entenderam o que era para ser feito, já que todas estavam tentando fazer gol e não entrar na área adversária com a posse da bola. Com isso percebi que a atividade não daria certo, mesmo depois de várias explicações e a demonstração. Além disso, a Eduarda falou que estava chato. Nesse momento a Lorena falou que tinha a ideia de

uma brincadeira, então chamei todos e todas para sentarem-se no centro da quadra para a Lorena falar e explicar a brincadeira que estava pensando. A brincadeira que ela sugeriu foi um futsal sem os goleiros e juntar as equipes de colete em um único time e os sem coletes em outro time. Além disso, ela também sugeriu que para validar o gol todos da equipe teriam que pegar na bola. Nisso, perguntei se isso seria o suficiente para favorecer a participação de todos e todas e eles e elas concordaram. Com este formato das equipes a equipe de colete ficou com 3 meninos e 4 meninas e a equipe sem colete ficou com 3 meninos e 3 meninas, no entanto, a aluna nova (Raquel) não quis participar, pois não estava se sentindo bem, falando que estava com dores na barriga e um pouco de falta de ar e ficou sentada na arquibancada. Por fim, ficou 6 contra 6, sendo 3 meninas e 3 meninos em cada equipe.

Com par ou ímpar para quem iria começar com a bola o jogo teve início. O Matheus fazia parte da equipe sem colete e quando pegava na bola somente ele queria jogar, não passava para ninguém. Em dado momento ele fez um gol, com isso, perguntei para seus/suas colegas se tinham pegado na bola e eles/elas responderam que não, então invalidei o gol e a posse de bola ficou com a outra equipe.

Na equipe sem colete somente o Matheus queria jogar, até os laterais e escanteios, com isso intervi perguntando a ele, por que só ele queria cobrar e por que os seus colegas não podiam, mas ele não respondeu, então pedi para a Elisa cobrasse o lateral naquele momento. Até mesmo quando alguma menina ou menino da equipe do Matheus pegava na bola ele ia para cima deles com a intenção de tomar a bola. Já na equipe de colete, percebi que estavam tentando passar a bola, mas ambas as equipes não conseguiam realizar os passes com precisão e ficava chute de um lado para o outro, na maioria das vezes eram os meninos que realizavam estes chutes, sem direcionar o passe para alguém do seu time. Contudo, mesmo com regras para todos e todas participarem, não foi possível observar a inclusão efetiva das meninas.

Este jogo durou apenas 10 minutos, já que foi utilizado muito tempo para explicação, demonstração e conversas. Então chamei todos e todas ao centro da quadra novamente para conversamos.

Pedi que quem quisesse falar algo que levantasse a mão, a primeira foi a Lorena e falou do Matheus, que ele não tocava a bola, até mesmo quando a bola estava com o time deles ele queria tomar bola e seguir em direção ao gol, ignorando

todos e todas. A Beatriz, que também estava no time dele, também reclamou das mesmas coisas, nisso começou um bate-boca entre o Matheus, Beatriz e a Lorena. Foi difícil de contê-los então, como não havia muito tempo, falei para retornarmos para a sala de aula.

Como deu o horário e a professora da turma não tinha chegado ainda, uma inspetora ficou com os alunos e alunas na sala e eu chamei o Matheus para conversar no pátio. Sentamo-nos num banco no pátio e perguntei algumas coisas da vida dele, com quem ele morava, se tinha mais irmãos e por que xingava e falava palavrões para seus colegas. Ele disse que morava na casa da sua tia, juntamente com seu outro irmão e sua mãe, que disse ter separado do seu pai, que ainda estava preso. Perguntei também se ao invés de ficar xingando e falando palavrões aos seus/suas colegas, se não seria mais fácil conversar para se entenderem, com isso ele sinalizou que sim. Então falei para ele que sempre que alguém falasse algo que ele não gostasse era só me avisar que tentaríamos conversar para resolver e assim tentar evitar conflitos.

Nesse dia sai da sala muito decepcionado com a aula, pois vi que mesmo com poucos alunos a aula não fluiu bem, diante do que relatei acima e isso me deixou muito abalado psicologicamente, sem saber como iria agir nas próximas aulas.

DIÁRIO DE AULA 5 – 21.09.2023

Nesse dia vieram 13 alunas e 10 alunos, totalizando 23. Como sempre faço fiz a chamada em sala de aula e em seguida, mostrei 3 cartolinas e falei que eles iriam fazer cartazes com problemas que eles identificam nas aulas de Educação Física e regras para solucioná-los. Com isso, a turma foi dividida em 3 equipes, o qual pedi a eles e a elas para que se organizassem em 2 turmas de 8 alunos/as e 1 turma de 7 alunos/as, para incluir a todos/as os presentes.

Percebi que o Vitor foi o primeiro que começou chamando alguns colegas, inclusive algumas meninas, mas todas recusarão e formarão uma equipe só de meninas e a equipe do Vitor só de meninos. Ficou então uma equipe de meninos, uma de meninas e uma equipe mista de meninos e meninas.

Quando questionei o Vitor o porquê da equipe dele só tinha meninos, ele disse que chamou algumas meninas, mas elas não quiseram, foi o que de fato presenciei.

As equipes ficaram com os seguintes alunos/as: equipe 1 (Vitor, Pedro, Eric, Gustavo, Júlio, Felipe e Miguel); Equipe 2 (Lorena, Eduarda, Clara, Brenda e Maria Eduarda); Equipe 3 (Luna, Raquel, Elisa, Beatriz, Levi, Matheus, Bryan, Manuela, Larissa e Willian). A Rillary não quiz participar de nenhuma equipe e quando fui questioná-la o porquê, ela não respondeu, mesmo diante de muita insistência, só dizia por que não queria, sem falar o motivo.

Em dado momento a Manuela saiu do grupo, mas as encorajei a voltarem. A Beatriz também saiu do grupo brava em dado momento, dizendo que só os meninos queriam escrever e não estava deixando as meninas. Nesse momento, percebi o motivo da possível saída da Manuela e da Larissa, que pode ter sido por este motivo também, já que não tinham me falado motivo. Outro ponto, é que mesmo o grupo sendo misto os meninos se colocavam a frente das meninas, excluindo-as do processo de construção dos cartazes. Isso também se refletiu nos grupos só de meninos e só de meninas, onde também ficou evidente o desinteresse das meninas em participar do grupo dos meninos. No entanto, todos os grupos escreveram algo sobre o que foi proposto: Identificar problemas que verificaram nas aulas anteriores e possíveis soluções com regras para serem seguidas.

Essa parte da confecção dos cartazes durou bastante tempo e durou as 2 aulas desse dia. Faltando 20 min para o término da aula, pedi para que todos e todas entregassem os cartazes e se sentassem ao centro para uma roda de conversa e verem o que tinham proposto. Como estava com dificuldade para iniciar o diálogo e conversar com eles elas ao mesmo tempo, pedi para uma aluna filmar para mim, todos e todas se prontificaram, mas escolhi a Luna, dizendo que ela sempre falou nas rodas de conversa, então iria começar com ela naquele dia e nas outras aulas escolheria outros alunos/as.

O grupo da Eduarda relatou que “não participar da aula” era um problema, mas não propuseram uma solução para tal. Sugeriram “sem brincadeira de violência”, “sem gritar para colaborar” e “sem xingamentos na quadra”. O que elas propuseram, realmente são fatos que acontecem, elas percebem isso, no entanto, não conseguiram propor algo para conter isso.

O grupo do Vitor, propuseram: sem cavalar, sem palavrões, sem brincadeiras e mão, sem humilhar, que as meninas pudessem fazer as atividades, fazer silêncio

durante a chamada e sem ficar andando dentro da sala de aula. Contudo, também não conseguiram propor como fazer isso de fato acontecer.

No grupo do Bryan, propuseram que: todos devem jogar, não fazer bagunça, conversar para chegar a um acordo e não brigarem à toa, que todos e todas devem participar e atividades atrativas, que todos/as gostem. Neste grupo era o qual tinha o maior número de alunos e alunas (grupo misto), e foram os que mais chegaram próximo do que foi proposto. Mesmo havendo uma intriga em certo momento, por conta do que descrevi com a Beatriz, acredito que a conversa entre eles e elas conseguiram propor soluções para alguns dos problemas que eles/elas observaram em aulas anteriores.

Durante a roda de conversa, no final, a intenção era ler todos os cartazes e fazerem refletir sobre cada problema apontado e criar possíveis regras, caso não tivessem chegado em alguma, mas só conseguimos conversar sobre o cartaz do grupo da Eduarda. Nesse momento, li o primeiro item do cartaz para eles/elas “não participar da aula” e questionei, isso é um problema ou solução? Alguns alunos e alunas falaram que se tratava de um problema, então questionei, o que vocês sugerem para que isso seja possível?

Vitor iniciou dizendo e citando a Luna como exemplo, o qual diz que ela não gosta de jogar futebol porque ela não sabe jogar, e sugeriu ensiná-la para que ela possa participar então escrevi isso no cartaz também. Quando li o próximo item do cartaz “sem brincadeira de violência”, o Vitor respondeu de pronto, que fosse resolvido na conversa, também escrevi este item e perguntei se alguém mais tinha alguma outra sugestão, assim como fiz no primeiro item. A Beatriz também pediu para falar e que fosse resolvido na conversa também. Em seguida, questionei se esta conversa estava funcionando no grupo deles, mas ela disse que os meninos não estavam dando ouvidos a elas. A Clara falou no para resolver na porrada e questionei por que ela achava que a porrada resolveria, mas ela só deu risada e não soube responder. Com isso, a Beatriz pediu para falar e disse que isso só iria promover ainda mais brigas e pancadarias.

A Luna estava gravando, mesmo assim quis falar também, sugeriu que teriam que conversar de uma maneira com que todos concordassem, então questionei como ela faria para que isso acontecesse, ela falou: que todos deveriam dar opiniões até todos/as concordassem com alguma das ideias expostas, nisso o Vitor concordou com

a Julia. Diante disso, continuei instigando-os a falar mais e se isso seria o suficiente para resolver os conflitos. Nisso o Vitor falou em outras palavras a mesma coisa, que todos dessem ideias até que uma fosse aceita por todos/as.

Nisso a Lorena começou a falar e expor algumas situações que levavam aos conflitos, segundo ela, quando um aluno mexeu com ela, ela retrucou mandando tomar naquele lugar. Com isso, intervi dizendo que os palavrões era outro item que colocaram no cartaz e questionei como resolveriam isso. Em seguida, a Beatriz deu um exemplo que aconteceu na aula, quando trombou com a Lorena sem querer na atividade e foi xingada por ela, e nisso acarretou discussão. Questionei novamente o que eles/elas sugeriam para resolver isso, a Beatriz falou de resolver na conversa também. O Vitor sugeriu que o mais sensato a ser feito seria reconhecer quando errou e se desculpar com o outro, e que assim ficaria resolvido na conversa. Diante dessa fala do Vitor perguntei se todos concordavam e se achavam que isso seria possível, de imediato a Beatriz disse que seria possível, a Luna também concordou, mas disse que isso não resolveria todos os problemas.

A Elisa também quiz falar e disse que uma coisa que ela particularmente não gostava e outras colegas também não, era ficarem de burburinhos, com isso uma começava a gritar e berrar e assim não dava mais para seguir com a conversa e concluiu dizendo que isso fazia com que ela se afastasse e perdesse a vontade de participar das atividades na maioria das vezes.

Chegamos ao final da aula e voltei para a sala com os alunos/as, sem conseguir analisar e conversar sobre todos os cartazes. No entanto, foi um dia muito produtivo e rendeu muita conversa e reflexões sobre problemas importantes que aconteciam nas aulas. As soluções propostas serão aplicadas e testadas nas próximas aulas para ver se serão úteis e válidas para conter os conflitos corriqueiros durante as aulas e as atividades.

DIÁRIO DE AULA 6 – 28.09.2023

Nesse dia compareceram 11 alunas e 12 alunos, totalizando 23 estudantes. Como sempre, faço a chamada em sala de aula e utilizado a didática visual, desenhando na lousa a atividade que iriamos vivenciar na quadra.

Já na quadra, enquanto estava no depósito pegando os materiais o aluno Matheus ficou provocando os alunos e alunas que estavam quietos em seu canto, saia de um e ia provocar outro/a. Teve um momento que o aluno Felipe quase agrediu o Matheus diante da insistência dele nas provocações, foi o momento que perguntei ao Felipe, que estava quase chorando, o que estava acontecendo e ele disse que o Matheus estava o provocando. Além dele, outros alunos e alunas também estavam reclamando do Matheus pelo mesmo motivo, provocações com palavrões e fazendo gestos obscenos para eles/elas.

Não consegui nem ter a atenção dos alunos e das alunas diante do caos que se formou. Além disso, nesse momento já tinha vários alunos sentados na arquibancada e quando questionei por que não iriam participar, comecei a passar mal com um ataque de taquicardia (batimentos acelerados do coração), foi o momento que me sentei um pouco e falei para os alunos e alunas que teríamos que voltar para a sala, mas não falei que estava me sentindo mal. Disse que iríamos voltar para a sala pois tinham muitos alunos e alunas que não iriam participar, então iria passar uma atividade teórica na sala de aula. Claramente os alunos e alunas não gostaram e ficaram insatisfeitos, mas foi o melhor que consegui fazer naquele momento que não estava me sentindo bem.

Já na sala de aula novamente, falei que queria que respondessem duas perguntas individualmente, que iria colocar na lousa, com o nome deles e data primeiramente. A primeira pergunta foi a mesma utilizada na aula da semana anterior, na confecção dos cartazes, pois queria ver a opinião individual de cada aluno e aluna.

Em dado momento a aluna Beatriz perguntou se ainda iríamos voltar para a quadra, mas respondi que naquele dia não, visto que este tempo restante da aula seria para responder as perguntas e, se sobrasse algum tempo, iria sortear aleatoriamente, algumas respostas para discutirmos, sem citar o nome do aluno ou aluna que respondeu aquilo.

As perguntas foram seguintes:

1- Cite um problema nas aulas de Educação Física e uma solução para ele.
2- O que te levaria a não participar das aulas de Educação Física?

Respostas dos alunos e alunas:

Willian

1- Alguém não querer brincar por não gostar de esportes.
2- Se o professor não deixar.

Propôs um problema na questão 1, mas não propôs uma solução. Na questão 2 ele disse algo que já tinha visto em algumas das aulas, visto que não deixei algum aluno ou aluna participar da aula por mau comportamento ou sem tênis.

Vitor

1- Muitas intrigas e a solução seria resolver na conversa.
2- Nunca pararia de fazer as aulas.

Vitor é o aluno mais habilidoso da turma, e tenho percebido que ele está tendo algumas atitudes para incluir mais as meninas nas atividades, como ter mais abertura para as meninas em seu time ou nas atividades propostas, mas ainda assim, algumas meninas se recusam a participar da sua equipe, como aconteceu na aula da semana anterior. Contudo, propôs uma maneira que seria pacífica, que seria a conversa para chegar a um consenso.

Pedro

1- Não gosta dos jogos propostos e acontece muitas brigas.
2- Não participaria da aula por conta das várias brigas que acontecem e pelo fato de estarem em alguma equipe que não o inclui de fato nas jogadas.

Não propôs nenhuma solução também.

Bryan

Resposta genérica para as duas perguntas: disse que é só ter brincadeiras que todos e todas gostem que participariam. Se alguém não quisesse participar era só deixá-la de fora.

Uma resposta preocupante, visto que, não está se importando com o/a colega.

Eric

1- Algumas pessoas ficam sentadas antes mesmo da aula iniciar.
2- Se ele estivesse com alguma dor ou não gostasse da brincadeira.

Todavia, também não propôs nenhuma possível solução.

Gustavo

1- Muitas brigas, às vezes a gente perde toda a aula por causa das várias brigas que ocorrem.
2- Por causa das discussões, como disse.

Contudo, não apresentou nenhuma solução também.

Miguel

1- A Lorena e o Matheus brigam demais. A solução seria conversar e se divertirem juntos.
2- Se não tiver lugar para ele no grupo e por não gostar de Handebol.

Helena

1- A aula é incrível.
2- Gosta da aula porque ela se distrai um pouco.

Não apontou problemas e nem soluções.

Júlio

1- Muitas brigas, pessoas xingando o outro e gente que fica de bobeira. Não apresentou soluções.
2- Alunos rasgando a roupa dele e falando mal da mãe e do pai dos outros.

O Júlio foi um dos alunos que o Matheus ficou provocando, essa resposta pode estar relacionada a isso, mas não apresentou nenhuma solução também.

Luna

1- Não insultar o colega seria uma solução para ela, mas não falou como resolver isso.
2- As brigas, barulho, e as vezes a brincadeira. Esta resposta dela faz sentindo, visto que ela tem traços de autismo (sem laudo) e quando ela sai de alguma atividade, realmente há algum barulho intenso durante a vivência dos alunos e alunas.

Felipe

1- Uma pessoa quer resolver na calma, mas a outra quer brigar e não conversar. Para ele a solução é se afastar dessa pessoa e chamar o professor para resolver.
2- Eu participo porque eu gosto, é muito legal, não tenho nada para falar.

Clara

1- Ficar empurrando os outros. Ela também foi uma das alunas que o Matheus ficou provocando.
2- Quando está com cólicas. Quando alguém fica machucando-a com beliscões e ficar fazendo brincadeiras com ela sem motivo.

Vitória

1- Não participarem da aula. Fazer brincadeiras que todas/as gostem.
2- Se estivesse passando mal ou algo do tipo.

Alessandro

1- Em branco.
2- Se tivesse com algum machucado ou passando mal.

Brenda

1- Brigas. Resolver na conversa.
2- Quando está com alguma dor.

Larissa

1- Brincar de algo que todos/as gostem.
2- É que eu não entendi a brincadeira e queria brincar de queimada.

Raquel

1- Brigas por nada nas aulas de educação física.
2- Em branco.

Levi

1- Ficar sentado no banco para melhorar, deixar sem Educação Física.
2- Não sei.

Eduarda

1- Brincar e depois resolver na conversa.
2- Quando fica empurrando as pessoas.

Elisa

1- As vezes uma amiga pode não se sentir bem. Levar a amiga ao médico ou não ir.
2- Eu posso me sentir mal, ´passar mal ou não querer mesmo.

Beatriz

1- Brigas. Resolver na conversa.
2- Ficarem com gracinhas.

Manuela

1- Uma brincadeira que todos gostem.
2- Se as brincadeiras forem chatas.

O Matheus não fez, pois não sabe ler nem escrever, mas fez um desenho e me entregou.

Não houve tempo para discutirmos sobre as respostas dos alunos e alunas.

DIÁRIO DE AULA 7 – 26.10.2023

Nesse dia vieram 11 meninas e 10 meninos, totalizando 21 alunos. Como em todas as aulas, início com a chamada na sala e faço uma explicação na lousa das atividades que vamos realizar na quadra e em seguida saímos.

Após a chamada falei para os alunos/as que inicialmente iríamos retomar a discussão sobre os cartazes que confeccionaram, já que dos 3 cartazes só conseguimos discutir sobre um deles, os outros não ouve tempo hábil para tal e depois faríamos o jogo de queimada ou pique bandeira, votado por eles e venceu a queimada.

Já na quadra, peguei os 2 cartazes e pedi para que se sentassem em círculo no centro da quadra para conversarmos. Perguntei se alguém poderia filmar para mim,

e como vários alunos/as pediram tive que escolher um, então pedi para Vitória filmar dessa vez e frisei que cada dia iria pedir para uma pessoa diferente, para dar essa possibilidade ao máximo de alunos/as possíveis.

Inicie a discussão com o cartaz feito pelo grupo misto, ou seja, meninos e meninas. Li o que eles tinham colocado como problemas e soluções, mas percebi que nesse cartaz tinha somente soluções. Sendo assim, diante das soluções que colocaram os questionei se era possível utilizá-las para alguns dos conflitos que, como de costume, surgiam durante as aulas. A primeira solução colocada pelo grupo no cartaz foi conversar para solucionar as intrigas que surgiam, então o Vitor início falando que mesmo que houvesse conversa, a outra pessoa ainda assim continuaria sentindo raiva dele, nesse instante a Luna interrompeu dizendo que se ele conversasse de maneira certa ninguém ficaria com raiva dele, segundo ela disse, é ele mesmo que faz com que as pessoas sintam raiva dele. Então questionei a Luna sobre como seria essa conversa certa e o que ele faz para as pessoas terem raiva dele, ela disse que ele fica mexendo e provocando os alunos/as e não tinha uma conversa de maneira saudável. Com isso, falei que para chegar num acordo a conversa precisa ser civilizada e sem provocações, se não a conversa não serviria de nada, então questionei mais uma vez se era possível ter uma conversa civilizada e sem provocações. A Luna novamente disse que seria possível se o Vitor, Matheus e Willian não ficassem com provocações.

Em seguida, questionei sobre outra solução que colocaram no cartaz, não brigar à toa, questionei se era possível isso, não brigar à toa? A Beatriz disse que seria possível se a pessoa chegar perto falar para ela “vazar daqui”, sendo assim, questionei se teria que ser assim ou teria outra forma de resolver? Então o Felipe disse para sair de perto e falar comigo, perguntei como eles resolveriam se eu não estivesse com eles? Felipe disse que sairiam na porrada, intervi mais uma vez questionando se isso iria resolver o problema e se pedi uma outra solução para não precisarem sair na porrada, a Beatriz tentou falar alguma coisa, mas se enrolou toda e não saiu nada. A Luna pediu para falar e prosseguiu dizendo que seria possível se a pessoa reconhecesse que errou e pedisse desculpa e conversar para não acontecer novamente e todos/as concordaram que isso seria possível. O Júlio disse que para evitar uma briga à toa ele sairia de perto da pessoa.

Outra solução que colocaram no cartaz foi que todos/as devem participar das atividades, sendo assim, questionei como deve ser a aula para que todos/as participassem? Júlio disse para tentar entrar num acordo, já a Luna disse que no caso dela, ela gosta de atividades iguais as da aula anterior, nesse caso, foi as gincanas do dia das crianças. Então perguntei para ela por que ela gostava desse tipo de brincadeira e das outras não, ela disse que não gostava porque não conseguia jogar por não saber como jogar, ainda disse que se aprendesse a jogar talvez seria possível participar. A Luna continuou falando que se todos fossem justos seria possível que mais pessoas participassem, com isso, questionei como poderia ser mais justo no ponto de vista dela? A Beatriz pediu para falar e disse que quando eu for explicar as atividades que todos deveriam calar a boca, porque se eles não ouvissem a explicação não saberiam jogar, então salientei que os cartazes seriam para isso, para que todos obedecessem às regras e combinados.

Com isso, peguei o terceiro e último cartaz para discutirmos. Ao ler o cartaz para os/as alunos/as vi que tudo que o grupo tinha colocado nele, já tinha nos outros cartazes e já havíamos discutido também. Só frisei que em todos os cartazes a conversa para resolver os conflitos apareceu em todos e que isso deveria acontecer no dia a dia nas aulas, para que chegássemos ao final do ano de maneira satisfatória para todos/as.

Ao finalizarmos a discussão dos cartazes, pedi que eles/elas mesmo organizassem o time para o jogo de queimada. Como de costume em momentos como esse, vários alunos/as me pediram para que eles escolhessem os times, falei como eles fariam se eu não estivesse lá. Como percebi que não chegaram num acordo, perguntei se todos já havia escolhido ao menos uma vez e todos disseram que sim, sendo assim, perguntei a eles como faríamos para escolher alguém se todos/as já tinham escolhido, com isso, o Bryan propôs de começar novamente repetindo quem já havia escolhido. Com isso, a Eduarda propôs de escolher um menino e uma menina para escolher dessa vez, e assim fizemos, mas como não ouve um consenso entre eles para escolherem os times, tive que intervir nesse momento e selecionar um aluno e uma aluna para escolherem. Sendo assim, ficou a Raquel e o Alessandro para escolherem cada time. Pedi então para proporem como fariam para ver quem iniciaria escolhendo os participantes de sua equipe e decidiram no par ou ímpar. Sendo assim, a Raquel ganhou e iniciou escolhendo.

Dando início as escolhas, percebi que eles iniciaram escolhendo as meninas antes dos meninos, sem que eu pedisse que fosse assim, e como isso já vinha acontecendo em algumas aulas anteriores também, acredito que tenha se tornado algo natural para os/as alunos/as, o qual vejo como um ponto positivo, para favorecer a inclusão e participação das meninas nas atividades.

Assim que começaram a escolher, percebi que a Lorena estava sentada do outro lado da arquibancada, isolada e de cara fechada (algo anormal para ela), pedi que parassem de escolher um instante para ver o que estava acontecendo com ela. Fui até ela perguntei se ela estava doente ou o que tinha acontecido, ela falou que não estava doente e estava daquele jeito porque algumas meninas falaram que não eram mais amigas dela (Eduarda, Rillary, Elisa e a Beatriz), por conta de um desentendimento que tiveram no dia anterior. Segundo a Rillary, falou que a Eduarda fez uma brincadeira dizendo que não era amiga da Lorena, e ela não entendeu a brincadeira e começou todo o conflito.

Diante disso, voltei para os alunos/as e falei: “olha pessoal temos um caso aqui que discutimos hoje, em que todos devem participar e vocês deram as soluções, temos que usar agora, vocês disseram que resolveriam na conversa, então temos que seguir o que foi combinado, só vamos retomar a escolha dos times depois que resolvermos isso, para a Lorena participar também”. Neste momento, a Eduarda falou, está bom professor eu desculpo a Lorena e foi até ela e deu um abraço, com essa iniciativa da Eduarda, a Rillary, Elisa e a Beatriz também fizeram o mesmo, se desculparam com a Lorena e deram um abraço nela. Nesse momento a Lorena se sentiu acolhida pelas amigas novamente e voltou junto aos demais colegas para retomarem a escolha dos times.

Confesso que fiquei muito surpreso e admirado com o “poder” dos cartazes e a rapidez com que o problema foi resolvido, algo que estava subestimando até aquele presente momento, mas agora, diante desse resultado surpreendente para mim, vou começar a adotar em outras turmas.

Após terem escolhidos os times, tiraram par ou ímpar, para ver quem começaria com a bola, numa iniciativa deles próprios e demos início ao jogo.

Outro ponto positivo que percebi durante o jogo, foi que eles próprios, em ambas as equipes, estavam passando a bola para quem ainda não havia jogado dentro de suas equipes, algo que era muito difícil de conseguir em outras partidas de

queimada que já havia realizado com eles/elas. Em várias ocasiões eu tinha que parar o jogo, e falar para passarem a bola aos demais colegas que não tinham arremessado a bola ainda, mas nessa foi algo comum e sem esforço algum.

Nessa atividade de queimada, só teve um momento negativo, o qual o Vitor foi queimado e não aceitou, insistindo muito que não tinha sido queimado, mas eu tinha visto que ele tinha sido queimado e, além disso, todas as vezes que eles jogam queimada ele fala que não foi queimado. Ele ficou tão revoltado que decidiu sair do jogo e foi se sentar na arquibancada. Nesse momento disse a ele que se fosse ficar sentado não iria voltar mais, iria ficar até o final da aula sentado, até mesmo porque faltava poucos minutos para acabar o tempo da aula.

Faltando cinco minutos para o final da aula, pedi a bolinha e chamei rapidinho para centro e que ficassem em círculo e em pé mesmo, e falei dos pontos positivos que havia percebido no jogo e de como o cartaz havia nos ajudado a resolver os conflitos naquela aula e retornamos para sala de aula.

Apesar de a queimada ser um jogo Psicomotriz, ainda assim vejo um certo avanço, ainda que mínimo, já que, anteriormente, mesmo nos jogos Psicomotrizes havia muitos conflitos e intrigas.

Um fato interessante aconteceu no dia seguinte com uma turma do 3º ano C. Nesse dia eu estava com uma gripe muito forte e com a garganta inflamada, estava com dificuldade até de falar com os alunos/as, visto também que era a última aula do dia para mim, das 14h10min às 15h, então comuniquei aos alunos que iria deixá-los livres na quadra naquele dia, devido meu estado de saúde atual, e que poderiam fazer um timinho se quisessem jogar futsal e havia mais bolas entre outros materiais para quem não quisesse participar do timinho. Nesse momento, uma aluna dessa turminha, falou que os meninos não a deixavam participar porque falavam que o futebol não era coisa de menina. Nesse mesmo momento, pensei em intervir numa roda de conversa, mas como mal conseguia falar, deixei para levantar este assunto no próximo dia de aula com eles/elas, que seria já na próxima segunda-feira.

Momentos como este que talvez passariam despercebidos em minhas aulas, antes da minha intervenção da pesquisa do mestrado, agora tenho um

olhar mais crítico, e consigo perceber a importância de utilizar estes comentários para reconstruir certos pensamentos dos alunos/as em determinados momentos excludentes como este que presenciei.

DIÁRIO DE AULA 8 – 09.11.2023

Nesse dia vieram 13 meninas e 11 meninos, totalizando 24 alunos/as. Como de costume entro na sala de aula, faço a chamada e expliquei a atividade que iriamos realizar no dia. Falei que iriamos repetir uma atividade que tínhamos feito no início do semestre, o Pique Bandeira, e que iria explicar brevemente como funcionava, já que, da primeira vez muitos/as falaram que já conhecia, mas na prática fizeram tudo errado e a atividade não tinha sido bem-sucedida devido a diversos conflitos que ocorreram naquela situação.

Já na quadra, pedi para eles/elas próprios/as organizassem os times, como se eu não tivesse ali. Citei um exemplo: se fosse na rua da casa de vocês e eu não estivesse lá, como vocês fariam para escolher os times e organizar tudo? Mas como sempre ocorre também, muitos alunos e alunas me pedindo para escolher os times. Tinha falado na sala que daria 4 times de 6 participantes em cada equipe e eles deveriam decidir quem iria escolher os times. Nesse momento, o Levi falou que estava sendo injusto sempre somente as meninas escolherem os times, e que os meninos também deveriam ter oportunidade, já que todos e todas já tinham escolhido os times ao menos uma vez. A Luna contestou dizendo que sempre as meninas escolhem e seria injusto os meninos escolherem dessa vez, a Beatriz também afirmou o que a Luna disse, no entanto, intervi perguntando se naquele caso quem estaria sendo injustiçado eram os meninos ou as meninas? Nesse momento ninguém se pronunciou, então falei que estávamos em um empasse e perguntei para eles/elas como que eles iriam resolver isso, disse que não iria opinar e que eles/elas que teriam que dar as soluções. Com isso, o Pedro propôs escolher 2 meninos e 2 meninas para escolherem, então perguntei se todos/as estavam de acordo ou alguém tinha outra sugestão. Com isso, todos concordaram, daí faltou escolher quem iria escolher os times, falei novamente que eles/elas que teriam que decidir dessa vez, como não ouve nenhum consenso, eu mesmo tive que escolher. Pedi para o Gustavo e Pedro escolhessem dos meninos e a Manuela e a Luna escolhessem das meninas.

Seguindo adiante, perguntei como fariam para iniciar as escolhas, novamente os meninos pediram para começar com eles novamente e as meninas pedindo para continuar com elas sendo as primeiras a serem escolhidas. Como também não ouve consenso, propus que fizessem uma votação erguendo a mão para quem queria que as meninas fossem as primeiras a serem escolhidas e para os meninos. Contudo, as 13 meninas ergueram a mão para elas e os 11 meninos para eles, ninguém contestou, mas frisei que estávamos numa sociedade democrática, onde a decisão da maioria deveria ser respeitada e comprida, e assim foi feito. Então a escolha começou na sequência que estavam dispostos na linha da quadra, da seguinte ordem: Gustavo, Luna, Pedro e Manuela.

Após escolhida as equipes, 3 equipes ficaram com coletes: azuis, vermelhos e amarelos e uma equipe sem colete.

Como já havia combinado com eles/elas na sala de aula, cada duas equipes iriam jogar na metade da quadra de futsal, duas de um lado e duas do outro. Sendo assim, coloquei vários cones para dividir a quadra, para que não houvesse invasão e orientá-los melhor. Coloquei dois cones no meio da quadra para dividir as duas equipes também e falei que o porto seguro das equipes adversárias seria a linha lateral do futsal onde ficaria um colete que seria a bandeira e que após aquela linha não poderiam ser pegos e nem invadida pelo adversário.

A equipe de colete amarelo jogou contra a equipe de colete vermelho e a equipe de colete azul contra a equipe sem colete, de início.

Dessa vez a atividade ocorreu bem e sem muitos conflitos. Teve um momento que a Rillary e a Luna, que estavam na equipe de colete azul saíram do jogo, porque falaram que o Júlio da equipe sem colete estava partindo pra cima delas, sem motivos, simplesmente porque a equipe da Rillary e da Luna estavam ganhando da equipe dele. Com isso, chamei todos/as dessas equipes e relembrei que eles mesmos tinham combinado de resolver estas intrigas na conversa e que para continuarem o jogo, teriam que cumprir, caso contrário teríamos que rever os cartazes para combinarmos outras regras para resolver este tipo de intrigas. Nesse momento, a Beatriz que estava no time sem colete, falou que não iria precisar e que iriam resolver na conversa, como tinham combinado, sendo assim, ela chamou a atenção dos colegas da sua equipe e da equipe adversária para irem conversar com a Rillary e Luna, para que voltassem ao jogo. Para meu espanto e alegria, deu certo e voltaram rápido para atividade.

Estou maravilhado com o “poder” dos cartazes e confesso, mais uma vez, que não acreditava que isso iria resolver os problemas que estava tendo com esta turma, mas me enganei e, com toda certeza, irei replicar para todas as minhas turmas nos próximos anos, enquanto estiver lecionando. Além disso, irei repassar esta estratégia dos cartazes para outros professores também, assim como foi repassado para mim. Acredito que este tipo de estratégia, quando dá certo, precisa ser repassado mesmo, para alcançar o maior número de pessoas possíveis.

Nas equipes de coletes amarelo e vermelho, teve um momento de desentendimento entre a Brenda de colete amarelo e a Lorena de colete vermelho, uma discussão por conta de empurrão que a Lorena teria dado na Brenda ao tentar pegá-la. Intervi também falando o mesmo que tinha dito para as outras equipes, que se não fosse resolvido na conversa, teríamos que rever o que tinham colocado nos cartazes. Neste instante ambas as equipes se mobilizaram rapidamente para resolver este conflito e continuarem a atividade. Mais uma vez uma se desculpou com a outra e continuaram a atividade rapidamente. Vale exaltar mais uma vez, o quanto os cartazes estão sendo importante na resolução dos problemas que costumava ter durante as aulas. O que antes demorava um tempo grande para acalmar os ânimos dos alunos e alunas nessas intrigas, após os cartazes está sendo resolvido muito rápido.

Faltando 10 minutos para acabar aula, pedi para reunirmos rapidamente no centro da quadra. Perguntei se alguém queria comentar sobre algo do jogo, então a Beatriz pediu para falar, disse que teve alguns conflitos, mas que conseguiram resolver na conversa.

O Felipe também pediu para falar e disse que, ao menos um dia, os meninos poderiam ser escolhidos por primeiro, nesse momento, falei novamente que a escolha foi feita de maneira democrática e que a decisão da maioria deveria ser respeitada, sem contestação. Até mesmo pelo momento político que nosso país está passando neste momento, em relação à política, mas frisei isso a eles sem fazer essa comparação e sem citar a política, pois acredito que devem crescer com esta informação sobre democracia.

Vitor também pediu para falar, disse que perderam um tempão da aula por conta do desentendimento da Brenda com a Lorena, sendo que isso poderia ter sido resolvido rápido com conversa. Então perguntei novamente, mas resolveu com

conversa? Vitor então afirmou que sim, mas tiveram que falar um monte de coisas para a Lorena, mas ficou resolvido com conversa. A Rillary também pediu para falar e só esclareceu o que tinha acontecido quando ela saiu da atividade, como já citei acima.

Como não teve tempo hábil para continuarmos a discussão, então finalizei reforçando para os alunos e alunas que o cartaz que eles próprios criaram era para ser respeitado, caso isso não acontecesse, teríamos que revê-lo e criar alternativas, mas como até aquele momento estava sendo eficaz, reforcei que continuaríamos utilizando os devidos cartazes com as regras que sugeriram neles, ou seja, conversa para resolver as intrigas, conflitos e evasão da aula.

DIÁRIO DE AULA 9 – 16.11.2023

Nesse dia vieram 10 meninas e 12 meninos, totalizando 22 alunos. Assim como faço todas as aulas, fiz a chamada na sala de aula, expliquei a atividade (Futebol Generificado), falei que ficariam 2 times com 6 meninos para cada equipe jogando na linha e 5 meninas para cada equipe que ficariam revezando no gol (2 goleiras a cada 2 minutos) e fomos para a quadra.

Já na quadra, pedi para que os alunos se organizassem para escolher os times e que eles próprios deveriam decidir quem iria escolher, visto que, todos já tinham escolhido ao menos uma vez, disse que poderia repetir.

De início o Felipe queria que os meninos escolhessem dessa vez, já o Vitor queria que as meninas escolhessem os times, nesse momento intervi falando que havia um impasse naquele momento e que como eles fariam para resolver, foi quando o Bryan sugeriu fazer uma votação para ver quem iria escolher os meninos ou as meninas, como todos/as concordaram fizemos assim. Os meninos foram a maioria, mas surgiu outro impasse, quem seria os primeiros a serem escolhidos as meninas ou os meninos também. Nisso o Vitor sugeriu fazer outra votação, assim iniciamos escolhendo os meninos também.

Num consenso entre eles próprios, Pedro e Júlio foram os indicados para escolherem os times. Um time ficou com colete e outro sem.

Novamente expliquei rapidamente, as áreas das goleiras e o campo de jogo dos meninos e iniciamos. O jogo ocorreu tranquilamente, apesar de os mais

habilidosos sempre manterem a posse da bola. Em certo momento o Vitor esbravejou a com a Beatriz, goleira do seu time, pois ela derrubou 2 garrafas pets, pois expliquei no início que se derrubassem sem querer alguma, contaria ponto para a outra equipe também. Pedi para parar de reclamar, pois isso poderia acontecer com o outro time também, e realmente aconteceu com a outra equipe em dado momento da partida. Todas as meninas não gostaram de revezar enquanto os meninos jogavam direto e reclamaram várias vezes durante a partida, contudo, falei que era regra do jogo e que deveriam respeitar.

Ambas as equipes marcaram pontos derrubando os pinos com a bola e com as goleiras derrubando sem querer também, dando ponto para a equipe adversária. Contudo o jogo acabou 9 a 5 para a equipe de colete.

Faltando 15 minutos para acabar a aula apitei o final do jogo e os chamei para a roda de conversa no centro da quadra e pedi para a Lorena filmar dessa vez.

De início disse para levantar a mão quem quisesse falar e perguntei o que eles acharam do jogo, Felipe ergueu a mão é disse que foi divertido. A Elisa pediu para falar também, algo que achei muito bom, visto que ela nunca falava nada, disse que elas só ficaram lá esperando enquanto todos os outros se divertiam e não achou isso justo. Perguntei se eles acharam o jogo justo, com isso Vitória disse que quando elas foram para a linha não jogaram quase nada. A Eduarda também reclamou de terem que ficar esperando. Como eles não estavam falando de pontos como as injustiças do jogo, perguntei o que eles acharam dos pontos dos meninos valer um e das meninas valeu só meio, com isso, o Felipe disse que achou justo, mas o Vitor pediu para falar e disse que deveria ser pontuação igual para as meninas também, caso contrário iriam entrar em discórdia e causando briga. A Beatriz pediu para falar e disse que não achou certo quando o Felipe disse que foi justo, pois disse que não estava certo as meninas marcarem meio ponto só por serem meninas, era injusto, a pontuação deveria ser igual para todos/as, sendo um ponto para todos/as ou meio para todos/as também. Felipe pediu para falar novamente e disse que deveria valer o mesmo ponto só para aquelas meninas que gostam de futebol, pois disse que algumas não estavam se interessando pelo jogo. Nesse ponto está descontextualizado, já que as meninas estavam sim interessadas pelo jogo, mas estavam reclamando só da pouca participação em todas as etapas do jogo.

Ainda sem tocar nos pontos principais do jogo, perguntei o que as meninas acharam de ter que ajudar na linha e ainda voltar para defender. A Eduarda iniciou dizendo que foi injusto. Beatriz pediu para falar e disse que além de defenderem os pinos ainda tinham que ficar atentas para não os derrubar com os pés, como ouve algumas vezes durante a partida.

Ainda fui tentando provocá-los com outras situações e perguntei sobre acontecimentos durante o jogo que poderíamos comparar com a vida cotidiana dos pais deles ou deles próprios fora da escola. O Vitor pediu para falar novamente e disse desigualdade, perguntei em que sentido, ele disse: “tipo, como lá em casa, se tiver um bife para os homens e meio para as mulheres é uma desigualdade e isso não é certo”.

A Lorena também quis falar e disse que não dava tempo de ficar saindo para o jogo na linha e voltar para defender.

O Vitor pediu para falar novamente e relacionou o fato das meninas terem que ir para a linha e voltarem para defender com as tarefas das mulheres em casa, a qual elas têm que cuidar da casa e podem chegar atrasadas no emprego, com isso, teriam um desconto no salário e quando voltam para casa as vezes não dá tempo de realizar algum serviço doméstico. A Lorena complementou dizendo que isso também era injusto, pois isso os homens na casa também devem ajudar e não deixar tudo só para as mulheres. Com isso, perguntei para eles em qual parte do jogo eles poderiam relacionar com as falas da Lorena, ela própria pediu para falar, e falou que quando elas foram para a linha, os meninos não passavam a bola para elas, e daí não adiantava de nada elas serem obrigadas a saírem da área para ajudar na linha.

Como não ouve mais alunos/as querendo falar, então falei de outros aspectos e injustiças que estavam envolvidos no jogo e relacionei com o dia a dia fora da escola, para eles tentarem entender a importância do jogo e como aquilo tinha a ver com muitos acontecimentos fora da escola.

Achei interessante alguns alunos, Vitor e Lorena, citarem a questão da alimentação na casa, a qual uns tem direito a mais mistura do que outros dentro da casa deles, no entanto, não relacionaram com o jogo, mas expõe a carência alimentar e alimentação precária em suas casas, o que também reflete a condição financeira deles.

O jogo em si não percebi alguma dificuldade, mas sim na roda de conversa, a qual não conseguiram relacionar com fatos do dia a dia fora da escola. Contudo, em

outro quinto ano, tinha realizado esta mesma atividade com eles alguns dias antes e, mesmo composta por alunos mais atrasados na aprendizagem, um dos alunos, o mais hiperativo e bagunceiro da turma, conseguiu visualizar a maioria dos aspectos envolvidos na atividade, relacionando-os com fatos do dia a dia fora da escola. Isso me chamou muita atenção e fiquei surpreso com este fato. Além dele, outros alunos e alunas da sua turma, também citaram aspectos do dia a dia deles relacionando com o jogo.

Este fato de o quinto ano mais atrasado terem conseguido relacionar o Futebol Generificado com acontecimentos do dia a dia deles, coisa que a turma do quinto ano envolvido na pesquisa, deixou-me intrigado e não consigo achar possíveis respostas para saber como isso foi possível. Contudo, isso me serviu como um aprendizado, o de não subestimar os alunos/as, pois eles nos surpreendem com acontecimentos como esse que citei.

DIÁRIO DE AULA EXTRA – 05.10.2023

Nesse dia não houve atividade específica para a pesquisa em si, teve somente gincanas para os alunos, visto que na semana seguinte seria feriado neste mesmo dia, mas percebi alguns pontos interessantes durante as atividades que achei bom registrar.

Durante as gincanas não houve nenhum conflito, como é de costume durante todas as demais aulas que teve nesse semestre. Conversando com a minha orientadora, ela me fez enxergar que os conflitos são “normais” nas atividades sociomotriz de cooperação e oposição, como não houve esta oposição, foi classificada como psicomotriz, o qual explica esta ausência de conflitos.

Outro caso que acho interessante registrar ocorreu com outra turma do terceiro ano. Eu estava fazendo uma gincana com eles na quadra, quando chegou uma turma do primeiro ano para participar da gincana também, neste momento alguns alunos do terceiro ano ficaram insatisfeitos, com a presença deles, dizendo que não queriam que eles participassem com eles pois eram menores, mais jovens. Ficou evidente para mim, nessa ocasião, a manifestação do marcador idade, visto que ocorre o mesmo em diversos esportes e jogos, separando por idades em diversas situações. Contudo, utilizei este momento e intervi questionando os alunos do terceiro ano o porquê desse

posicionamento de exclusão deles e se eles achavam correto não deixar os alunos do primeiro ano não participarem, se eles não mereciam participar e se não gostavam das atividades também, nesse momento não houve nenhum comentário, o qual vi como uma concordância deles. Com isso, ainda disse que não haveria prejuízo a nenhuma das equipes, já que, eu iria dividir os alunos do primeiro ano entre ambas as equipes. Percebi que não podemos deixar momentos assim passar sem nenhuma intervenção, quaisquer que sejam os professores, pois são esses momentos que devemos utilizar para ressignificar certas atitudes e valores nos alunos. Acredito que não alcançaremos todos com essas reflexões, mas se “plantou uma semente” neles, já vejo como um bom início.

Com a pesquisa que venho desenvolvendo, estou percebendo o quão rico está sendo esta experiência para minha na minha prática profissional, pois as experiências e estratégias que utilizo com a turma da pesquisa, utilizo em outras turmas também, já que estou tendo oportunidade pensar atividades para ressignificar atitudes e valores nos alunos e isso se manifesta em todas a demais turmas que leciono.

Reconheço ainda que era um desafio para mim, antes da pesquisa, conduzir uma roda de conversa com alunos para que eles refletissem sobre determinados assuntos e com isso ressignificar outros valores neles, mas hoje, apesar de ainda ver que é um processo de reconstrução de minha prática pedagógica que vai evoluindo, percebo que já melhorei muito desde o início da pesquisa, refletindo e comparando com momentos anteriores.

Outro ponto que acho interessante registrar aqui é o fato de uma menina do terceiro ano (Sara), todas as semanas comparecer na escola com algum certo hematoma pelo corpo, apesar de ela se recusar a mostrar para mim e a professora da sala, alguns são visíveis nos braços e até mesmo no rosto. Sinais que são claros de espancamentos que sofre na casa ou pela mãe ou pelo padrasto. Além disso, é sabido pelos professores e comunidade escolar que eles são usuários de drogas. Durante esta mesma semana ela mostrou os sinais que tinha pelo corpo para a professora da sala e diante da gravidade dos ferimentos a própria professora denunciou a polícia. Com isso, a Sara e suas duas irmãs, uma bebê e outra na faixa dos 10 anos, foram recolhidas para o Abrigo da cidade. Já a mãe delas e o padrasto aguardam a investigação em liberdade. Este fato é apenas um caso, dentre outros semelhantes,

que retrata o dia a dia de alunos que são atendidos pela unidade escolar que leciono e serve para entendermos melhor o contesto social desses alunos.

APÊNDICE E
RODAS DE CONVERSA

RODA DE CONVERSA 1 – 31.08.2023

TEMA: Problemas enfrentados durante as atividades práticas

Professor: Quero ouvir vocês, pediu aos alunos e alunas. Quem quer falar algo sobre a atividade?

Luna: Toda hora tinha que parar o jogo por causa das brigas nos dois times (sempre sincera).

Alguns acusaram Lorena.

Professor: Por que ela?

Vitor: Ela fica sempre fazendo "graça".

Professor: Que "graça"?

Vitor: Ficou calado.

Eduarda: Todas as aulas têm briga quando você chega e passa as atividades. Os alunos não sabem brincar direito ou alguém faz coisa errada sem motivo.

Lorena: Reconheço que faço "graça", mas só porque a Rillary fez primeiro.

Luna: O outro time ficou mais forte, a divisão foi injusta.

Professor: Precisamos pensar em alternativas para resolver isso.

Júlio: Combinei com a Lorena de defender, mas ela parou no meio do jogo. Fiquei sobrecarregado e isso causou conflitos na equipe.

Devido ao tempo, encerrei a roda de conversa e voltamos à sala. Ao chegar, vi o Matheus mostrando o dedo do meio para Helena.

Professor: O que aconteceu Helena?

Helena: Ela ficou quieta.

Matheus: Disse que ela tinha começado.

Lorena e Rillary começaram a discutir na sala.

Professor: O que está acontecendo Rillary?

Rillary: Não quis falar.

A professora chegou e avisei que iria conversar com Rillary e Helena fora da sala. No pátio, sentei-me com elas.

Professor: Por que essas intrigas?

Helena: Matheus sempre começa. Estou quieta e ele mostra o dedo do meio para todos, não só para mim.

Rillary: Lorena me ameaça na rua, fora da escola. A professora chamou a mãe dela, mas ela nega as ameaças e nada se resolve.

Obs: Acredito que Rillary ficasse quieta por medo.

RODA DE CONVERSA 2 – 14.09.2023

TEMA: Conflitos e interferências extraescolares

Professor: Pessoal, vamos todos e todas para o centro da quadra novamente para conversarmos.

Professor: Quem quiser falar algo, levante a mão.

Lorena: Eu! O Matheus não toca a bola. Quando a bola está com o time dele, ele quer tomar a bola e seguir em direção ao gol, ignorando todos e todas.

Beatriz: É verdade! Ele faz isso o tempo todo e é muito irritante!

Matheus: Não é verdade! Vocês não sabem jogar direito!

(Um bate-boca começa entre Matheus, Beatriz e Lorena)

Professor: Calma, pessoal! Não temos muito tempo, então vamos retornar para a sala de aula.

(De volta à sala de aula.)

Professor: Como a professora da turma ainda não chegou, a inspetora vai ficar com vocês. Matheus, venha conversar comigo no pátio.

(Sentam-se em um banco no pátio.)

Professor: Matheus, com quem você mora?

Matheus: Moro na casa da minha tia, com meu irmão e minha mãe. Ela se separou do meu pai, que ainda está preso.

Professor: Entendi. E por que você xinga e fala palavrões para seus colegas?

Matheus: Não sei, só fico com raiva.

Professor: Ao invés de xingar, você não acha que seria mais fácil conversar para se entenderem?

(Matheus sinaliza com a cabeça que sim.)

Professor: Sempre que alguém falar algo que você não gostar, me avise. Vamos tentar conversar para resolver e evitar conflitos, ok?

Matheus: Ok.

RODA DE CONVERSA 3 – 21.09.2023

TEMA: Visão dos alunos e alunas sobre os problemas nas aulas e a opinião deles/as para solucioná-los

Professor: Vamos entregar os cartazes e nos sentarmos no centro para uma roda de conversa e ver o que vocês propuseram.

Todos entregam os cartazes e se reúnem ao centro.

Professor: Estou com dificuldade para iniciar o diálogo e conversar com todos ao mesmo tempo. Alguém poderia filmar para mim?

Vários alunos se prontificam.

Professor: Escolho a Luna. Luna, você sempre fala nas rodas de conversa, então vai começar hoje, e nas próximas aulas escolherei outros alunos.

Luna: Ok, eu posso filmar e falar.

Professor: Ótimo. Vamos começar com o grupo da Eduarda. Eduarda, o que vocês relataram?

Eduarda: Nós achamos que não participar da aula é um problema, mas não propusemos uma solução. Também sugerimos sem brincadeira de violência, sem gritar para colaborar e sem xingamentos na quadra.

Professor: Certo, vamos discutir isso. Vitor, você poderia começar?

Vitor: Acho que é um problema. Por exemplo, Luna não gosta de jogar futebol porque não sabe jogar. Poderíamos ensiná-la para que ela possa participar.

Professor: Ótima sugestão. Vamos escrever isso. E sobre sem brincadeiras de violência?

Vitor: Resolver na conversa.

Professor: Alguém mais tem outra sugestão?

Beatriz: Resolver na conversa também, mas os meninos não estão dando ouvidos a nós.

Clara: Resolver na porrada.

Professor: Clara, por que você acha que a porrada resolveria?

Clara: (Rindo) Não sei.

Beatriz: Isso só iria promover mais brigas.

Professor: Luna, você está gravando, mas quer falar também?

Luna: Sim. Acho que devemos conversar de uma maneira que todos concordem.

Professor: Como você faria isso?

Luna: Todos deveriam dar opiniões até que todos concordassem com uma ideia.

Vitor: Concordo com a Luna.

Professor: Isso resolveria os conflitos?

Vitor: Sim, todos dão ideias até que uma seja aceita por todos.

Lorena: Quando um aluno mexe comigo, eu mando tomar naquele lugar.

Professor: Palavrões é outro item no cartaz. Como resolver isso?

Beatriz: Eu fui xingada por Lorena quando trombamos sem querer na atividade, e isso gerou uma discussão.

Professor: O que sugerem para resolver isso?

Beatriz: Resolver na conversa.

Vitor: O mais sensato seria reconhecer quando errou e se desculpar.

Professor: Todos concordam?

Beatriz: Sim, seria possível.

Luna: Concordo, mas isso não resolveria todos os problemas.

Elisa: Não gosto de burburinhos. Isso faz com que eu me afaste e perca a vontade de participar das atividades.

Professor: Chegamos ao final da aula.

Obs: Voltamos para a sala sem analisar todos os cartazes, mas foi um dia produtivo. Vamos aplicar e testar as soluções nas próximas aulas para ver se serão úteis e válidas.

RODA DE CONVERSA 4 - 26.10.2023

TEMA: Reflexões acerca dos cartazes

Professor: Como no dia que vocês fizeram os cartazes, não teve tempo para discutirmos sobre todos, vamos fazer isso hoje. Depois a gente faz uma atividade prática.

Vamos ver o que vocês escreveram e discutiremos sobre as sugestões de vocês.

Professor: Nesse cartaz só tem as soluções, vamos analisá-las então para ver se é possível utilizá-las. A primeira solução que colocaram aqui foi conversar para solucionar as intrigas.

Vitor: Mesmo que haja conversa, a outra pessoa ainda assim continua sentindo raiva.

Luna: Interrompeu dizendo que se ele conversasse de maneira certa ninguém ficaria com raiva dele, ele mesmo que faz com que as pessoas sintam raiva dele.

Professor: Como seria essa conversa certa e o que ele faz para as pessoas terem raiva dele?

Luna: Ele fica mexendo e provocando os/as alunos/as e não tem uma conversa de maneira amigável.

Professor: Para chegar num acordo a conversa precisa ser civilizada e sem provocações, se não a conversa não serve de nada. É possível ter uma conversa civilizada e sem provocações?

Luna: Seria possível se o Vitor, o Matheus e o Willian não ficassem com provocações.

Professor: Vamos para outra solução que colocaram aqui, não brigar à toa, é possível isso?

Beatriz: Seria possível se a pessoa chegar perto e falar para ela “vazar daqui”.

Professor: Tem que ser assim ou teria outra forma de resolver?

Felipe: Sair de perto e falar com o professor.

Professor: Como vocês resolveriam isso se eu não estivesse aqui?

Felipe: Siaríamos na porrada.

Professor: Isso iria resolver o problema, não teriam outra solução para não precisarem sair na porrada?

Luna: Seria possível se a pessoa reconhecesse que errou, pedisse desculpa e conversar para não acontecer novamente. Todos/as concordaram que isso seria possível.

Júlio: Para evitar uma briga à toa eu sairia de perto da pessoa.

Professor: Outra solução que colocaram no cartaz foi que todos/as devem participar das atividades. Como deve ser a aula para que todos/as participem?

Júlio: Tentar entrar num acordo.

Luna: Eu gosto de atividades iguais as da aula anterior (gincanas do Dia das Crianças).

Professor: Por que você gosta dessas brincadeiras e das outras não?

Luna: Não sei jogar, não consigo. Se todos fossem justos seria possível que mais pessoas participassem.

Professor: Como pode ser mais justo no ponto de vocês?

Beatriz: Quando o professor for explicar as atividades todos devem calar a boca, porque se eles não ouvirem a explicação, não saberão jogar.

Professor: Mas os cartazes são para isso, para que todos obedeçam às regras e combinados. Vamos para o próximo cartaz.

Professor: Tudo que está nesse cartaz, já foi colocado nos outros também e já discutimos, então não haverá a necessidade de falarmos tudo novamente. Só frisar um ponto, em todos os cartazes apareceu a conversa para resolver os conflitos, isso deve acontecer no dia a dia nas aulas, para que chegarmos ao final do ano de maneira satisfatória para todos/as.

Professor: Vamos para a atividade prática!

RODA DE CONVERSA 5 – 09.11.2023

TEMA: Reflexão sobre a eficácia dos cartazes

Professor: Vamos nos reunir rapidamente no centro da quadra. Alguém quer comentar algo sobre o jogo?

Beatriz: Eu gostaria de falar. Houve alguns conflitos, mas conseguimos resolver na conversa.

Felipe: Posso falar também? Acho que, pelo menos um dia, os meninos poderiam ser escolhidos primeiro.

Professor: A escolha foi feita de maneira democrática, e a decisão da maioria deve ser respeitada. É importante aprender a respeitar as decisões da maioria.

Vitor: Perdemos um tempão da aula por causa do desentendimento da Brenda com a Lorena. Isso poderia ter sido resolvido rápido com conversa.

Professor: Mas resolveram com conversa?

Vitor: Sim, mas tivemos que falar um monte de coisas para a Lorena, mas ficou resolvido com conversa.

Professor: Como não temos tempo para continuar a discussão, quero reforçar que o cartaz que vocês criaram deve ser respeitado. Se isso não acontecer, teremos que revê-lo e criar alternativas. Até agora, está sendo eficaz, então continuaremos usando os cartazes com as regras sugeridas, ou seja, conversa para resolver as intrigas, conflitos e evasão da aula.

Todos concordam e se preparam para finalizar a aula e retornar à sala de aula com a professora da sala.

RODA DE CONVERSA 6 - 16.11.2023

TEMA: Desigualdade de gênero no jogo e na vida cotidiana

Faltando 15 minutos para acabar a aula, apitei o final do jogo e chamei todos para a roda de conversa no centro da quadra. Pedi para a Lorena filmar dessa vez.

Professor: Quem quiser falar, levante a mão. O que vocês acharam do jogo?

Felipe: Foi divertido, disse ele.

Elisa: pediu para falar também (nunca falava nada). Nós ficamos só esperando enquanto todos os outros se divertiam. Não achei isso justo, comentou ela.

Professor: Vocês acham que o jogo foi justo?

Vitória: Quando fomos para a linha, não jogamos quase nada.

Eduarda: Tivemos que ficar esperando.

Professor: E o que vocês acharam dos pontos dos meninos valerem um e das meninas valerem só meio?

Felipe: Achei justo.

Vitor: Deveria ser pontuação igual para as meninas também. Caso contrário, vamos entrar em discórdia e causar briga.

Beatriz: Não achei certo quando o Felipe disse que foi justo. As meninas não deveriam marcar meio ponto só por serem meninas. A pontuação deveria ser igual para todos.

Felipe: Deveria valer o mesmo ponto só para aquelas meninas que gostam de futebol, porque algumas não estavam interessadas no jogo.

Professor: E o que as meninas acharam de ter que ajudar na linha e ainda voltar para defender?

Eduarda: Foi injusto.

Beatriz: Além de defender os pinos, ainda tínhamos que ficar atentas para não os derrubar com os pés, o que aconteceu algumas vezes.

Professor: E sobre acontecimentos durante o jogo que poderíamos comparar com a vida cotidiana dos seus pais ou de vocês fora da escola?

Vitor: Desigualdade, disse ele.

Professor: Em que sentido?

Vitor: Tipo, como lá em casa, se tiver um bife para os homens e meio para as mulheres, é uma desigualdade e isso não é certo.

Lorena: Não dava tempo de ficar saindo para a linha e voltar para defender.

Vitor: As meninas terem que ir para a linha e voltar para defender é como as tarefas das mulheres em casa. Elas têm que cuidar da casa, podem chegar atrasadas do emprego e ainda não dá tempo de fazer o serviço doméstico.

Lorena: Isso também é injusto. Os homens na casa devem ajudar e não deixar tudo só para as mulheres.

Professor: Em qual parte do jogo podemos relacionar com o que a Lorena falou?

Lorena: Quando fomos para a linha, os meninos não passavam a bola para nós. Não adiantava nada sairmos da área para ajudar na linha.

Como ninguém mais queria falar, finalizei a conversa. Esses são alguns aspectos e injustiças do jogo que podemos relacionar com o dia a dia fora da escola. É importante entender como o jogo reflete muitos acontecimentos da vida real.

Refleti sobre as respostas dos alunos. Vitor e Lorena mencionaram a questão da alimentação em casa, onde alguns têm direito a mais mistura do que outros. Isso expõe a carência alimentar e a condição financeira precária deles.

Percebi que o problema não estava no jogo em si, mas na roda de conversa, onde não conseguiram relacionar com fatos do dia a dia. Em outro quinto ano, realizei a mesma atividade e, surpreendentemente, mesmo com alunos mais atrasados na aprendizagem, conseguiram fazer essas conexões. Isso me serviu como um aprendizado: nunca subestimar os alunos, pois eles podem nos surpreender.

APÊNDICE F

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS FINAIS

ENTREVISTA 1

ENTREVISTA COM O FELIPE

Professor: Vamos lá então Felipe. Primeira pergunta: As atividades realizadas durante este semestre tiveram alguma importância para você? Por quê?

Felipe: Para mim teve, por causa que alegra a gente, a gente gosta de brincar, a gente não gosta de só ficar na sala.

Professor: Fora isso as atividades tiveram alguma outra importância ou só pelo fato de não ficar só na sala mesmo?

Felipe: Sim, a gente pensa mais um pouco, a gente não fica mais com lerdeza, a gente aprende a pensar rápido, essas coisas.

Professor: Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre: as meninas; os meninos; entre os meninos e as meninas?

Felipe: Bom... misturar meninos com meninas eu acho legal, uma coisa bem certa por causa que é injusto meninas só com meninas e meninos só com meninos, tem que misturar colocar meninas no meio, se não fica muito roubado. Tem menina que gosta de jogar, tem menina que não gosta. Daí tem que misturar, colocar meninas com meninos e meninos com meninas.

Professor: Você acha que isso ajuda em que?

Felipe: Ajuda... é... também se não colocar, vão falar que é machismo né, e é legal deixar enturmado, misturar, por causa que, por exemplo: eu acabei de entrar na escola e se colocar menino com menina eu vou me enturmar já com as pessoas daqui, é melhor assim.

Professor: Tipo a Raquel que entrou ela se enturmou com meninos e meninas e agora ela está acostumada com as pessoas.

Professor: Próxima pergunta: Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhoria em relação as brigas, discussões e desentendimentos?

Felipe: Sim, melhorou!

Professor: Por qual motivo?

Felipe: Ah... as crianças se divertem mais, as crianças gostam de ficar brincando, elas não gostam de ficar fazendo isso dentro da sala.

Professor: Qual foi o motivo para ter melhorado essas discussões e essas brigas, o que influenciou para ter melhorado?

Felipe: Os cartazes.

Professor: você acha que os cartazes foram essenciais para isso, qual foi a importância dos cartazes?

Felipe: Coisas para não acontecerem na Educação Física, coisas erradas.

Professor: Legal!

Felipe: Você também influenciou, falar na calma, sem brigar.

Professor: Você acha que as conversas também ajudaram?

Felipe: Sim, as conversas sim.

Professor: De que forma os cartazes ajudaram?

Felipe: Ajudou a resolver na palavra, ajudou a influenciar as crianças a não ficarem brigando, fazendo coisa errada, não fazer coisa feia na Educação Física, resolver as coisas na calma.

Professor: Como os cartazes resolviam estes problemas.

Felipe: Na conversa.

Professor: Você acha que os cartazes foram importantes para isso?

Felipe: Foi.

Professor: Vamos lá então, a última pergunta: O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões?

Felipe: Ah... nada. Está bom como esta.

Professor: Você não tem nada para falar para que pudesse melhorar, em relação as discussões, as brigas e desentendimentos?

Felipe: Uma coisa que eu acho também, é que os meninos têm que deixar as meninas jogarem com eles, por causa que tem alguns meninos que não deixam as meninas jogarem bola com eles.

Professor: Alguns meninos não deixam as meninas jogarem bola, isso?

Felipe: Eu já vi o Matheus.

Professor: Mas o que o Matheus faz para não deixar jogar bola?

Felipe: Ah... fica falando que não pode, que já está cheio de pessoas, mas não tem quase ninguém de pessoas. Mesmo assim, se estiver cheio tem que entrar, elas têm que brincar também, não são só os meninos.

Professor: Você não tem nada a declarar então?

Felipe: Não.

Professor: Obrigado Felipe!

ENTREVISTA 2

ENTREVISTA COM A RAQUEL

Professor: Vamos lá Raquel, primeira pergunta: As atividades realizadas durante este semestre tiveram alguma importância para você? Por quê?

Raquel: Sim. Lá na outra escola eu só recebia regular, então aqui eu quero aprender coisas novas.

Professor: Legal! E aqui o que foi importante para você, tem alguma coisa nova que foi importante para você?

Raquel: Atividades?

Professor: Isso.

Raquel: Aquelas gincanas, do Dia das Crianças, eu nunca tinha feito na outra escola.

Professor: Muito bem, vamos para a próxima pergunta: Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre: as meninas; os meninos; entre os meninos e as meninas?

Raquel: Nos times?

Professor: Não, como era a interação e a convivência entre vocês?

Raquel: Ah tá agora entendi. Às vezes era uma convivência boa, mas às vezes também era uma convivência ruim porque tem muita briga, só quando chega na Educação Física, tem muita briga aqui.

Professor: Ok. E quando as ações eram boas, o que acontecia?

Raquel: Ahh quando todo mundo entende as coisas, quando todo mundo participava dos jogos e não ficavam sentados na arquibancada, tipo triste ou chorando.

Professor: Ok. Próxima pergunta: Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhoria em relação as brigas, discussões e desentendimentos?

Raquel: Sim.

Professor: E o que foi que melhorou?

Raquel: Foi tipo, como agora ninguém está brigando, tipo, nas outras aulas só estava tendo brigas e agora está melhorando aos poucos, quando a gente vai conversando.

Professor: Você acha então que com a conversa resolveu?

Raquel: Sim, conversando e compartilhando algumas coisas, daí não fica chato para a pessoa.

Professor: E qual foi o motivo para haver estas conversas nas aulas de Educação Física, qual foi o motivo?

Raquel: O motivo foi assim, tipo, teve uma briga e eu e a Beatriz aquele dia lá, nós tentamos resolver, mas não conseguimos porque eles queriam só do jeito deles e nós também queríamos ajudar eles, só que eles não queriam.

Professor: Mas qual foi o motivo para haver está conversa, como vocês perceberam que a conversa era um ponto bom, você saberia dizer?

Raquel: Balançou a cabeça para os lados, condizente com não.

Professor: Vamos para a próxima pergunta então.

Professor: O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos?

Raquel: Para melhorar toda esta briga?

Professor: Isso.

Raquel: É todo mundo compartilhando, todo mundo conversando, não ficar brigando. Todo mundo fazer todos os jogos juntos, não ficar brigando, se achando o melhor, porque ninguém é melhor, todo mundo tem seu jeito, o jeito da pessoa.

Professor: Muito bem Raquel, obrigado!

ENTREVISTA 3

ENTREVISTA COM A LORENA

Professor: A primeira pergunta: As atividades realizadas durante este semestre tiveram alguma importância para você? Por quê?

Lorena: Teve, porque as brincadeiras que você estava dando para nós era legal. Mas também nós brincávamos, ficava tudo bem, mas tinha brigas.

Professor: Qual era o motivo dessas brigas?

Lorena: Porque, tipo assim, a pessoa começa a perder e não aceita perder e como a pessoa não aceita perder, ela quer colocar a culpa toda na outra pessoa, ela quer descontar na pessoa.

Professor: E quem são essas pessoas que eles querem descontar?

Lorena: Eu brigo, mas não é para tanto não.

Professor: Você disse, que eles queriam descontar em alguém. Quem que descontava em quem?

Lorena: Tipo, eu outro dia, eu não aceitei perder e eu descontei na Brenda, então não valeu. Mas se resolver tudo na palavra, dá certo.

Professor: Entendi, tudo bem!

Próxima pergunta: Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas com as meninas, os meninos com os meninos e os meninos com as meninas? Como que foi essa interação essa convivência de vocês durante as aulas de Educação Física?

Lorena: Eu preferi, tipo...

Professor: Vamos por partes, qual a relação das meninas com as meninas?

Lorena: É boa, só que tinha que ser moleque com menina porque senão não encaixa.

Professor: Por que você acha que não encaixa?

Lorena: Porque, tipo assim, só as meninas vão brincar só as meninas, daí vai perder o gosto. Agora, se os moleques brincarem com as meninas também, vai ser legal.

Professor: E como você acha que era a relação dos meninos com os meninos, como você acha que era a convivência entre eles?

Lorena: Eu acho, na minha opinião, eu acho que eles não gostariam de ficar só com os moleques também, eles preferiam também brincar com as meninas.

Professor: Mas assim, a relação entre eles era boa, dos meninos com os meninos?

Lorena: Era.

Professor: E a relação dos meninos com as meninas? Essa convivência entre vocês, você acha que era boa?

Lorena: É melhor ainda.

Professor: Por que você acha que é melhor ainda?

Lorena: Porque, tipo, eu vou brincar com uma menina, daí o moleque quer brincar também. Você acha que não vai deixar? Tem que deixar também. Porque a mesma coisa, elas pedem para entrar no jogo, eles deixam, então nós os deixamos também.

Professor: Você acha importante, então, essa convivência entre meninoss e meninas?

Lorena: Sim.

Professor: Legal!

Próxima pergunta: Com as atividades realizadas nas aulas da Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês? Teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Lorena: Deu uma melhorada porque, tipo, na outra quinta-feira você estava falando e nós ficamos falando também, mas melhorou.

Professor: Mas qual foi o motivo para essa melhora?

Lorena: Porque, ó, você fala assim, se você falar, se você contar até cinco, quando dá cinco, eles vão falar: ah, vamos ficar quietos, né? Porque senão, nós não vamos para a quadra. Daí eles vão achar que nós não vamos mesmo, igual a outra vez, você deu uma chance. Então, agora, se você falar que vai contar até cinco, eles vão ficar quietos. Porque daí a briga vai parar, daí se falar assim, que você vai pegar o cartaz, vocês terão que conversar de novo, porque a professora Priscila de Educação Física, não a Priscila nossa, a outra, ela falava quando, né, começava a perturbar ela, que ela ficava sentada, só que não ficava parada, ficava passando lição.

Professor: Entendi, mas fora isso, fora a contagem que eu faço na sala de aula, aqui na quadra durante as atividades realizadas, você acha que teve alguma melhora?

Lorena: Teve.

Professor: E qual foi o motivo para ter essa melhora?

Lorena: Espera aí professor, estou pensando.

Professor: Pode pensar.

Lorena: Acho que para ser melhor, foi tipo, o Matheus, ele também deu uma melhorada, deu para perceber já. Agora, eu estou melhorando ainda, mas ele também tem que melhorar, porque se ele não melhorar, todo mundo vai ficar brigando ainda. Porque é ele que - eu arranjo briga - mas ele também arranja.

Professor: Entendi. Mas qual que foi o motivo para vocês melhorarem?

Lorena: Porque tipo assim, a professora tinha falado se a gente não melhorasse, ela ia cortar tudo de nós, passeio tudo.

Professor: Entendi. Mas assim, fora essas coisas que a professora falou, só da Educação Física aqui, o que que você acha que ajudou para melhorar?

Lorena: Eu acho, tipo assim, se não tivesse melhor, eu acho que a gente estaria até agora brigando. A professora estava sentada né, porque a professora falou que nós estávamos de castigo, só que, para melhorar, para mudar essa briga, eu acho que foi... bem na minha cabeça, mas eu esqueci.

Professor: Não tem problema. Vamos para a próxima pergunta: O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos?

Lorena: Falar na palavra, conversar na palavra, quando a pessoa estiver triste ir lá ver se está tudo bem, perguntar né, não ir lá para ficar fazendo bullying, essas coisas. Porque bullying, tipo, a professora passou um vídeo para nós. E estava falando sobre bullying. O bullying é de quem traz para a escola e fala para a pessoa. A pessoa fica se sentindo ruim. Daí ela vai achar que ela é gorda e ela vai querer se matar. Então, em vez de julgar a pessoa, vai lá e conversa na palavra né.

Professor: E quem que influenciou você a resolver na conversa, a conversar com as pessoas?

Lorena: Olha, quem que, esses dias mesmo, quem que falou para parar com isso daí, foi você e a Beatriz com os meus colegas, eles estavam falando para eu parar com isso. E a Luna também estava conversando bastante comigo, porque também, se eu não fosse num psicólogo, eu não estaria falando, ontem eu fui, só que eu ainda estou tomando remédio.

Professor: Tudo bem então Lorena. Obrigado!

ENTREVISTA 4

ENTREVISTA COM O JÚLIO

Professor: Vamos lá então Júlio. Quatro perguntinhas bem rápido, ok?

As atividades realizadas durante este semestre, tiveram alguma importância para você? As atividades que você fez na Educação Física? Por quê?

Júlio: Teve. Eu aprendi mais a jogar bola, assim, aprendei as coisas, a jogar vôlei, queimada.

Professor: E qual foi a importância disso para você?

Júlio: Eu acho que vou ter um futuro melhor, né?

Professor: Mas você já tem nada a falar em relação à sua participação nas aulas?

Júlio: Não.

Professor: Ok. Vamos para a próxima pergunta então.

Como você avalia a interação nas atividades realizadas entre as meninas com as meninas? Como você avalia que foi essa convivência das meninas com as meninas, entre as meninas?

Júlio: Não foi muito bom não.

Professor: Por quê?

Júlio: A Lorena brigando, as meninas.

Professor: Por que a Lorena brigava?

Júlio: Ela fica com essa mania mesmo. Desde o ano passado ela fazia essas bobeiras.
Professor: Mas por que ela brigava?

Júlio: Porque ela fica se achando maior aqui da sala, sabe?

Professor: Entendi. E como foi a convivência, a interação entre os meninos com os meninos?

Júlio: Ficou meio bom, menos o Matheus.

Professor: Mas por que fora o Matheus foi boa?

Júlio: Ah... foi boa porque a gente se deu meio bem, né? Tinha gente brigando, mas os outros estavam se dando bem. Tipo, eu e o Alessandro, o Gustavo, o Pedro.

Professor: E quem que ficava brigando?

Júlio: Acho que era o Felipe, o Vitor e o Bryan.

Professor: Entendi. E a relação entre os meninos com as meninas, como que era essa relação, essa convivência?

Júlio: Não era boa.

Professor: Não era boa por quê?

Júlio: Uns meninos brigando com as meninas e dando aquilo, sabe, menino brigando com menina e depois dando aquilo de voltar para a sala, ficar escrevendo texto.

Professor: Entendi. Então você acha que não era legal essa interação dos meninos com as meninas?

Júlio: Eu não acho legal.

Professor: Mas por que não?

Júlio: Por causa que tem gente muito briguenta.

Professor: Por causa da briga então você acha que não é legal essa interação entre vocês, essa convivência?

Júlio: É, eu acho.

Professor: Entendi. Próxima pergunta.

Com as atividades realizadas nas aulas da Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos? Você acha que as aulas ajudaram a melhorar nessa questão das brigas, discussões e desentendimentos?

Júlio: Eu acho que sim.

Professor: Como ajudou?

Júlio: Ajudou a parar a briga, ajudou também a organizar, ficar quieto e ficar tranquilo.

Professor: E como que foi o motivo para ter essa melhora?

Júlio: Ah... depois de um montão de meses, né, você falando para a gente, a gente agora está obedecendo.

Professor: Entendi. Vamos para a próxima pergunta. O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões das brigas, das discussões e dos desentendimentos?

Júlio: Eu acho... obedecer a você, né?

Professor: Só isso? Você acha que tem alguma coisa mais que poderia ser feito para ajudar?

Júlio: Obedecer a você e respeitar as regras.

Professor: E como que respeita essas regras, o que você tem que fazer para respeitar essas regras?

Júlio: Participar da aula, né? Participar, não fazer briga, não ficar xingando.

Professor: Legal Júlio. Obrigado!

ENTREVISTA 5

ENTREVISTA COM O MATHEUS

Professor: Vamos lá Matheus. São quatro perguntinhas, ok?

As atividades realizadas durante o semestre tiveram alguma importância para você? Por quê? As aulas de Educação Física tiveram alguma importância para você? Por quê?

Matheus: Todo mundo brincar juntos, se divertir, tocar bola, jogar basquete, fazer amizade, parar de brigar e não ficar conversando.

Professor: Você acha que foi importante então para isso?

Matheus: É... e ter amigos.

Professor: Legal. Próxima pergunta. Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas com as meninas? Como foi essa convivência das meninas com as meninas nas aulas de Educação Física?

Matheus: Deu tudo bem.

Professor: Por quê?

Matheus: As meninas são tudo amigas, os moleques são tudo amigos, e aí fica rápido.

Professor: Entendi. E como foi a convivência entre os meninos com os meninos?

Matheus: Com os meninos... o Vitor me derrubou ali na quadra hoje, daí ele levantou eu, daí eu fui fazer o gol, daí eu fiz o gol, daí ele chutou eu lá em cima, daí eu fiquei chorando, porque eu bati a minha costela, daí ele pediu desculpas.

Professor: Mas você acha que a relação entre os meninos é boa?

Você acha que é boa? Por que você acha que é boa?

Matheus: Sim.

Professor: Por que você acha que é boa?

Matheus: Porque eu quero ter amizades, eu quero ter amigos.

Professor: E a relação dos meninos com as meninas? Como você acha que é essa relação dos meninos com as meninas durante as aulas de Educação Física?

Matheus: Todo mundo precisa parar de brigar, fazer amizades e conversar.

Professor: Mas você acha que era boa essa relação, não tem nada para falar?

Matheus: Não.

Professor: Tudo bem, mais uma perguntinha. Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês? Teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Matheus: Não teve.

Professor: Não melhorou nada?

Matheus: Não... melhorou.

Professor: Melhorou? Você acha que a Educação Física ajudou?

De que forma que a Educação Física ajudou?

Matheus: Todo mundo brincando junto, se divertindo, tocar bola, jogar basquete.

Professor: Fazer todos juntos, isso? Você acha que a Educação Física ajudou nisso?

Matheus: Igual o Vitor e o Bryan, quando eles tocaram a bola para mim, eu toquei para eles também.

Professor: Mas assim, você acha que a Educação Física, as aulas de Educação Física, ajudaram para melhorar essa convivência entre vocês? De que forma que a Educação Física ajudou?

Matheus: Eu acho que a Educação Física ajudou a parar de brigar e para todo mundo parar e conversar.

Professor: Você acha que a conversa então é o motivo para resolver?

Matheus: Sim.

Professor: Entendi. E o que ajudou para resolver na conversa?

Matheus: Não sei.

Professor: Tudo bem, outra pergunta. O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões das brigas, discussões e desentendimentos? O que você acha que poderia ser feito para melhorar isso?

Matheus: Não sei.

Professor: Você não sabe, não vem nada na sua cabeça?

O que você faria para melhorar isso se fosse com você, se tivesse alguma briga com você, alguma discussão, se fosse com você, o que você faria para melhorar?

Matheus: O quê?

Professor: O que você faria se alguém fosse brigar com você, se tivesse alguma discussão, o que você faria?

Matheus: Eu falava para ele parar, para gente ser amigo e iria contar para o professor.

Professor: Entendi. Obrigado Matheus!

ENTREVISTA 6

ENTREVISTA COM A VITÓRIA

Professor: Vamos lá Vitória, quatro perguntinhas. As atividades realizadas nas aulas de Educação Física durante esse semestre, tiveram alguma importância para você? Por quê?

Vitória: Sim.

Professor: Por quê?

Vitória: Porque, sabe, na parte que a gente está falando sobre mulher e homem ser do mesmo jeito e tal, antes eu não concordava com isso, agora que você está falando essas coisas, teve importância para mim.

Professor: Teve importância para você?

Vitória: Sim.

Professor: Os meninos com as meninas?

Vitória: Aham.

Professor: Legal, bacana! Vamos lá, próxima pergunta. Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas, as meninas com as meninas? Como foi essa relação, essa convivência entre vocês?

Vitória: Ah... normal.

Professor: Era boa?

Vitória: Ah... não era muito não. Tipo, às vezes alguém irritava as meninas, chamava atenção, essas coisas.

Professor: Quem que chamava atenção?

Vitória: O Vitor, principalmente ele.

Professor: E você acha que isso atrapalhava?

Vitória: Para mim sim.

Professor: Ok, mas a relação das meninas com as meninas, era boa?

Vitória: Ah... só a Lorena que atrapalhava um pouco, e tal.

Professor: Atrapalhava como?

Vitória: Tipo assim, ela brigava às vezes, sabe, mandava um pouquinho, para mim.

Professor: Por quê?

Vitória: Tipo assim, vai pegar a bola, agora é a minha vez, gritava sabe.

Professor: Entendi. E a relação dos meninos com os meninos, como você acha que era a relação entre eles?

Vitória: Ah, não sei por que... acho que é normal né.

Professor: Você acha que era boa também?

Vitória: Para mim o Matheus que era o problema.

Professor: Por que você acha que o Matheus era o problema?

Vitória: Porque, tipo assim, como eu posso dizer... ele é igual a Lorena, fica brigando com todo mundo, ele acha que é ele que está certo.

Professor: Entendi. Então esse era o motivo?

Vitória: Sim.

Professor: Entendi. E a relação entre os meninos e as meninas, como você acha que era?

Vitória: Acho que normal também.

Professor: Você acha que era boa também, os meninos com as meninas?

Vitória: Ah... não muito boa.

Professor: Por que não muito boa?

Vitória: Como é que eu falei, o Vitor me irritava e atrapalhava um pouco, o Matheus era muito mandão, essas coisas. Só esses dois mesmos.

Professor: Entendi, legal! Próxima pergunta. Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês? Teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Vitória: Sim. Por conta do dia que nós estávamos conversando lá sobre o cartaz. Para mim melhorou um pouco o Matheus, agora ele não está mais chato. E o Vitor agora ele parou de irritar porque a professora tinha brigado com ele.

Professor: E você acha que o cartaz foi o que ajudou a melhorar?

Vitória: É. Para mim sim. Porque você conversou tudo sobre essas coisas, acho que ajudou.

Professor: Legal. O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos?

Vitória: Olha, tipo assim, se o Matheus brigar com alguém por nada, aí ele começa a discutir e tal, xingar a mãe dos outros, essas coisas, aí a providência que eu queria tomar era chamar alguém, tipo de maior igual a você professor, para conversar com ele, para ele mudar essa atitude dele.

Professor: Você acha que só chamando alguém para intervir ali que melhoraria?

Vitória: Sim, um adulto. Porque, tipo, se for uma criança com criança não vai adiantar nada.

Professor: Você acha que não resolve?

Vitória: Não.

Professor: Nem na conversa?

Vitória: É... conversa resolve um pouco, só que tem que um adulto chamar a atenção dele para ele ver a autoridade.

Professor: Legal Vitória! É só isso, obrigado!

ENTREVISTA 7

ENTREVISTA COM A BEATRIZ

Professor: Vamos lá Beatriz, quatro perguntinhas. As atividades realizadas durante esse semestre, tiveram alguma importância para você? Por quê?

Beatriz: Teve. Para a gente aprender a se juntar, fazer trabalho em grupo e sobre o negócio das mulheres lá, que o dinheiro da mulher é igual o dinheiro dos homens, que não é por causa do gênero que tem que influenciar.

Professor: Ah, legal! Você acha que as aulas estão ajudando nisso então?

Beatriz: Sim, ajudou.

Professor: Muito bem! Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas, entre meninas com meninas? Como você avalia que foram as interações, essa convivência de vocês durante as aulas?

Beatriz: Ah, a gente se dá bem, só tem uma pessoa que a gente não se dá tão bem assim.

Professor: Quem?

Beatriz: A Lorena.

Professor: E por que você acha que você não se dá tão bem assim com ela?

Beatriz: Porque qualquer coisa para ela é briga. Se você olhar para ela, já é briga.

Professor: Entendi. E fora isso, então você acha que a interação das demais meninas era legal?

Beatriz: Sim.

E como você acha que é a interação entre os meninos, entre eles, os meninos com os meninos, como você vê essa relação entre eles?

Beatriz: Ah, tem algumas brigas sim.

Professor: Também? Qual que é o motivo dessas brigas?

Beatriz: Vitor e Matheus, porque eles, às vezes eles brigam porque um fica roubando alguma coisa do outro, um fica brigando por pouca coisa, mas eu acho que a reação deles, tirando isso, é boa.

Professor: E a relação entre os meninos e as meninas, como é essa relação?

Beatriz: Antes era pior, mas agora está dando uma melhorada, depois que a gente começou a fazer os cartazes, que a gente começou a resolver os assuntos na conversa, está dando certo.

Professor: Você acha que os cartazes ajudaram?

Beatriz: Sim, ajudou.

Professor: Como os cartazes ajudaram?

Beatriz: Ajudou porque a gente aprendeu que a gente não se deve resolver na violência, e sim na conversa, porque a gente, tipo, a gente tem que resolver tudo na conversa e se não der certo, a gente tenta de uma maneira que não seja violência também.

Professor: Ah, legal! Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física, você acha que melhorou as relações das brigas, as discussões e os desentendimentos?

Beatriz: Teve.

Professor: Teve uma melhora?

Beatriz: Teve, porque sempre quando a gente briga na sala a professora também ajuda a gente, fala que tem que resolver na conversa, todo mundo

se lembra do cartaz.

Professor: Ah, legal! Então, isso só não nos ajudou aqui, como também ajudou na sala de aula?

Beatriz: Sim.

Professor: Olha que bacana, que legal, muito bem! O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos? Você acha que algo mais dá para ser feito para melhorar?

Beatriz: Não, além do cartaz, dá para a gente...sempre quando tiver briga do Vitor, do Matheus e da Lorena, a gente fala para eles ficarem lendo o cartaz até eles se resolverem, deixando eles conversarem um, tipo, deixá-los num cantinho assim, deixando eles conversar para tentar se resolver.

Professor: Tá, mas só com eles que vai ajudar nisso, só com eles

ou por eles ajudarem outras pessoas também?

Beatriz: É, outras pessoas também, tentarem conversar com eles.

Professor: Então, deixa eu ver se eu entendi, você acha que não tem nada para ser feito só os cartazes, as conversas, você acha que já é suficiente?

Beatriz: É.

Professor: O que vem na sua cabeça é só isso?

Beatriz: É.

Professor: Tudo bem então. Obrigado Beatriz!

ENTREVISTA 8

ENTREVISTA COM O PEDRO

Professor: Vamos lá Pedro, quatro perguntinhas. As atividades realizadas nesse semestre, nas aulas de Educação Física, tiveram alguma importância para você? Por quê?

Pedro: Teve, ensinou bastante coisa, aprendi as brincadeiras quando eu jogava e comecei a resolver as coisas na conversa.

Professor: E o que ajudou a resolver na conversa, qual foi o motivo?

Pedro: Por causa que a nossa sala, tipo, sempre brigava quando a gente jogava algum jogo, daí ele sempre teve de resolver na briga. Daí depois, deu um tempo, a gente foi conversando e deu certo, por isso que eu achei boas razões.

Professor: Legal Pedro! Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas, as meninas com as meninas, a convivência e a interação das

meninas com as meninas? Como você acha que era a convivência delas nas aulas de Educação Física?

Pedro: Eu gosto, para mim estava bom. Porque vai ter mais gente e vai ser melhor o jogo. São jogos que a gente vai jogar, como pega-pega.

Professor: Mas como você acha que era a relação entre elas, só as meninas com as meninas, você acha que era boa a relação entre elas?

Pedro: Mais ou menos, elas brigam bastante.

Professor: Qual é o motivo dessa briga?

Pedro: Ah, não faz alguma coisa certa, elas brigam. Se você faz alguma coisa certa, briga. Daí por causa disso.

Professor: E como que era a relação entre os meninos, os meninos com os meninos, essa convivência dos meninos, como que era nas aulas de Educação Física?

Pedro: Eu gosto, porque os meninos não são muito de ficar brigando. E tipo, os meninos acho que colaboram um pouco, as meninas já não querem muito colaborar.

Professor: Entendi. E a relação dos meninos com as meninas, como você acha que era essa convivência nas aulas?

Pedro: Bom, por causa que, tipo, as meninas podem brigar, mas depois é só resolver, que a gente continua fazendo o jogo que a gente estava fazendo, e isso também está ótimo, porque a gente pode brincar.

Professor: E como que resolveria isso, essas brigas?

Pedro: Essas brigas na conversa.

Professor: Na conversa?

Pedro: Isso.

Professor: Legal! E qual que foi o motivo para começar a resolver na conversa?

Pedro: O senhor sempre ia e falava assim, vamos sentar aqui no círculo para gente conversar. Daí a gente gravava, por causa disso.

Professor: Você acha então que as horas de conversa que a gente tem também é importante?

Pedro: É.

Professor: Legal! Próxima pergunta. Como as atividades realizadas nas aulas da Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Pedro: Pouco, mas teve.

Professor: Pouco? E qual que foi o motivo melhorar?

Pedro: Ah... as meninas começaram a colaborar, os meninos também. Daí foi indo, daí deu certo.

Professor: Deu certo?

Pedro: Isso.

Professor: E qual que foi o motivo para que as meninas e os meninos começarem a melhorar?

Pedro: Porque, tipo, a conversa é sempre bom para as pessoas saberem o que tem que fazer, não tipo ir no murro a murro assim, na conversa você pode resolver.

Professor: Você acha que essa conversa é importante então para resolver?

Pedro: Sim.

Professor: E como que essa conversa veio para vocês, como que foi percebido que essa conversa era boa?

Pedro: Quando a gente teve a primeira briga, daí a gente já começou a conversar, a conversar, fizemos os cartazes. Naquele cartaz lá está escrito as coisas boas que a gente escreveu, está tudo.

Professor: Então foi o cartaz que ajudou?

Pedro: Uhum.

Professor: Ah, que legal, bacana. Última pergunta. O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, desentendimentos e discussões, você acha que tem alguma coisa que poderia ajudar, para melhorar?

Pedro: Sim, ajudaria bastante.

Professor: O que poderia ser feito para melhorar?

Pedro: Tipo, naquela parte ali de escolher as brincadeiras, as meninas ficam brigando por causa que, ah...voto, voto, voto... assim tipo ficou um pouco injusto porque daí se tiver mais meninas, as meninas vão ganhar, se tiver mais meninos, os meninos vão ganhar. Por isso que eu acho um pouco injusto.

Professor: E como você acha que poderia ser feito para melhorar isso?

Pedro: Podia ser assim, um dia os meninos, um dia as meninas. Ou podia escolher uma menina, um menino, uma menina, um menino.

Professor: Você acha que assim ficaria mais justo?

Pedro: Isso, ficaria bem mais justo.

Professor: Ah, legal! Muito bem Pedro. Obrigado!

ENTREVISTA 9

ENTREVISTA COM A RILLARY

Professor: Vamos lá então Rillary. Só quatro perguntinhas. As atividades realizadas durante o semestre tiveram alguma importância para você? Por quê?

Rillary: Mais ou menos.

Professor: Mais ou menos por quê?

Rillary: Porque eu acho que não adiantou nada. As brincadeiras até que são legais, mas às vezes é sem graça.

Professor: Então não teve nenhuma importância para você?

Rillary: Não, sim e não.

Professor: Por que o sim então?

Rillary: O sim, por causa que às vezes as brincadeiras me alegravam. E não, por causa que às vezes eu fico brava.

Professor: Fica brava por quê?

Rillary: Por causa que vocês não começam as brincadeiras logo.

Professor: Ah, entendi! Então está bom, vamos para a próxima pergunta. Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas, a convivência e a interação entre as meninas?

Rillary: Muito boa.

Professor: Por quê?

Rillary: Por causa que eu acho que as meninas se entendem mais do que os meninos.

Professor: Entendi. E como que é a relação entre os meninos, como você vê a relação entre os meninos?

Rillary: Eu acho que entre eles é boa, mas para mim não muito não. Por causa que as únicas pessoas que eu vejo que meio que faz graça, é o Eric, o Matheus, o Vitor e o Alessandro também. Eu acho que é boa para eles, mas para mim não.

Professor: Por que não é bom para você?

Rillary: Não é que não seja bom para mim, por causa que eu nunca fiquei no meio de muito menino desse jeito, daí eu não sei muito o que falar.

Professor: Entendi. E como você acha que é a relação entre os meninos e as meninas?

Rillary: Eu acho que é boa, tirando o Matheus e o Vitor também.

Professor: Por que você acha que não é boa?

Rillary: Por causa que os outros meninos não ficam fazendo graça igual o Matheus e o Vitor.

Professor: Entendi. Vamos para a próxima pergunta. Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Rillary: Brigas não, por causa que quando a gente briga na Educação Física, na sala todo mundo fica quieto, mas só que depois no recreio a gente que eles começam a falar, daí eu acho que não resolve nada.

Professor: Mas então as aulas da Educação Física não ajudam em nada, você acha?

Rillary: Na Educação Física, quando brigam, eles fingem que se entenderam para continuar a aula. Daí eu fico, tá bom, então a gente vai jogar, daí eu não falo nada. Mas depois a gente discute do mesmo jeito.

Professor: Você acha que é tudo fingimento então?

Rillary: Na Educação Física até melhoram, mas só que na sala, no recreio, lá fora, não melhora nada.

Professor: E o que você acha que ajudou a melhorar nas aulas da Educação Física?

Rillary: O Cartaz fez um pouquinho de diferença. Antes brigava muito, agora tá meio na metade assim.

Professor: Você acha que o Cartaz então foi o que ajudou um pouco?

Rillary: É, um pouco.

Professor: Ah legal, bacana, muito bem! O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos?

Rillary: Quando briga, é igual aquilo você faz, fala o que vai para a sala e pronto, eu acho.

Professor: E você acha que nada mais pode resolver isso?

Rillary: E quando as pessoas que estão brigando você deixa sem Educação Física.

Professor: Você acha que isso resolve o problema?

Rillary: Eu acho que sim.

Professor: Você acha justo deixar sem Educação Física?

Rillary: Foi elas, foi eles, elas, sei lá... não foi nós!

Professor: Você acha que essa é a solução para o problema então, não tem mais para resolver?

Rillary: Não.

Professor: Tudo bem então, obrigado Rillary!

ENTREVISTA 10

ENTREVISTA COM O ERIC

Professor: Vamos lá então Eric, quatro perguntinhas, bem rapidinho. As atividades realizadas durante esse semestre, tiveram alguma importância para você? Por quê?

Eric: As brincadeiras?

Professor: Isso.

Eric: Ah, sim.

Professor: Sim, por quê?

Eric: Por causa que essa mesma que você fez lá, sabe? Que você ficou atravessando, essas coisas, que nós ficamos lá, foi bom até!

Professor: Ok, mas assim, fora hoje, os outros dias de Educação Física tiveram alguma importância? Por que que teve alguma importância?

Eric: Por que que teve alguma importância?

Professor: É.

Eric: Ah, por causa que, ó, não tem aquele dia lá que você fez a queimada?

Professor: Sei.

Eric: A importância é que acho que ninguém brigou lá naquele dia.

Professor: Por que você acha que ninguém brigou naquele dia?

Eric: Por causa que foi tudo certo.

Professor: O que que foi tudo certo?

Eric: Todo mundo, quem já tacava e jogava a bola para o outro que não tacou, daí não teve muita briga.

Professor: Ah, entendi. E nos outros dias não teve nada assim que foi importante, que foi legal?

Eric: Não lembro.

Professor: Então vamos para a próxima pergunta. Como você avalia a interação nas atividades realizadas entre as meninas, as meninas entre elas, a convivência delas, como você acha que foi na Educação Física?

Eric: Foi bom, mas a Lorena ficava brigando.

Professor: Só a Lorena?

Eric: Mas ela parou.

Professor: Por que que ela parou?

Eric: De tanto que os outros conversavam com ela, para ela parar. A professora falava para ela parar.

Professor: Bastante gente conversou com ela então?

Eric: Sim.

Professor: Entendi. Outra pergunta. Com as atividades realizadas nas aulas da Educação Física, você acha que melhorou a convivência de vocês, teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Eric: Sim, aquele cartaz que você fez aquele dia, sabe?

Professor: Ah, sei.

Eric: Melhorou até as brigas.

Professor: Você acha que com o cartaz melhorou então?

Eric: Aham, mas só nessa parte.

Professor: Qual parte você fala?

Eric: A de brigas, essas coisas.

Professor: Entendi, então o cartaz foi importante para isso então?

Eric: Sim.

Professor: Ah, legal! E como o cartaz resolveu isso, o que teve no cartaz que ajudou?

Eric: Nós escrevemos várias coisas lá sobre briga, para não brigar, essas coisas.

Professor: E qual foi a solução?

Eric: A solução eu não lembro, mas ajudou.

Professor: Está bom, muito bem! E o que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos, o que você acha que poderia ser feito para melhorar isso?

Eric: Ah... para não brigar nessas coisas aí?

Professor: Isso, o que você acha que poderia ser feito para melhorar isso?

Eric: Ah, não sei.

Professor: Não vem nada na sua cabeça agora?

Eric: Não.

Professor: Tudo bem então. Obrigado Eric!

ENTREVISTA 11

ENTREVISTA COM A ELISA

Professor: Vamos lá então Elisa. Primeira pergunta. As atividades realizadas durante esse semestre, tiveram alguma importância para você? Por quê? As atividades mais realizadas na quadra, tiveram alguma importância para você?

Elisa: Sim, eu aprendi bastante, tanto sobre as brincadeiras, tanto sobre a história.

Professor: Ok, e o que você pode falar assim das atividades realizadas, por que elas foram boas e por que elas tiveram alguma importância para você?

Elisa: Pois eu aprendi, me diverti e brinquei.

Professor: Ok. Vamos lá, segunda pergunta. Como você avalia as interações das atividades realizadas entre as meninas com as meninas, a relação das meninas com as meninas, a relação dos meninos com os meninos e a relação dos meninos com as meninas? Como você avalia que foi essa interação entre vocês durante as atividades?

Elisa: As meninas com as meninas se deram melhor do que com os meninos, meninos com meninos também, e teve uma rivalidadezinha quando foi menino com menina.

Professor: Como que foi essa rivalidade, explica melhor para mim?

Elisa: É que as meninas queriam bater nos meninos, tentando achar motivo, e os meninos queriam dar uma de durão, ficar brigando com as meninas também, xingando e provocando.

Professor: Entendi. E você acha que qual foi o motivo para essas brigas acontecerem?

Elisa: Ah, algumas meninas ficam tentando bater nos meninos por motiva a toa, tipo, chega perto, dá uma brincadeirinha, já é motivo de bater.

Professor: Entendi. E as brincadeirinhas, é motivo para ter alguma briga ou não?

Elisa: Não, só é motivo para bater quando tipo, fico fazendo brincadeirinhas sem graça, magoa, zoa demais, ai sim.

Professor: Ah, entendi. E você acha que não tem nenhuma outra possibilidade sem se bater para resolver o problema?

Elisa: Tem, tem a conversa.

Professor: Você acha que a conversa resolve?

Elisa: Sim.

Professor: Ah, entendi, bacana! Vamos lá então. Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Elisa: Não.

Professor: Você acha que não teve nenhuma melhora?

Elisa: Não.

Professor: Nem com os cartazes que nós fizemos teve melhora?

Elisa: Uma de 1%.

Professor: Ah é, você acha que melhorou um pouquinho?

Elisa: Sim.

Professor: O cartaz que foi o motivo para melhorar isso?

Elisa: Sim.

Professor: E como você acha que o cartaz melhorou?

Elisa: O povo parou de gritar muito, agora grita pouco, mas ainda grita. E estão parando de bater um no outro.

Professor: Ah, legal! E isso você acha que foi por causa do cartaz?

Elisa: Sim.

Professor: Bacana! E o que o cartaz possibilitou, no seu ponto de vista?

Elisa: Eles estão conversando um pouco mais, estão parando de gritar e estão brigando menos.

Professor: Ah, legal! Última pergunta. O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos?

Elisa: Toda vez que isso acontecer, por exemplo, essas questões, eles se reunirem numa rodinha toda e conversar. Um fala o problema e o outro tenta achar uma solução, todos juntos.

Professor: Ok. Você acha que esse motivo que você falou de conversar foi por causa do cartaz também ou você já pensava assim antes?

Elisa: Eu já pensava assim antes.

Professor: E o cartaz reforçou então?

Elisa: Sim.

Professor: Ok. Obrigado Elisa!

ENTREVISTA 12

ENTREVISTA COM A LUNA

Professor: Vamos lá Luna, quatro perguntinhas, ok? As atividades realizadas durante esse semestre tiveram alguma importância para você? Por quê?

Luna: Ah, tipo assim, até teve, inclusive uma coisa que também me ajudou muito, algumas atividades por eu ter feito e eu ter feito até muitos exercícios físicos também, não muito, mas eu fiz até que bastante, ajudou um pouco, porque sempre tive um problema na minha perna direita, então conforme eu fui fazendo algumas atividades, isso melhorou um pouco.

Professor: Ah, legal, bacana! Alguma outra coisa assim que você gostaria de falar que melhorou, que teve alguma importância para você ou só isso, só em relação a sua perna?

Luna: Que melhorou, algumas atividades eu acho que algumas pessoas também fizeram sentido, sabe?

Professor: Como assim, consegue explicar melhor?

Luna: Tipo, algumas pessoas começaram a se entreter por mais Educação Física, como eu, por mais que eu não faça muitas atividades aqui, que às vezes eu não gosto, mas eu me entreti mais com a Educação Física e nas minhas aulas, e eu acredito que as outras pessoas também.

Professor: E qual foi o motivo de você se entreter mais na Educação Física?

Luna: Ah, as atividades, as brincadeiras proporcionadas, entendeu?

Professor: Ah, entendi, legal! Tudo bem, vamos para a próxima pergunta. Como você avalia as interações nas atividades realizadas entre as meninas com as meninas,

entre os meninos, meninos com os meninos, e entre os meninos e as meninas, como você avalia que foi esta interação?

Luna: Assim, os meninos e as meninas até que se davam bem, porque, sabe, depende muito do menino e da menina, mas até que foi de boa, menino com menina, menina com menina, só tinha algumas meninas que às vezes queriam já brigar com as outras meninas, mas por fim dava tudo certo, e meninos com meninos, às vezes eles queriam se achar melhores, mas meio que é só, até que se deram bem nas atividades.

Professor: Então você acha que os meninos se acham melhores que as meninas?

Luna: É, às vezes, alguns meninos se acham, mas nem todos.

Professor: Entendi, ok! E essas brigas que tinham entre as meninas com as meninas, qual que era o motivo?

Luna: Ah, geralmente era pelo motivo bobo, sabe, algumas meninas e alguns meninos queriam arranjar briga por qualquer motivo, o que atrapalhava um pouco.

Professor: Certo, próxima pergunta. Com as atividades realizadas nas aulas de Educação Física, você acha que melhorou a convivência entre vocês, teve alguma melhora em relação às brigas, discussões e desentendimentos?

Luna: Ah, tipo os cartazes, eu não vou lembrar, mas algumas outras atividades, mas principalmente os cartazes, o cartaz acho que melhorou em torno de 10%, não melhorou muito.

Professor: Ah, entendi, mas você acha que o cartaz foi o motivo de ter uma certa melhora?

Luna: É, porque lá tinha tudo para, tipo assim, vamos dizer, uma Educação Física boa, uma aula boa, tipo, com convivência boa, entendeu, então era bem legal.

Professor: Bacana! Vamos lá, última pergunta. O que você acha que poderia ser feito para melhorar essas questões de brigas, discussões e desentendimentos?

Luna: Ah, primeiramente algumas pessoas levarem, que às vezes problemas acontecem e não é por isso que vocês têm que arranjar briga.

Professor: O que poderia ser feito para melhorar isso?

Luna: Ah, tipo assim, isso depende muito da pessoa, porque a pessoa tem que entender também que não é porque, por exemplo, uma pessoa ou você mesmo fale que, sei lá, ela fez errado aquilo, que ela já fica brava, ela já quer bater em todo mundo.

Professor: Está certo Luna. Obrigado!

ANEXO A

Aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética

UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS CAMPUS BAURU - JÚLIO DE MESQUITA FILHO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRÁTICAS CORPORAIS CONSTRUÍDAS COM BASE NO MARCADOR GÊNERO: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES ENTRE ESTUDANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
Pesquisador: Lilian Aparecida Ferreira
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 70593723.9.0000.5398
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.216.754

Apresentação do Projeto:
Como informado pelo pesquisador responsável no Projeto de Pesquisa e Documento de Informações Básicas, gerado por meio dos dados fornecidos no ato do preenchimento da Plataforma Brasil: "No ambiente escolar é possível observar vários enfrentamentos, o que tende a ocasionar conflitos entre os estudantes. Estes conflitos, dentre outras
questões, podem estar relacionados aos marcadores sociais, resultando em discussões, desentendimentos e, em casos mais graves, bullying e agressões físicas. Os marcadores sociais são características reconhecidas culturalmente, como gênero, raça e classe social. Eles podem levar à discriminação e marginalização de certos grupos sociais, comprometendo seus direitos. Na Educação Física escolar, esses marcadores podem afetar a participação dos alunos nas aulas, configurando processos de exclusão. O marcador gênero tem se destacado como um dos que mais alimenta conflitos nas interações entre os alunos nas práticas corporais. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar uma proposta
pedagógica com atividades que envolvam elaboração e vivência de práticas corporais, construídas com base no marcador gênero, durante as aulas de Educação Física, para as reflexões de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. O estudo se assentará na abordagem qualitativa de pesquisa, envolvendo uma ação ao longo de um semestre letivo com base na intervenção pedagógica. Os participantes do estudo serão 28 estudantes de um 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola do interior do estado de São Paulo. Para a coleta de dados serão utilizados diários

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

de aulas, entrevista, rodas de conversa, registros fotográficos e filmagens dos estudantes nas atividades realizadas. Cumpre destacar que o
professor de Educação Física da turma será também o pesquisador do estudo, assumindo o papel de professor-pesquisador. A expectativa com este estudo é que ele possa contribuir para desnaturalizar a demarcação de práticas corporais para meninos e práticas corporais para meninas nas aulas de Educação Física, ampliando os modos de olhar dos estudantes sobre a questão do gênero".

Objetivo da Pesquisa:
Como informado pelo pesquisador responsável no Projeto de Pesquisa e Documento de Informações Básicas, gerado por meio dos dados fornecidos no ato do preenchimento da Plataforma Brasil: "Objetivo Primário: Analisar uma proposta pedagógica com atividades que envolvam elaboração e vivência de práticas corporais, construídas com base no marcador
gênero, durante as aulas de Educação Física, para as reflexões de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. Objetivo Secundário: - Correlacionar as interações de gênero entre os/as estudantes nas aulas de Educação Física antes e após o desenvolvimento do processo
pedagógico;- Descrever e analisar as reflexões dos estudantes acerca do marcador gênero nas práticas corporais;- Identificar as práticas corporais construídas pelos/as estudantes".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Como informado pelo pesquisador responsável no Projeto de Pesquisa e Documento de Informações Básicas, gerado por meio dos dados fornecidos no ato do preenchimento da Plataforma Brasil: "Riscos: Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para expor ideias e reflexões nas rodas de conversa ou na entrevista, bem como,
de ser observado/a nas aulas. No caso das aulas, outros riscos se relacionam às possíveis ocorrências em relação às práticas dos jogos como quedas, escoriações, trombadas, eventos comuns à prática corporal em grupo. Em caso destas ocorrências, o professor/pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário ao/à aluno/a, indo desde o acolhimento e auxílios imediatos, assim como, acesso à direção da escola e equipes médicas de saúde. Para além destes riscos, cumpre destacar que, nos comprometemos a assegurar a guarda de todo e qualquer registro de gravações, filmagens e imagens, zelando pelo seu arquivamento em local seguro, acessando seu uso somente para fins acadêmico-científicos. Benefícios:
Essa pesquisa poderá trazer contribuições para melhor compreendermos a relação interpessoal entre meninas e meninos durante as práticas corporais nas aulas de Educação Física, bem como construirmos interações com atitudes mais respeitosas e solidárias entre eles/elas".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa se mostra relevante social e cientificamente, além de apresentada por meio do projeto de forma coerente em relação aos aspectos éticos, ou seja, em conformidade com as resoluções vigentes, a saber: 466/12 e 510/16, do CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados e respeitando as orientações das resoluções vigentes do CNS, a saber: 466/12 e 510/16.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Lembramos que é dever do pesquisador responsável, ao término da pesquisa e conforme o cronograma informado à Plataforma Brasil, apresentar o relatório final da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2156365.pdf	06/06/2023 12:01:51		Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_Assinada.pdf	06/06/2023 12:00:18	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Outros	CartadeAceite_Cristiano.pdf	05/06/2023 20:09:30	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Orçamento	Orcamento_Cristiano.pdf	05/06/2023 20:08:45	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tale_Cristiano.pdf	05/06/2023 20:08:34	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tcle_Cristiano.pdf	05/06/2023 20:08:25	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito

Continuação do Parecer: 6.216.754

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjDEFINITIVO_Cristiano_Junho2023.pdf	05/06/2023 20:08:11	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

BAURU, 03 de Agosto de 2023

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br